

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**A DUPLICAÇÃO DE CLÍTICO DE OBJETO DIRETO DE 3ª PESSOA
NO ESPANHOL DE MONTEVIDÉU**

Isabella Calafate de Barros

2018

A DUPLICAÇÃO DE CLÍTICO DE OBJETO DIRETO DE 3ª PESSOA NO ESPANHOL DE MONTEVIDÉU

Isabella Calafate de Barros

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Neolatinas (Área: Estudos Linguísticos Neolatinos, opção: Língua Espanhola).

Orientadora: Profa. Doutora Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold.

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2018

CIP - Catalogação na Publicação

B277d Barros, Isabella Calafate de
A duplicação de clítico de objeto direto de 3ª
pessoa no espanhol de Montevidéu / Isabella
Calafate de Barros. -- Rio de Janeiro, 2018.
137 f.

Orientadora: Maria Mercedes Riveiro Quintans
Sebold.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
Graduação em Letras Neolatinas, 2018.

1. Língua espanhola - Sintaxe. 2. Língua espanhola
- Clíticos. 3. Língua espanhola - Montevidéu. 4.
Língua espanhola - Animacidade. I. Sebold, Maria
Mercedes Riveiro Quintans, orient. II. Título.

A duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa no espanhol de Montevidéu

Isabella Calafate de Barros

Orientadora: Professora Doutora Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Neolatinas (Área: Estudos Linguísticos Neolatinos, opção: Língua Espanhola).

Examinada por:

Presidente, Profa. Doutora Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold – UFRJ

Prof. Doutor Andrew Nevins – UFRJ

Prof. Doutor Leonardo Lennertz Marcotulio – UFRJ

Prof. Doutor Antonio Francisco de Andrade Júnior – UFRJ, Suplente

Profa. Doutora Marcia Maria Damaso Vieira – UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2018

RESUMO

A DUPLICAÇÃO DE CLÍTICO DE OBJETO DIRETO DE 3ª PESSOA NO ESPANHOL DE MONTEVIDÉU

Isabella Calafate de Barros

Orientadora: Professora Doutora Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas (Área: Estudos Linguísticos Neolatinos, opção: Língua Espanhola), Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Neolatinas.

O objetivo desta dissertação foi investigar e descrever o fenômeno da duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa no espanhol de Montevidéu, mais especificamente os casos de contexto anafórico com sintagma pleno pós-verbal. Realizamos uma análise de *corpus* com entrevistas coletadas e transcritas pelo *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y América* (PRESEEA) da cidade de Montevidéu. A hipótese testada foi a de que a duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa em contexto anafórico com sintagma pleno pós-verbal ocorreria, preferencialmente, com referente [+animado], [+definido] e [+específico]. Os resultados apontaram para uma confirmação da hipótese, tendo em vista que a maioria das ocorrências apresentou referente [+animado], [+definido] e [+específico]. Ressaltamos que, com a análise dos dados encontrados, verificamos que tais marcações dos traços de animacidade, definitude e especificidade não são fatores que condicionam a ocorrência da duplicação estudada. Baseada na análise desses traços, apresentamos uma descrição das ocorrências de duplicação. Entre tais traços, o de especificidade parece ser o mais relevante para a descrição dos contextos de ocorrência da duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa em contexto anafórico com sintagma pleno pós-verbal. Os dados analisados nesta dissertação forneceram também indicações de que seja pertinente tratar de um *continuum* entre contexto anafórico e contexto dêitico, dado o status informacional do referente envolvido na duplicação de clítico na qual nos detivemos.

Palavras-chave: Duplicação de clítico; Objeto direto de 3ª pessoa em contexto anafórico; Espanhol de Montevidéu; Traços de animacidade, definitude e especificidade.

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2018

ABSTRACT

3RD PERSON DIRECT OBJECT CLITIC DOUBLING IN MONTEVIDEO SPANISH

Isabella Calafate de Barros

Orientadora: Professora Doutora Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas (Área: Estudos Linguísticos Neolatinos, opção: Língua Espanhola), Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Neolatinas.

The aim of this thesis was to investigate and describe the phenomenon of 3rd person direct object clitic doubling in Montevideo Spanish, more specifically the cases of anaphoric context with full nominal phrase in a post-verbal position. We have done a *corpus* analysis with interviews collected and transcribed by the *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y América* (PRESEEA) of Montevideo. The hypothesis tested has been that 3rd person direct object clitic doubling in an anaphoric context with full NP post-verbal would, preferably, occur with [+animate], [+definite] and [+specific] referents. The results have confirmed the hypothesis, considering that most of the data analyzed have a [+animate], [+definite] and [+specific] referent. It should be emphasized that, with the analysis, we have verified that the features of animacy, definiteness and specificity are not conditioning factors of this type of clitic doubling. Based on the analysis of these features, we have presented a description of clitic doubling data. Among these features, specificity seems to be the most relevant for the description of the 3rd person direct object clitic doubling in anaphoric context with full NP post-verbal. The data analyzed in this thesis have also indicated that it should be considered a *continuum* between anaphoric and deictic context given the informational status of the referent involved in the clitic doubling we have focused on.

Keywords: Clitic doubling; 3rd person direct object in an anaphoric context; Montevideo Spanish; Features of animacy, definiteness and specificity.

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2018

*Aos meus pais, Maria Isabel e Paulo Jaime,
com todo meu amor e admiração.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, sempre, aos meus pais. Obrigada por tudo que fizeram e fazem por mim. Vocês são meus grandes exemplos, me ensinaram quão importante é arregaçar as mangas e correr atrás dos nossos objetivos. A vocês, o maior de todos os agradecimentos.

À toda minha família, pelo apoio e suporte. Perto ou longe, cada um esteve presente à sua maneira. Em especial, um agradecimento à Sophia, minha afilhada, que, mesmo tão pequena, me motiva a seguir sempre em busca do meu melhor.

Aos meus queridos amigos, por tornarem esses últimos dois anos mais leves e felizes. Agradeço, em especial, a duas amigas que acompanharam mais de perto essa etapa da minha vida acadêmica. À Júlia, com quem trilhei esse caminho desde a Iniciação Científica, pelos congressos, aulas e viagens em que estivemos juntas, compartilhando o nervosismo e comemorando cada passo dado. E à Thainá, agora também mestranda, por dividir as angústias e sempre dar bons conselhos.

À Mercedes, minha orientadora, por cada cobrança e pela confiança depositada em mim ao longo dos cinco anos de orientação. Em especial, por esse último ano que passou, em que, mais do que nunca, me ajudou a aprender e a crescer como pesquisadora. À Renata, colaboradora de tantos trabalhos, por, desde o primeiro momento, naquele banco em frente ao Departamento de Letras Neolatinas, ter me incentivado. Agradeço às duas por ouvirem e estarem dispostas a discutir cada uma das minhas dúvidas e inquietações. Obrigada por me ajudarem a concluir este estudo.

Aos Professores Andrew Nevins, Antonio Andrade, Leonardo Marcotulio e Marcia Damaso, por, gentilmente, aceitarem compor a banca examinadora desta dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas – sua coordenação, corpo docente e corpo discente –, pelo trabalho realizado nesses dois anos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras com os quais tive a oportunidade de conviver nas disciplinas cursadas, pelo grande aprendizado.

À CAPES, por financiar esta pesquisa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	19
Figura 2	32
Figura 3	32
Figura 4	68
Figura 5	68
Figura 6	114

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	71
Gráfico 2	72
Gráfico 3	76
Gráfico 4	83
Gráfico 5	103
Gráfico 6	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	23
Quadro 2	88
Quadro 3	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	67
Tabela 2	72
Tabela 3	76
Tabela 4	89
Tabela 5	94
Tabela 6	98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A: Adjetivo (de *Adjective*)

Agr: Concordância (de *Agreement*)

AgrDO: Concordância de Objeto Direto (de *Direct Object Agreement*)

AgrIO: Concordância de Objeto Indireto (de *Indirect Object Agreement*)

AgrP: Sintagma de concordância (de *Agreement phrase*)

AP: Sintagma adjetival (de *Adjective phrase*)

Asp: Aspecto (de *Aspect*)

AspP: Sintagma de aspect (de *Aspect phrase*)

C: Complementizador (de *Complementizer*)

CLLD: *Clitic Left Dislocation*

Compl.: Complemento

CP: Sintagma complementizador (de *Complementizer phrase*)

D: Determinante (de *Determiner*)

DOM: *Differential object marking*

DO CL-D: *Direct Object Clitic-Doubled*

DP: Sintagma determinante (de *Determiner phrase*)

GT: Gramática Tradicional

GU: Gramática Universal

I: Flexão (de *Inflection*)

N: Nome (de *Noun*)

NP: Sintagma nominal (de *Noun phrase*)

P: Preposição (de *Preposition*)

PP: Sintagma preposicional (de *Prepositional phrase*)

PRESEEA: *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y América*

Spec.: Especificador (de *Specifier*)

T: Tempo (de *Tense*)

TP: Sintagma temporal (de *Tense Phrase*)

V: Verbo (de *Verb*)

VP: Sintagma verbal (de *Verb phrase*)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A LINGUÍSTICA GERATIVA E A DUPLICAÇÃO DE CLÍTICO	15
1.1. Uma teoria mentalista	15
1.2. Representações sintáticas da Teoria X-Barra	18
1.3. A natureza dos pronomes clíticos	21
1.4. O par clítico e sintagma na duplicação de clítico	26
2. A DUPLICAÇÃO DE CLÍTICO NO ESPANHOL	35
2.1. O sistema pronominal do espanhol	35
2.2. Um panorama dos tipos de duplicação de clítico no espanhol	40
2.3. A duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa com sintagma pleno pós-verbal	47
2.4. Os traços de animacidade, definitude e especificidade	53
2.4.1. Animacidade	55
2.4.2. Definitude	57
2.4.3. Especificidade	61
3. METODOLOGIA	65
3.1. <i>Corpus</i> PRESEEA e entrevistas utilizadas	65
3.2. Processo de seleção e análise dos dados	67
4. ANÁLISE DOS DADOS	70
4.1. Análise dos contextos de ocorrência da duplicação e da não duplicação	70
4.2. As ocorrências de duplicação e a análise do referente	82
4.3. Status informacional do referente: um <i>continuum</i> entre contexto anafórico e contexto dêitico	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
ANEXOS	124

INTRODUÇÃO

Um tema bastante prolífico para estudos sobre a língua espanhola foi e continua sendo o sistema de pronomes clíticos. Em espanhol, o uso de clíticos em contexto de retomada é muito produtivo, por mais que, em algumas variedades, outras estratégias de realização do objeto, como o objeto nulo, sejam bastante recorrentes. Com um sistema de pronomes clíticos forte, o espanhol é uma língua que apresenta, inclusive, a possibilidade de que os clíticos apareçam junto ao verbo na presença de um sintagma, sendo o clítico e o sintagma correferentes: *La vi a María*¹. Tal fenômeno é conhecido como duplicação de clítico².

Esta dissertação segue os pressupostos teóricos da Linguística Gerativa, que advoga a favor de uma teoria mentalista do estudo da linguagem. Considerando seu caráter mentalista, essa teoria assume que, na mente/cérebro do indivíduo, a linguagem está estruturada, o que implica em uma representação teórica das estruturas sintáticas que o indivíduo pode formar. Estudos dentro desse quadro teórico voltados para a duplicação de clítico trataram da distribuição não complementar entre clítico e sintagma, isto é, da coocorrência de ambos elementos na mesma oração, tendo em vista sua representação sintática.

No que diz respeito à língua espanhola, embora o estudo do sistema de pronomes clíticos tenha ocupado e siga ocupando grande espaço nos trabalhos desenvolvidos, há estudos, mesmo que em menor proporção, que se dedicam à duplicação de clítico. Estudos relevantes como, por exemplo, Jaeggli (1981), Suñer (1988) e Fernández Soriano (1999), mostram que esse fenômeno não pode ser tratado como um fenômeno uniforme. De acordo com o tipo de objeto envolvido na duplicação (direto ou indireto, pronominal ou pleno) e, em alguns casos, conforme a posição que o sintagma ocupa na sentença, a duplicação pode ter diferente produtividade. Há casos tidos como obrigatórios, como aqueles que envolvem um sintagma pronominal. Outros, como os casos de duplicação em que o objeto é indireto e o sintagma pleno, não são considerados obrigatórios, mas são tidos como bastante produtivos e característicos da língua espanhola. Por fim, há, ainda, os casos de duplicação considerados restritos e opcionais, como é o caso da duplicação em que o objeto é direto e o sintagma pleno pós-verbal.

¹ Exemplo retirado de Groppi (2001:230).

² A maioria dos estudos realizados sobre o fenômeno em questão está redigido em inglês e faz uso do termo *clitic doubling*. No caso de estudos redigidos em espanhol, o termo geralmente utilizado é *doblado de clítico*.

Neste estudo, com a finalidade de equiparar os dados analisados, realizamos um recorte e nos dedicamos ao estudo da duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa em contexto anafórico com sintagma pleno pós-verbal. Ao tratar desse tipo de duplicação, estudos como os mencionados anteriormente se dedicaram a tratar dos fatores que condicionariam a ocorrência da duplicação. Entre os fatores observados em tais estudos, estão traços como os de animacidade, definitude e especificidade, assim como a presença da preposição “a” junto ao sintagma. Contudo, o que pudemos observar é que tais estudos não chegam a uma proposta consensual e acabam dando conta apenas de casos particulares.

Inicialmente, com esta dissertação, pretendíamos seguir pelo mesmo caminho dos estudos anteriores com o objetivo de entender o que condicionava a opcionalidade da duplicação de clítico de objeto direto com sintagma pleno pós-verbal. Considerando isso, nosso objetivo inicial foi analisar dados de duplicação e de não duplicação para entender o que, de fato, condiciona a ocorrência de uma construção e não de outra. Entretanto, com a análise inicial dos dados, redefinimos nosso objetivo e decidimos seguir por um estudo de cunho mais descritivo dos contextos de ocorrência de duplicação e dos dados em si. Em outras palavras, mais do que chegar a respostas categóricas e postular condições decisivas para a ocorrência da duplicação, nosso objetivo foi descrever os dados de duplicação encontrados para entender que traços do referente estão em jogo nessas ocorrências e, conseqüentemente, que tipos de dados são licenciados.

Tendo em vista os estudos revisados e os dados recuperados de tais estudos, nossa hipótese, nesta dissertação, é a de que a duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa em contexto anafórico com sintagma pleno pós-verbal ocorreria, preferencialmente, em contextos de referente [+animado], [+definido] e [+específico]. Para testá-la, recorreremos a uma análise de *corpus* que se constitui da análise de entrevistas orais transcritas e disponibilizadas pelo *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América* (PRESEEA) com falantes de Montevideú.

Ressaltamos que, além da análise dos traços de animacidade, definitude e especificidade do referente, também apresentamos uma seção de análise voltada para uma problematização que diz respeito ao status informacional do objeto envolvido na construção de duplicação de clítico. Partindo de uma cisão dos clíticos apresentada em Correa (2003), tratamos, como mencionado anteriormente, dos casos de duplicação em contexto anafórico. Através da análise de dados no que tange aos traços do referente, chegamos a uma discussão sobre o que seria abrangido pela ideia de contexto anafórico apresentada pelo autor.

Esta dissertação está organizada da seguinte maneira: no capítulo 1, apresentamos alguns pressupostos teóricos da Linguística Gerativa e tratamos de diferentes abordagens representacionais no que diz respeito à construção de duplicação de clítico; no capítulo 2, fazemos uma revisão de literatura para apresentar estudos importantes sobre a duplicação de clítico no espanhol, tratamos, com especial atenção, do tipo de duplicação que é nosso escopo neste estudo e também abordamos os traços de animacidade, definitude e especificidade, que são os fatores considerados para a análise dos dados; no capítulo 3, é apresentada a metodologia utilizada, isto é, o *corpus*, as entrevistas utilizadas e critérios para seleção e análise dos dados; no capítulo 4, apresentamos a análise dos dados de duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa em contexto anafórico com sintagma pleno pós-verbal de acordo com os traços de animacidade, definitude e especificidade do referente; por fim, apresentamos as considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos.

1. A LINGUÍSTICA GERATIVA E A DUPLICAÇÃO DE CLÍTICO

Neste capítulo, nos dedicamos a apresentar o quadro teórico no qual se insere esta dissertação, a Linguística Gerativa. Ao adotá-lo, entendemos que a linguagem é uma capacidade humana inata que se encontra estruturada na mente/cérebro dos seres humanos. Partindo de uma exposição mais geral a algo mais relacionado ao fenômeno estudado nesta dissertação, tratamos dos pronomes clíticos e da duplicação de clítico por um viés representacional.

Na seção 1.1., intitulada *Uma teoria mentalista*, apresentamos pontos importantes da Linguística Gerativa no sentido de destacar o seu caráter mentalista, visto que a linguagem, de acordo com esse quadro teórico, é uma faculdade mental. Em 1.2., *Representações sintáticas da teoria X-barra*, apresentamos de que maneira as sentenças produzidas por um indivíduo podem ser representadas através da teoria X-barra e suas árvores sintáticas. Já na seção 1.3., *A natureza dos pronomes clíticos*, tratamos da natureza desse elemento de acordo com a teoria da Ligação e também conforme a tripartição de pronomes de Cardinaletti e Starke (1999). E, por fim, focando no fenômeno da duplicação, na seção 1.4., *O par clítico e sintagma na duplicação de clítico*, fazemos uma revisão bibliográfica das abordagens de diferentes estudos sobre a representação sintática do clítico e do sintagma em construções de duplicação.

1.1. UMA TEORIA MENTALISTA

A resenha apresentada por Noam Chomsky em 1959, intitulada *A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior*, sobre o trabalho de Skinner (1957) criticava a tese behaviorista de que fatores externos envolvidos em um processo de estímulo-resposta seriam a explicação para as complexidades do comportamento verbal de um indivíduo. A corrente teórica behaviorista postulava que a contribuição do indivíduo para a aquisição de linguagem é insignificante, sendo esse processo condicionado apenas por fatores externos, como retoma Chomsky (1959), no seguinte fragmento.

Skinner's thesis is that external factors consisting of present stimulation and the history of reinforcement (in particular, the frequency, arrangement, and withholding of reinforcing stimuli) are of overwhelming importance, and that the general principles revealed in laboratory studies of these phenomena provide the basis for understanding the complexities of verbal behavior. He confidently and repeatedly voices his claim to have demonstrated that the contribution of the speaker is quite trivial and elementary, and that precise prediction of verbal behavior involves only

specification of the few external factors that he has isolated experimentally with lower organisms. (CHOMSKY, 1959:3)³

No entanto, para Chomsky (1959), a aquisição de linguagem não pode ser considerada um processo que se dá apenas pela experiência do indivíduo. Como aponta o autor no fragmento a seguir, para compreender a aquisição de linguagem, é necessário que se considere *the structure of the organism*, o que corresponderia a uma capacidade inata do ser humano.

(...) an account of the development and causation of behavior that fails to consider the structure of the organism will provide no understanding of the real processes involved. It is often argued that experience, rather than innate capacity to handle information in certain specific ways, must be the factor of overwhelming dominance in determining the specific character of language acquisition, since a child speaks the language of the group in which he lives. But this is a superficial argument. (CHOMSKY, 1959:14)⁴

A partir da discussão acerca da aquisição de linguagem⁵, então, Chomsky (1959; 1988; 1995; 2008) argumenta a favor de uma teoria mentalista do estudo da linguagem: a Linguística Gerativa. Um dos pressupostos básicos dessa teoria, já mencionado no fragmento anterior, é o inatismo. De acordo com Chomsky (1959; 1988; 1995; 2008), a linguagem é uma faculdade inata, sendo assim, todo ser humano nasce com uma capacidade de desenvolver linguagem. Essa capacidade estaria disponível na mente/cérebro do ser humano através de um aparato universal biologicamente determinado, a Faculdade da Linguagem, que compreende uma série de capacidades envolvidas no uso e na compreensão da linguagem. Tendo em vista que a Linguística Gerativa assume a noção de modularidade da mente, a mente/cérebro do ser humano seria composta por módulos responsáveis por diferentes cognições, sendo a Faculdade da Linguagem um desses módulos. Esse módulo seria

³ Tradução nossa: A tese de Skinner é que fatores externos compostos por um estímulo presente e um histórico de reforço (em particular, a frequência, a disposição e a conservação de estímulos de reforço) são de grande importância e que os princípios gerais revelados em estudos de laboratório desses fenômenos fornecem a base para entender as complexidades do comportamento verbal. Ele afirma, confia e repetidamente, ter demonstrado que a contribuição do falante é bastante trivial e básica, e essa previsão precisa do comportamento verbal envolve apenas a especificação dos poucos fatores externos que ele isolou experimentalmente com organismos inferiores.

⁴ Tradução nossa: (...) uma explicação do desenvolvimento do comportamento (verbal) que falha em considerar a estrutura do organismo não proporcionará uma compreensão dos reais processos envolvidos. Muitas vezes, é argumentado que a experiência, ao invés da capacidade inata de lidar com informações de determinadas formas específicas, deve ser o fator de grande predominância na determinação do caráter específico da aquisição de linguagem, uma vez que uma criança fala a língua do grupo no qual ela vive. Mas este é um argumento superficial.

⁵ Embora o tema desta dissertação não diga respeito ao processo de aquisição de linguagem, mencionamos esse processo em determinados momentos, porque é a partir da sua discussão que se concebe a Linguística Gerativa.

exclusivo e comum a toda a espécie humana e funcionaria como um órgão da linguagem, de certa forma, análogo ao sistema visual, por exemplo.

Fatores externos (o *input* recebido pelo indivíduo no processo de aquisição de linguagem) não são suficientes para explicar a complexidade e a criatividade da linguagem humana. A Linguística Gerativa, então, se propõe como eixo norteador a explicar a natureza da linguagem humana e, para isso, levanta duas questões que funcionam como argumentos para o inatismo: o problema de Platão (ou problema da Pobreza de Estímulo) e o problema de Descartes. O problema de Platão questiona a complexidade da linguagem comparada aos dados recebidos pelo indivíduo no processo de aquisição: Como podemos adquirir uma língua tão complexa e rica se somos expostos a um *input* insuficiente? Como passamos a dominar estruturas linguísticas significativamente complexas na ausência de dados linguísticos primários que sejam, de fato, representativos de tamanha complexidade? Já o problema de Descartes questiona o uso criativo e gerativo da linguagem: Como se pode ter um uso infinito de meios finitos? Isto é, como, a partir de uma quantidade, de certa forma, limitada de dados, o indivíduo consegue sempre gerar sentenças novas?

A linguagem consiste em um sistema capaz de gerar sentenças complexas e novas, mas os dados linguísticos primários, comparados a tais propriedades da linguagem, são insuficientes para o desenvolvimento dessa cognição. Levando isso em consideração, o problema de Platão e o problema de Descartes se configuram como perguntas fundamentais para a Linguística Gerativa e argumentos para o pressuposto da linguagem como uma faculdade inata.

Dessa forma, Chomsky (1959; 1988; 1995; 2008) questiona a ideia de que o indivíduo é uma tábula rasa e assume que, na Faculdade da Linguagem, há um conhecimento linguístico inato, a chamada Gramática Universal (GU). Segundo Chomsky (1995), como a gramática é a teoria de uma língua, a GU, por ser universal, é a teoria das línguas e, conseqüentemente, das expressões geradas nas línguas, ocupando-se dos princípios invariantes e das possibilidades de variação permitidas.

Tendo em vista que, a seguir, tratamos de como as sentenças de uma língua podem ser representadas estruturalmente, apontamos que, há, na Teoria Gerativa, duas concepções diferentes de língua: Língua-E e Língua-I. O conceito de Língua-E está vinculado a uma dimensão coletiva e sociocultural, enquanto o de Língua-I a uma dimensão individual e cognitiva. Em outras palavras, a Língua-E representa um código linguístico de uma comunidade, algo que está fora da mente/cérebro do indivíduo. Já a Língua-I é justamente o conhecimento cognitivo e particular do indivíduo em

relação à sua Língua-E, isto é, a sua competência linguística⁶. Pelo seu caráter mentalista, a Teoria Gerativa se interessa em estudar as propriedades do conhecimento linguístico internalizado que o indivíduo tem da gramática da língua falada em sua comunidade, sendo assim, quando se refere à língua como seu objeto de estudo, a teoria em questão se ocupa do conceito de Língua-I.

Considerando que a Linguística Gerativa se propõe a estudar a língua de acordo com o conceito de Língua-I, os trabalhos que fazem parte desse quadro teórico, ao se debruçarem sobre a competência linguística do falante, assumem que, em nossa mente/cérebro, a linguagem se encontra estruturada, o que implica em uma representação teórica das estruturas sintáticas que um indivíduo pode formar. Para dar conta dessas representações sintáticas, foi desenvolvida a teoria X-barras, sobre a qual tratamos a seguir.

1.2. REPRESENTAÇÕES SINTÁTICAS DA TEORIA X-BARRAS

No quadro teórico da Linguística Gerativa, os estudos da linguagem se dedicam à análise do nível da sentença, tendo como unidade máxima de análise a sentença e como unidade mínima o sintagma. A teoria X-barras trata de como as sentenças são formadas, visto que representa como os seus constituintes se hierarquizam para construí-las. Isto é, administra as relações estruturais estabelecidas dentro dos sintagmas e entre os sintagmas constituintes de uma oração. Tal teoria se configura como uma teoria universal, que é capaz de representar a estrutura de uma sentença de qualquer língua, levando em consideração também as suas particularidades.

De acordo com a teoria X-barras, há diferentes formas de representar a estrutura sintática de uma sentença e uma delas é através de representações arbóreas, também conhecidas como árvores sintáticas⁷. Tais árvores sintáticas correspondem a uma estrutura hierárquica composta por nós binários que representam as projeções dos núcleos sintagmáticos (núcleos de objetos sintáticos complexos) que compõem uma sentença. Essas representações arbóreas são traçadas com nós e linhas que se assemelham a ramos e galhos. Através delas, é possível visualizar como a teoria X-barras

⁶ No que diz respeito ao conceito de competência, esclarecemos que, no quadro teórico da Linguística Gerativa, se estabelece uma diferença entre competência e desempenho. A competência, como mencionado acima, é o conhecimento internalizado do indivíduo e, conseqüentemente, a capacidade de produzir sentenças de acordo com esse conhecimento. Por outro lado, o desempenho é o uso concreto da língua, isto é, a produção propriamente dita.

⁷ Ressaltamos que as árvores sintáticas são apenas recursos visuais. Isto é, não devemos tomá-las como uma representação mental, em tempo real, de como são formadas e geradas sentenças na mente/cérebro do ser humano.

pode dar conta de todos os tipos de relações sintáticas presentes em uma sentença, como, por exemplo, entre núcleo e complemento, entre especificador e núcleo e etc.

A teoria X-barras se dedica a estruturar as árvores sintáticas de maneira que um sintagma seja formado pelo núcleo, pelo complemento do núcleo (quando houver)⁸, pela projeção intermediária, pelo especificador e pela projeção máxima. Um núcleo (X), que pode se combinar ou não com um complemento (Compl.), gera um nível intermediário do mesmo (X'), que, por sua vez, se combina com um especificador (Spec.), gerando a projeção máxima do núcleo em questão (XP⁹). Em outras palavras, como é possível observar na figura a seguir, podemos dizer que o núcleo X pode estabelecer duas relações sintáticas, sendo uma delas a relação do núcleo com seu complemento (Compl.) na projeção intermediária X' e a outra a relação do núcleo com seu especificador (Spec.) na projeção máxima XP.

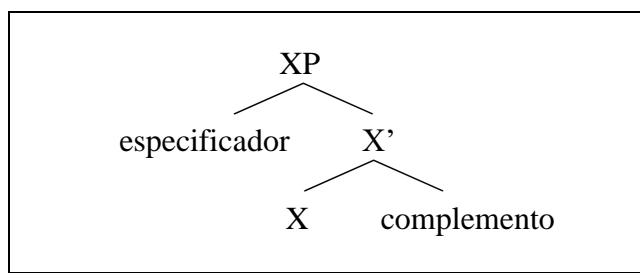


Figura 1: Representação arbórea de um sintagma.

Na figura 1, temos uma simples representação arbórea de um constituinte sintagmático. Essa representação se repete de acordo com a quantidade de núcleos sintagmáticos presentes na sentença, podendo se repetir infinitamente, considerando a capacidade recursiva da linguagem.

Os núcleos sintagmáticos podem ser, de acordo com a teoria X-barras, lexicais ou funcionais. Os núcleos lexicais são aqueles que se identificam como categorias lexicais: verbal (V), nominal (N), adjetival (A) e preposicional (P), sendo suas projeções máximas representadas, respectivamente, por VP, NP, AP e PP. Por outro lado, há os núcleos funcionais, entre os quais podemos enumerar quatro principais: tempo (T), aspecto (Asp), complementizador (C) e determinante (D). Os núcleos funcionais T/Asp e D dominam, respectivamente, núcleos lexicais V e N (T e Asp atribuindo tempo

⁸ Há sentenças em que o núcleo V, por exemplo, não se combina com nenhum complemento, como é o caso de sentenças com verbos inergativos.

⁹ No caso de uma projeção máxima do sintagma, será utilizada a letra P nas siglas, tendo em vista que se refere a *phrase*, do inglês, cujo correspondente no português seria sintagma.

e aspecto ao verbo e D conferindo estatuto de argumento a N), enquanto que C, como complementizador, dá conta de sentenças encaixadas.

Os núcleos lexicais são responsáveis pela S-seleção e também pela C-seleção de argumentos, enquanto que os funcionais podem apenas C-selecionar seu complemento, já que são aqueles núcleos cuja função é essencialmente gramatical. Esses dois tipos de seleção compreendem a quantidade e a natureza semântica e categorial dos complementos que um núcleo seleciona. A S-seleção (seleção semântica), que se relaciona à atribuição de papel temático, acontece quando o predador seleciona seus argumentos de acordo com o seu tipo semântico. A C-seleção (seleção categorial), por outro lado, se refere à categoria gramatical/sintática do argumento, ou seja, através dela, é possível saber se o predador deve selecionar um NP, PP, AP, etc.

No que diz respeito aos núcleos funcionais, esclarecemos que a distribuição em T e Asp não foi sempre dessa forma. Inicialmente, na literatura, postulava-se a existência de um núcleo funcional para flexão (I), responsável por marcar a flexão verbal através de dois traços: tempo (T), já mencionado, e concordância (Agr). No entanto, Pollock (1989) postula que, na realidade, haveria uma cisão de IP e tais traços seriam projeções máximas e, conseqüentemente, núcleos da camada funcional na representação de uma sentença: TP e AgrP. Posteriormente, com o trabalho de Koopman & Sportiche (1991), aprimora-se essa proposta e postula-se que não haveria um nóculo de concordância (AgrP), mas sim de aspecto (AspP). Sendo assim, chegamos a uma configuração em que se considera a existência de um nóculo de tempo (TP) e um de aspecto (AspP) na camada flexional.

Para concluir esta seção, ressaltamos que a teoria X-barra passou por diferentes versões. Atualmente, tal teoria é tratada mais no seu sentido econômico e minimalista, isto é, a estrutura das sentenças é formada de acordo com a sua necessidade conceitual. Como aponta Chomsky (1995), “the structures stipulated in earlier versions are either missing or reformulated in elementary terms satisfying minimalist conditions” (CHOMSKY, 1995:6)¹⁰. Desse modo, a teoria X-barra em que há, de certa forma, um modelo de sentença pré-estabelecido é reformulada em favor de uma teoria em que é projetado apenas o que é motivado e tido como essencial.

¹⁰ Tradução nossa: As estruturas estipuladas em versões anteriores estão ausentes ou reformuladas em termos básicos que satisfazem condições minimalistas.

Depois de tratar da teoria X-barras e das suas representações sintáticas nesta seção, na seção seguinte, nos voltamos para a natureza dos pronomes clíticos e, posteriormente, na seção 1.4., nos dedicamos ao par clítico e sintagma em sentenças com duplicação de clítico.

1.3. A NATUREZA DOS PRONOMES CLÍTICOS

Na linguagem, há uma propriedade a partir da qual é possível que expressões linguísticas estabeleçam referência a entidades do universo discursivo. Segundo Raposo (1992), essas expressões possuem, portanto, um potencial de referência, tendo em vista que podem designar um referente. Considerando essa propriedade, a Linguística Gerativa se ocupa do estudo da dependência referencial, que é entendida como a situação linguística em que o valor de um sintagma é adquirido através do valor do seu referente, que pode ser um sintagma pronunciado anteriormente ou, inclusive, um elemento recuperado do contexto extralinguístico. Essa dependência resulta em uma correferência entre dois itens, como acontece no exemplo¹¹ apresentado em (1), que é um caso de retomada de objeto direto.

(1) **Algunos empleados** creen que la empresa **los** despedirá.

Para tratar da diferença entre sintagmas de acordo com suas propriedades referenciais, isto é, entre expressões que possuem potencial de referência, há, na Linguística Gerativa, a teoria da Ligação. Conforme essa teoria, tais expressões ou sintagmas podem ser classificados em anáforas, pronomes e expressões referenciais (expressões-R).

De acordo com Raposo (1992), a anáfora é um elemento que não tem potencial de referência autônomo e, por conta disso, precisa estar ligada a um antecedente. O antecedente da anáfora será outro sintagma que possua o mesmo índice referencial que a anáfora e esteja presente na menor oração que a contenha. O pronome, por outro lado, pode ter um antecedente, mas que esteja fora da menor oração que o contenha. No entanto, não é necessário que o pronome tenha, de fato, um antecedente, já que possui certo potencial de referência autônomo, principalmente em relação à anáfora.

(2) **O Luís_i** fotografou-**se_i**.

(3) **O Luís_i** pensa que a polícia **o_i** fotografou.

¹¹ Exemplo retirado de Fernández Soriano (1999:1216).

Nos exemplos¹² apresentados em (2) e (3), é possível observar a diferença entre a anáfora e o pronome. Em (2), há um caso de anáfora, dado que “se” tem como antecedente “O Luís”, que está presente na menor oração que contém “se”. Por outro lado, em (3), “o” é um pronome, porque seu antecedente está fora da menor oração que o contém. Em outras palavras, a anáfora está vinculada no seu domínio, enquanto que o pronome está livre no seu domínio.

Comparando as classificações dos sintagmas em anáfora e pronome da Linguística Gerativa às classificações da Gramática Tradicional (GT)¹³, podemos observar que a tradição gramatical coloca na categoria de pronomes tanto o que a teoria da Ligação chama de pronome quanto o que chama de anáfora. A anáfora compreende os pronomes conhecidos como reflexivos e as expressões recíprocas, como “*um + preposição + outro*”. Já a classificação de pronome à qual se refere a Linguística Gerativa engloba os pronomes conhecidos na GT como pessoais do caso reto e oblíquos não-reflexivos. Além disso, mencionamos que, como aponta Raposo (1992), a GT chama os pronomes que adquirem sua referência através de um antecedente de pronomes anafóricos, em oposição aos pronomes dêiticos, que estabelecem referência diretamente a um elemento do universo discursivo. Dessa forma, podemos dizer que há uma diferença entre a classificação “anáfora” atribuída a elementos de acordo com seu potencial de referência e a função anafórica que assumem os pronomes quando se referem a algo mencionado anteriormente em uma sentença, por exemplo. Nesta dissertação, estudamos os pronomes em contexto anafórico, isto é, os sintagmas classificados, de acordo com a teoria da Ligação, como pronomes, mas que, tendo em vista a presença de um antecedente, assumem uma função anafórica no uso da linguagem.

Voltando, mais especificamente, à classificação dos sintagmas em anáfora, pronome e expressão-R, é possível chegar a uma distribuição hierárquica de tal classificação de acordo com a autonomia do potencial de referência de cada tipo de sintagma. As anáforas são menos autônomas que os pronomes, que, por sua vez, são menos autônomos que as expressões-R. Desse modo, embora os pronomes possuam certo potencial de referência autônomo se comparados às anáforas, as expressões-R são os sintagmas que possuem um potencial de referência totalmente autônomo. Essas expressões se autorreferenciam e englobam nomes, como, por exemplo, “O Luís”, presente nos exemplos (2) e (3) anteriormente apresentados.

¹² Exemplos retirados de Raposo (1992:240).

¹³ Ao tratar de Gramática Tradicional, fazemos referência a gramáticas normativas como, por exemplo, a de Cunha e Cintra (2013).

A classificação dos sintagmas conforme propriedades referenciais proposta pela teoria da Ligação pode ser organizada, segundo Miotto et al. (2010), com base na combinação dos traços [\pm anafórico] e [\pm pronominal]. No quadro, o autor associa as combinações de traços aos sintagmas que podemos encontrar nas línguas naturais.

TIPOLOGIA DOS DPS LEXICAIS		
a.	[+anafórico, -pronominal]	Recíprocos e reflexivos
b.	[-anafórico, +pronominal]	Pronomes (pessoais)
c.	[-anafórico, -pronominal]	Nomes (próprios ou comuns)
d.	[+anafórico, +pronominal]	*

Quadro 1: Quadro retirado de Miotto et al. (2010:232).

Como mencionado anteriormente, os recíprocos e reflexivos seriam as anáforas (elementos [+anafóricos, -pronominais]), os pronomes pessoais seriam os pronomes (elementos [-anafóricos, +pronominais]) e os nomes, tanto os próprios quanto os comuns, seriam as expressões-R (elementos [-anafóricos, -pronominais]). Não há elementos para a combinação de traços [+anafórico, +pronominal], pois, como é explicado nos parágrafos seguintes, o traço [+anafórico] implica em determinada condição e o traço [+pronominal] implica em outra, sendo tais condições contraditórias.

Segundo a teoria da Ligação, as combinações de traço apresentadas em a, b e c, isto é, aquelas que dizem respeito às anáforas, aos pronomes e às expressões-R devem respeitar algumas condições estruturais para a sua operação. Tais condições funcionam como princípios que regulam as ocorrências de cada um desses tipos de sintagma. As anáforas, por exemplo, devem ser ligadas dentro da menor oração que as contém. Isso significa que tais sintagmas precisam ser c-comandados¹⁴ por um elemento que possua o mesmo índice referencial que o seu dentro da oração na qual se encontram.

Já para os pronomes, se preveem condições justamente inversas às condições impostas para a ocorrência de anáforas. Os pronomes não podem ser ligados na menor oração que os contém, eles devem ser livres quanto ao seu antecedente (quando há antecedente), enquanto que as anáforas são presas. Por fim, as expressões-R simplesmente não podem ser ligadas, são sintagmas livres e sem antecedentes na estrutura sentencial, pois se autorreferenciam.

¹⁴ Pela relação de c-comando, entende-se, segundo Raposo (1992), que “um nó A c-comanda um nó B sse: (i) A não domina B e B não domina A; (ii) Qualquer nó ramificado que domine A domina igualmente B” (RAPOSO, 1992:250-251).

Até então, recuperamos a classificação de sintagmas em anáforas, pronomes e expressões-R de acordo com a teoria da Ligação. Como mencionado anteriormente, tanto as anáforas quanto os pronomes nessa teoria são representados por elementos conhecidos, na GT, como pronomes. Tendo em vista que a duplicação, fenômeno estudado nesta dissertação, ocorre quando há correferência entre um pronome, mais especificamente, um clítico e um sintagma¹⁵ em uma mesma oração, nos parágrafos seguintes, nos atemos à classificação de pronomes em fortes, fracos e clíticos proposta por Cardinaletti e Starke (1999).

Considerando a heterogeneidade do sistema pronominal de uma língua natural, em que os pronomes podem ter características fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas diferentes, Cardinaletti e Starke (1999) propõem a classificação tripartite dos pronomes acima mencionada. Essa proposta é discutida através de dados do francês e do italiano, mas amplamente considerada para as demais línguas naturais.

A tripartição do sistema pronominal em pronomes fortes, fracos e clíticos se organiza, hierarquicamente, de acordo com uma noção de deficiência. Os pronomes fracos são deficientes se comparados aos pronomes fortes e os pronomes clíticos, por sua vez, são mais deficientes se comparados aos fracos: fortes < fracos < clíticos. Como, nesta dissertação, nos dedicamos ao estudo da duplicação de clítico, pretendemos nos deter apenas nos pronomes clíticos, no entanto, fazemos algumas considerações sobre as três classificações, mesmo que brevemente. Segundo Cardinaletti e Starke (1999), os pronomes deficientes, seja os fracos ou os clíticos, não podem ser modificados, coordenados e tampouco podem receber foco, ao contrário dos pronomes fortes, que são pronomes lexicais como *je*, do francês. Pode-se afirmar que os fracos são analisados como sintagmas nominais, como o pronome sujeito *il*, que assume uma posição não-referencial, o que é diferente de um pronome forte como *je*, cujo uso seria agramatical em uma posição como essa. Já um pronome clítico como *la*, por exemplo, possui uma referência, mas não pode ocupar uma posição como a de um pronome forte, nem a de um pronome fraco.

A deficiência à qual se refere a proposta de Cardinaletti e Starke (1999) para os pronomes clíticos pode ser interpretada através do caráter afixal que tais pronomes possuem. Por um lado, considera-se que os pronomes clíticos são, de certa forma, independentes, no sentido de que se comportam sintaticamente como argumentos verbais e se adjungem a palavras completas, já

¹⁵ O sintagma envolvido na duplicação pode ser um pronome também (pronome forte). No entanto, nesta dissertação, focamos nos casos de duplicação em que o clítico coocorre com um sintagma não pronominal (sintagma pleno).

flexionadas, ao contrário de afixos em geral. Entretanto, na literatura, o seu caráter afixal é o que se destaca, tendo em vista que, geralmente, se assume uma perspectiva fonológica no que se refere ao seu entendimento. Sob um ponto de vista fonológico, recupera-se, então, a noção de deficiência (CARDINALETTI E STARKE, 1999), pois os pronomes clíticos são deficientes por não possuírem uma força acentual. Isto é, por serem elementos fonologicamente fracos (não-acentuados), aos clíticos é atribuído um caráter dependente, característico dos afixos. Essa deficiência em termos fonológicos implica em que os clíticos precisam se adjungir a um verbo.

Embora o entendimento de clíticos como partículas dependentes parta de questões fonológicas, destacamos que essa dependência se reflete na morfossintaxe, pois o clítico, como elemento fraco, precisa se adjungir ao núcleo V tanto fonológica como sintaticamente, formando, assim, um núcleo complexo. Na língua espanhola, por exemplo, há casos em que os clíticos chegam até a formar com o verbo a mesma palavra graficamente, como nos seguintes exemplos nossos. Já no português, por outro lado, ainda há o uso de um elemento gráfico para separar o clítico do verbo em casos de ênclise, por exemplo.

(4) Necesito encontrar**lo**.

Necessito encontrá-**lo**.

(5) Sígana**lo**.

Sigam-**no**.

Essa deficiência mais severa do pronome clítico em relação aos outros pronomes se reflete, inclusive, no processo de aquisição de linguagem. De acordo com López Ornat et al. (1994), que analisou dados de fala espontânea de uma menina espanhola, os clíticos começam a aparecer nos dados linguísticos da criança entre 2 anos e 2 anos e 3 meses. Antes dessa idade, já começam a aparecer, por exemplo, os pronomes fortes. Como aponta Carmona, Costa, Lobo e Silva (2008), os elementos funcionais estão sujeitos a uma aquisição tardia e os clíticos, como elementos dependentes do verbo, que recebe flexão na camada funcional da sentença, são adquiridos ainda mais tardiamente. Isto é, enquanto a aquisição do pronome clítico depende da estrutura funcional da frase, outros pronomes são adquiridos previamente, pois não precisam se adjungir a um verbo. Nesse sentido, ressaltamos, ainda, que o clítico, ao contrário de outros pronomes, pode implicar em um movimento, dependendo da abordagem que se considere para sua geração e local de pouso. Tal condição parece advogar a favor de uma aquisição mais tardia desse elemento em relação aos demais pronomes.

Considerando o que foi apresentado até o momento, podemos dizer que, nesta dissertação, estudamos construções em que aparecem pronomes que assumem uma função anafórica e que são

dependentes de um verbo. Na seção a seguir, nos voltamos para uma revisão de estudos que tratam da representação sintática dos pronomes clíticos e das construções de duplicação em uma sentença.

1.4. O PAR CLÍTICO E SINTAGMA NA DUPLICAÇÃO DE CLÍTICO

A partir dos anos 70, foram desenvolvidas abordagens para o estudo dos pronomes clíticos e, em especial, para o estudo dos locais de geração e pouso desses elementos. Há estudos que estiveram mais voltados para uma língua em especial, como Kayne (1975), que estudou os clíticos a partir de construções causativas do francês, e há também estudos que estiveram mais dedicados a uma descrição das línguas românicas de uma maneira mais geral como Rivas (1977), por exemplo.

Um dos estudos pioneiros foi o de Kayne (1975), que, através da análise sintática dos clíticos no francês, propôs a hipótese do movimento. Segundo essa hipótese, os pronomes clíticos são elementos gerados na posição de argumento interno do verbo, equivalente à posição de um NP/PP como complemento, e adjungidos, por meio de uma operação de movimento, ao verbo na posição em que o mesmo recebe a flexão.

Conforme mencionado anteriormente, os clíticos precisam se anexar a um verbo para formar um núcleo complexo, já que são elementos fonologicamente fracos (não-acentuados). Como, na formação de uma sentença, o verbo é movido para a camada flexional, o clítico também deve ser movido para a mesma camada, para que possa se adjungir ao verbo e formar o núcleo complexo (clítico + verbo). Essa operação de movimento responsável por mover o clítico da posição em que é gerado para o nóculo em que o verbo recebe flexão é chamada de *clitic climbing* (KAYNE, 1975; 1991).

Nos refiramos, no parágrafo anterior, a um núcleo complexo clítico + verbo, no entanto, esclarecemos que a posição que o clítico ocupa em uma sentença, ou seja, o que Kayne (1975; 1991) chama de *clitic placement* é um ponto de variação entre as línguas. Ao trabalhar com dados do francês e do italiano e, inclusive, fazer algumas considerações sobre outras línguas românicas como o português, Kayne (1975; 1991) aponta que as línguas podem apresentar diferentes configurações sintáticas para o posicionamento do clítico em relação ao verbo. No francês, por exemplo, os clíticos precedem verbos no infinitivo, enquanto que no italiano esse posicionamento proclítico é agramatical. Isto é, enquanto no francês os pronomes clíticos se adjungem à esquerda do verbo em casos de

infinitivo, o contrário acontece no italiano e os clíticos se adjungem à direita do verbo. Considerando a questão do *clitic placement* para a língua que estudamos nesta dissertação, pode-se afirmar que os clíticos no espanhol podem aparecer tanto à esquerda, como à direita do verbo. A adjunção em uma posição ou outra se dá de acordo com a configuração verbal, sendo a posição proclítica a adotada na maioria dos casos de cliticização e a posição enclítica em casos de verbos no infinitivo, gerúndio e imperativo afirmativo.

Embora a hipótese do movimento tenha sido pensada, inicialmente, para o estudo dos clíticos no francês, essa abordagem foi adotada também para o estudo de outras línguas. Entretanto, há diferenças entre o uso dos clíticos no francês e o uso desses elementos em línguas como o espanhol, por exemplo. Uma dessas diferenças diz respeito ao fenômeno da duplicação de clítico.

A duplicação de clítico, conforme apontam estudos como o de Jaeggli (1981), é um fenômeno em que uma mesma oração apresenta um clítico e um sintagma correferentes. Estruturas desse tipo são legítimas e fazem parte do sistema de algumas línguas, como, por exemplo, o grego, o hebraico moderno, o albanês e o romeno. Pensando nas línguas românicas, Jaeggli (1981) afirma que

(...) clitic doubling appears to be the marked phenomenon. Complementary distribution (as in French and Italian) on the other hand appears to be the more common phenomenon. Clitic doubling occurs regularly only in two Romance languages: Spanish and Rumanian, and even in these two languages it has a somewhat special status in some constructions. (JAEGLI, 1981:20)¹⁶

De acordo com Jaeggli (1981), as estruturas de duplicação de clítico são marcadas frente à distribuição complementar de clítico e sintagma. No francês, língua dos dados utilizados por Kayne (1975), não há duplicação, entretanto, no espanhol, há casos de coocorrência do clítico e do sintagma.

A hipótese do movimento, de Kayne (1975), ao postular que o clítico é gerado na posição de argumento interno, assume uma distribuição complementar entre o clítico e o sintagma. A construção de duplicação seria um problema nessa abordagem, porque não respeitaria dois requisitos importantes para o licenciamento de uma sentença: o Critério Temático¹⁷ e o Filtro de Caso¹⁸. A duplicação

¹⁶ Tradução nossa: (...) a duplicação de clítico parece ser o fenômeno marcado. A distribuição complementar (como em francês e italiano), por outro lado, parece ser o fenômeno mais comum. A duplicação de clítico ocorre regularmente apenas em duas línguas românicas: espanhol e romeno, e, mesmo nessas duas línguas, tem um status um tanto especial em algumas construções.

¹⁷ Por Critério Temático, entendemos, segundo Raposo (1992), que cada argumento tem um (e só um) papel temático e cada papel temático é atribuído a um (e só um) argumento.

¹⁸ Por Filtro de Caso, entendemos, segundo Raposo (1992), que cada sintagma precisa de Caso para ser pronunciado. Isto é, o autor afirma que não será licenciado o sintagma que for foneticamente realizável, mas não tiver marca Casual.

implicaria, de certa forma, em dois “argumentos”, o clítico e o sintagma, para um papel temático e um Caso. Além disso, quando acontece o *clitic climbing* e o clítico é movido, um vestígio referente a esse clítico é deixado na posição de complemento de VP. Um sintagma não poderia ser gerado nessa posição, visto que o vestígio do clítico já a ocupa. O mesmo se dá na situação contrária, se um sintagma fosse gerado na posição de argumento interno, um clítico não poderia ocupar tal posição.

Em vista dos problemas mencionados, a coexistência de um clítico e um sintagma na mesma oração seria um fenômeno agramatical para a abordagem da hipótese do movimento. No entanto, construções desse tipo são possíveis e podem ser gramaticais no espanhol, por exemplo. Desse modo, como explicar essa coocorrência considerando a hipótese do movimento?

(6) Kayne’s Generalization: An object NP may be doubled by a clitic only if the NP is preceded by a preposition. (JAEGGLI, 1981:20)¹⁹

Em (6), recuperamos uma generalização de que, para que haja a duplicação, o sintagma envolvido nessa construção tem que ser encabeçado por uma preposição, que funcionaria como um atribuidor de Caso. Essa seria uma solução para o filtro de Caso, visto que a duplicação só seria possível quando se faz uso de um marcador de Caso extra. Tal generalização é atribuída a Kayne por Jaeggli (1981), sendo conhecida pelos estudos posteriores como *Kayne’s Generalization*.

(7) a. * **La vimos la casa de Mafalda.**

b. (*) **Lo vimos a Guille.**

Jaeggli (1981) apresenta os exemplos²⁰ em (7a) e (7b) e afirma que a sentença (7a) seria agramatical em todas as variedades do espanhol, enquanto que a sentença (7b) poderia ser gramatical, mais especificamente, no espanhol falado na região rio-pratense²¹. A generalização de Kayne explicaria, então, por que a sentença (7a) não poderia ser gramatical em variedade alguma. De acordo com o autor, sentenças como a de (7a) seriam sempre agramaticais, pois o sintagma “la casa de Mafalda” não recebe Caso por não ser encabeçado pela preposição “a”. Por outro lado, sentenças

¹⁹ Tradução nossa: Generalização de Kayne – um objeto NP pode ser duplicado por um clítico somente se o NP for precedido por uma preposição.

²⁰ Exemplos retirados de Jaeggli (1981:19).

²¹ Dizemos que sentenças como a apresentada em (7b) podem ser gramaticais, porque, na literatura, tem-se que esse tipo de duplicação – que envolve objeto direto com sintagma pleno em posição pós-verbal – é aceito em apenas algumas variedades do espanhol. Tratamos dessa questão no capítulo seguinte, quando nos voltamos, mais especificamente, à duplicação no espanhol.

como a de (7b) poderiam ser gramaticais, justamente por apresentar um sintagma encabeçado pela preposição, que funciona como elemento atribuidor de Caso.

Embora recupere a abordagem da hipótese do movimento, Jaeggli (1981) desenvolve uma versão da hipótese da geração na base, considerando como ponto de partida a abordagem proposta por Rivas (1977). Com a hipótese da geração na base, proposta por estudos como o de Rivas (1977), se assume a cliticização como um fenômeno local, o que justifica que essa abordagem seja intitulada hipótese da geração na base, tendo em vista que a geração do clítico na base nada mais é do que um processo local. Segundo essa abordagem, o clítico e o sintagma, seja em distribuição complementar ou não, são gerados na base, cada um na sua posição correspondente. Tal hipótese propõe que, ao contrário do que a hipótese do movimento assume, os clíticos não se originam na posição canônica de objeto e nunca ocupam posição argumental, porque, na realidade, são gerados como parte do verbo. Dessa forma, não se faz necessário um movimento da posição de complemento para o núcleo do verbo, ou seja, não há o processo de *clitic climbing*, posto que o clítico já é gerado junto ao verbo.

Ao citar o texto de Rivas (1977), Jaeggli (1981) aponta que a diferença entre as sentenças (7a) e (7b) seria explicada por questões idiossincráticas das diferentes variedades do espanhol. Entretanto, Jaeggli (1981) chama a atenção para o fato de que essa explicação só poderia ser satisfatória se houvesse registros de casos de duplicação como os da sentença (7a), sem a preposição. O autor afirma que construções de duplicação em que o sintagma não é encabeçado pela preposição não são possíveis e, então, recupera a generalização atribuída a Kayne, assumindo-a também para a hipótese da geração na base.

Voltando à diferença entre as sentenças (7a) e (7b), Jaeggli (1981) afirma, como já mencionado, que a solução proposta por Rivas (1977) é a de que tal diferença se deve a questões idiossincráticas das variedades do espanhol. Essa solução, segundo Jaeggli (1981), não seria uma solução adequada, já que não haveria casos da duplicação apresentada em (7a) em nenhuma variedade do espanhol.

Entretanto, quando recuperamos o texto de Rivas (1977), não entendemos a solução proposta pelo autor da mesma forma que Jaeggli (1981). Isto é, observamos que as considerações feitas pelo autor não correspondem às considerações que recupera Jaeggli (1981). Na realidade, Rivas (1977)

trata, mesmo que brevemente, da duplicação de clítico no espanhol e apresenta, entre outros exemplos²², os seguintes recuperados em (8).

- (8) a. Conozco **esta poesía**.
- b. ***La** conosco **esta poesía**.
- c. *Conozco **a María**.
- d. **La** conozco **a María**.

Rivas (1977), ao tratar de sentenças em que há duplicação, apresenta apenas exemplos em que o sintagma envolvido na duplicação é acompanhado pela preposição “a”. Além disso, ao tratar da duplicação que ocorre no espanhol da região rio-pratense, o autor ressalta que se o sintagma não for animado, apenas o sintagma aparecerá e o clítico não será produzido, enquanto que, quando o sintagma for animado, tanto o clítico quanto o sintagma devem ser produzidos. Desse modo, o autor associa a ocorrência da duplicação com o traço de animacidade do sintagma, que, pelo que é possível observar nos exemplos apresentados pelo autor, parece estar relacionado ao uso da preposição “a”. Chegamos, então, à conclusão de que essas considerações que o autor faz parecem dar conta da diferença entre os exemplos (7a) e (7b), ao contrário do que apontava Jaeggli (1981).

A generalização de Kayne e a proposta de Rivas (1977) pareçam resolver satisfatoriamente a questão da duplicação de clítico para as hipóteses do movimento e da geração na base. Entretanto, segundo Suñer (1988), a presença da preposição não é um argumento que dê conta da questão da atribuição de Caso ao sintagma da construção de duplicação. De acordo com a autora, há, no espanhol, ocorrências de duplicação de clítico de objeto direto em que o sintagma não é encabeçado pela preposição e não é animado, como é possível observar no exemplo²³ seguinte.

- (9) Yo **lo** voy a comprar **el diario** justo antes de subir.

Em (9), o sintagma “el diario”, envolvido na duplicação de clítico, não é encabeçado pela preposição, nem é animado e, ainda assim, a sentença é dada como gramatical. Dessa maneira, Suñer (1988) conclui que a preposição “a” não poderia funcionar como um marcador de Caso no contexto da duplicação que envolve objeto direto. A autora aponta que essa preposição seria, na realidade, um marcador de animacidade ou então uma forma de distinguir, em espanhol, o sujeito e o objeto direto. Esclarecemos que, mesmo que a autora aponte, assim como Rivas (1977), que a preposição seja marca

²² Exemplos retirados de Rivas (1977:33).

²³ Exemplo retirado de Suñer (1988:400).

de animacidade, ambos vão para caminhos diferentes, já que a autora não considera a animacidade e, conseqüentemente, a preposição como condição obrigatória para as construções de duplicação.

A abordagem assumida por Suñer (1988) é conhecida como a hipótese da concordância. Segundo a autora, na hipótese da concordância, os clíticos são elementos aos quais se atribui um status de morfema flexional do verbo, mais especificamente, de morfema de concordância. Nessa abordagem, entende-se que os nódulos de concordância seriam motivados e fariam parte da representação sintática desse tipo de sentença. Dessa forma, os clíticos seriam flexões geradas em AgrDO ou em AgrIO como parte do verbo, isto é, em nódulos de concordância referentes ao objeto – direto ou indireto –, presentes na camada flexional da representação sintática de uma sentença.

Como mencionado anteriormente, a duplicação de clítico implicaria, de certa maneira, no licenciamento de dois “argumentos”, o clítico e o sintagma, que estariam “competindo” por um papel temático e um Caso. Contudo, na abordagem da hipótese da concordância, a posição argumental de objeto deve ser ocupada apenas pelo sintagma, que recebe Caso e papel temático do verbo. Os clíticos, por outro lado, tanto os de objeto direto, como os de objeto indireto, não recebem Caso, nem papel temático. Tais elementos, por serem gerados na concordância entre verbo e objeto, receberiam traços-*phi*, traços formais²⁴ referentes às marcas de gênero, número e pessoa. Nessa hipótese, para o fenômeno da duplicação de clítico, postula-se que os clíticos, como morfemas de concordância, possuem um índice referencial. Por conta disso, esses elementos combinam traços referenciais com o sintagma que ocupa a posição de argumento do verbo.

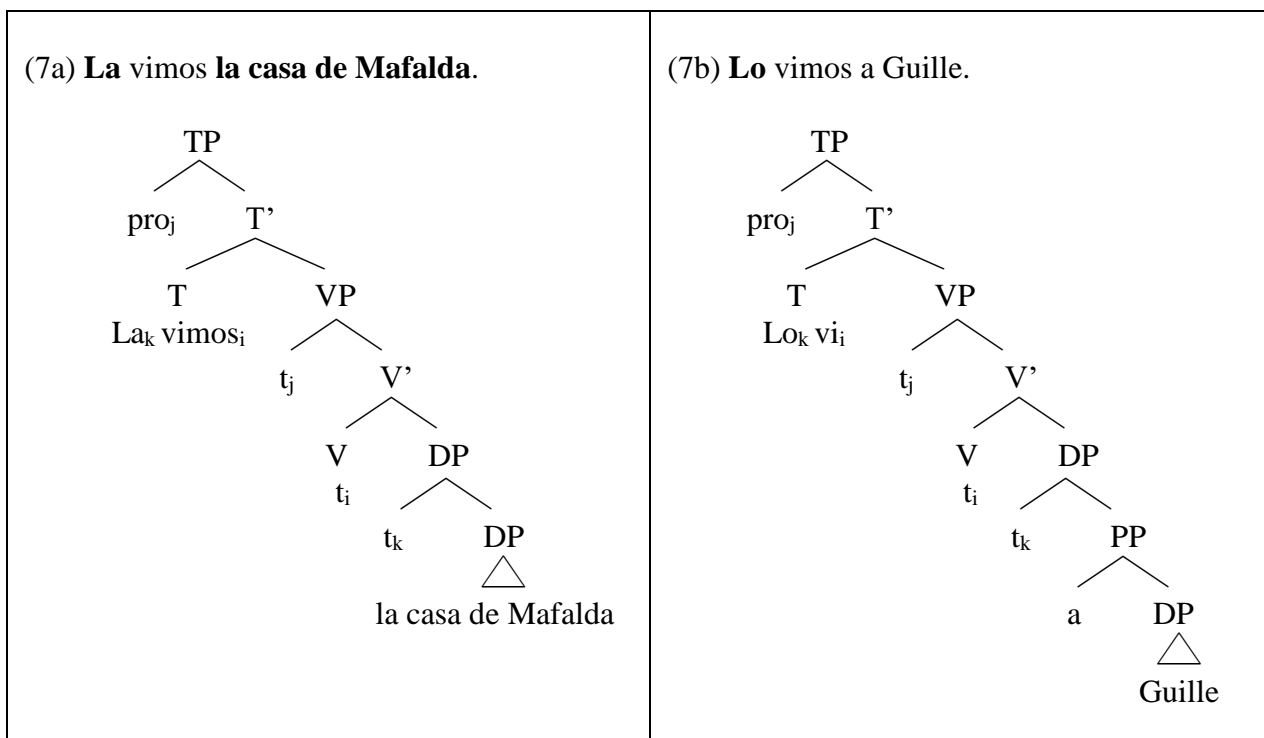
Ao considerar os clíticos afixos de concordância, Suñer (1988) parece dar conta dos problemas que as hipóteses anteriores não conseguiam resolver sobre a representação das sentenças com duplicação. Entretanto, acreditamos que clíticos e afixos se diferenciam em alguns pontos. Isto é, por mais que clíticos e afixos compartilhem características, de certa forma, pelo fato de ambos precisarem se adjungir a um verbo, os dois elementos possuem diferenças. Recuperando Camara Jr. (2011) e a sua proposta de divisão dos vocábulos formais em formas livres, dependentes e presas, observamos como clíticos e afixos se diferenciam. Segundo o autor, tradicionalmente, os clíticos foram elementos difíceis de classificar, porque não se encaixavam como palavras independentes, nem afixos, ou seja, não eram entendidos como formas livres, nem como formas presas. Tais elementos não seriam formas

²⁴ Conforme Chomsky (1995), os traços formais, também conhecidos como traços sintáticos, não se expressam estritamente no item lexical, mas sim em objetos sintáticos complexos estruturados pelo sistema computacional. No capítulo 2, ao apresentarmos os traços considerados na análise dos dados, tratamos desse conceito.

livres, visto que são fonologicamente fracos. No entanto, por outro lado, também não seriam formas presas, pois, embora possam formar a mesma palavra junto ao verbo no caso de alguns tempos ou modos verbais do espanhol, não funcionam apenas dessa maneira. Assim sendo, os clíticos seriam formas dependentes, que não podem funcionar isoladamente em uma sentença, mas que também não precisam estar sempre estritamente ligadas a outras palavras, ao contrário dos afixos.

Outra abordagem proposta para a representação das sentenças com clítico e, especialmente, com duplicação é a hipótese do *big DP*, de Uriagereka (1995), recuperada por estudos como, por exemplo, Belletti (2005) e Nevins (2011). Nessa hipótese, o clítico e o sintagma correferentes seriam gerados em um mesmo constituinte, um nóculo DP, que assume a posição de argumento interno do verbo. Na estrutura chamada de *big DP*, o clítico é gerado adjunto ao argumento ao qual está co-indexado dentro desse DP e movido para T, junto ao verbo.

A seguir, apresentamos duas representações arbóreas segundo a hipótese do *big DP*, uma referente à sentença (7a) e outra referente à sentença (7b). Essa abordagem daria conta dos dois casos de construção de duplicação, com ou sem preposição.



Figuras 2 e 3: Representação arbórea das sentenças (7a) e (7b) de acordo com a hipótese do *big DP*.

Segundo Nevins (2011),

Crosslinguistic variation in clitic doubling results from conditions on generating Big DP structures. For example, if only definite or specific DOs undergo clitic doubling, then only definite or specific DPs will be eligible to generate a big-DP structure. If negative quantifiers do not undergo subject clitic doubling, they will not be eligible to generate a big-DP structure. If 3rd person arguments do not undergo clitic doubling (e.g. Georgian), this is because the big-DP structure is unavailable for such arguments. (NEVINS, 2011:15)²⁵

Como aponta Nevins (2011), a variação translinguística no que diz respeito à duplicação de clítico resulta das condições de geração da estrutura de *big DP*. Se o objeto direto que passa por duplicação de clítico for o objeto definido ou específico, a estrutura de *big DP* estará disponível para ser gerada quando o objeto obedecer tais condições. No caso de línguas em que argumentos de 3ª pessoa não podem estar envolvidos no fenômeno de duplicação de clítico, como, por exemplo, no georgiano, a razão para essa impossibilidade estará no fato de que a estrutura de *big DP* não está disponível para os argumentos em questão. Na língua espanhola, a duplicação com objeto direto de 3ª pessoa é possível, mesmo que, de acordo com os estudos sobre o fenômeno, seja uma duplicação de caráter opcional e restrito. Desse modo, no caso do espanhol, ao contrário do georgiano, a estrutura de *big DP* estaria disponível nas condições em que a duplicação de clítico com objeto direto de 3ª pessoa é licenciada.

Recuperando os problemas que apresentavam as outras abordagens mencionadas para a ocorrência de construções de duplicação, de que maneira a hipótese do *big DP* dá conta da atribuição de papel temático e da marcação de Caso?

Em relação à atribuição de papel temático, Belletti (2005) aponta que é ao *big DP* que se atribui o papel temático e, conseqüentemente, seus componentes internos também recebem o papel temático em questão. Já no que se refere à atribuição de Caso, a autora afirma que o clítico, como uma das partes do *big DP*, recebe marcação de Caso na posição adequada e o sintagma, sendo o outro componente do *big DP*, é marcado com o mesmo Caso por conta da relação que estabelece com o clítico. Simplificando, nessa abordagem, tanto o Critério Temático quanto o Filtro de Caso são

²⁵ Tradução nossa: A variação translinguística na duplicação de clítico é resultado de condições de geração de estruturas de *big DP*. Por exemplo, se apenas ODs definidos ou específicos sofrem duplicação, somente DPs definidos ou específicos serão elegíveis para gerar uma estrutura de *big DP*. Se os quantificadores negativos não sofrem duplicação de clítico sujeito, eles não serão elegíveis para gerar uma estrutura de *big DP*. Se os argumentos de 3ª pessoa não sofrem duplicação de clítico (por exemplo, no georgiano), isso ocorre porque a estrutura de *big DP* não está disponível para tais argumentos.

respeitados, porque o clítico e o sintagma fazem parte de um mesmo constituinte. Tais elementos não formariam duas cadeias argumentais diferentes, mas sim uma só, que recebe um papel temático e um Caso, o que condiz com a relação de correferência que existe entre o clítico e o sintagma.

A duplicação de clítico é um fenômeno que pode gerar uma vasta discussão, seguindo diferentes caminhos. Inicialmente, estava entre nossos objetivos contemplar uma discussão mais profunda sobre a duplicação de clítico através de um viés representacional. No entanto, por conta das divergências entre os estudos sobre a duplicação de clítico no espanhol, que são apresentados no capítulo seguinte, foi necessário realizar um recorte para esta dissertação e um estudo representacional não pôde ser o nosso foco neste momento. Ainda assim, decidimos manter algumas considerações sobre a representação sintática do fenômeno nesta dissertação para traçar entre os capítulos de fundamentação teórica um caminho que parte da duplicação de clítico de um modo mais geral, chegando à duplicação de clítico no espanhol e, enfim, ao tipo de duplicação estudada.

Tendo em vista o que foi esclarecido acima, neste estudo, nos dedicamos a uma descrição das ocorrências de duplicação de clítico a fim de descrever e entender quais são as ocorrências desse tipo de duplicação e em que contextos acontecem. Tratamos, mais especificamente, dos casos que envolvem um objeto direto de 3ª pessoa em contexto anafórico e sintagma pleno pós-verbal, como é melhor explicado no capítulo seguinte.

2. A DUPLICAÇÃO DE CLÍTICO NO ESPANHOL

No capítulo anterior, começamos a tratar do fenômeno da duplicação de clítico com o olhar voltado para a representação sintática desse tipo de construção em uma sentença. Por outro lado, neste capítulo, nos ocupamos, mais especificamente, da duplicação de clítico no espanhol no sentido de revisar a literatura que trata da ocorrência desse fenômeno nessa língua. Partimos de uma exposição sobre o sistema pronominal do espanhol, passamos a questões mais relacionadas à duplicação de clítico e chegamos aos fatores que foram levados em consideração na análise dos dados.

Na seção 2.1., *O sistema pronominal do espanhol*, tratamos dos diferentes sistemas pronominais coexistentes na língua espanhola. Na seção 2.2., *Um panorama dos tipos de duplicação de clítico no espanhol*, fizemos uma revisão de literatura sobre o fenômeno em questão para descrever os diferentes tipos de duplicação de clítico que há no espanhol. Na seção 2.3., *A duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa com sintagma pleno pós-verbal*, revisamos os estudos acerca do tipo de duplicação estudado nesta dissertação, que envolve o objeto direto de 3ª pessoa e um sintagma pleno pós-verbal. Por fim, na seção 2.4., *Os traços de animacidade, definitude e especificidade*, abordamos os fatores considerados na análise, que foram os traços de animacidade, definitude e especificidade do referente do objeto.

2.1. O SISTEMA PRONOMINAL DO ESPANHOL

As posições argumentais de sujeito e objeto estão disponíveis em todas as línguas. No entanto, as línguas podem se comportar de maneira diferente no preenchimento dessas posições. Nesse ponto, o estudo do sistema pronominal tem oferecido interessantes descrições em diferentes línguas, inclusive em trabalhos que comparam línguas consideradas próximas como o português do Brasil e o espanhol. Conforme aponta González (1994), essas línguas apresentam uma inversa assimetria no que diz respeito à distribuição de pronomes em posição de sujeito e de objeto.

(10) **Eles** fabricaram camisetas e venderam \emptyset no Brasil inteiro.²⁶

(11) \emptyset Dijo que **me** dio la llave, pero \emptyset no **me la** dio.²⁷

²⁶ Exemplo retirado de Galves (1984 apud GONZÁLEZ, 1994:245).

²⁷ Exemplo retirado de González (1994:125).

Nos exemplos apresentados em (10) e (11) para o português do Brasil e o espanhol²⁸, respectivamente, é possível observar como o sistema pronominal das duas línguas se comporta de maneira assimetricamente inversa no preenchimento do sujeito e do objeto. Por um lado, o português do Brasil apresenta uma tendência ao preenchimento do sujeito pronominal e tende a omitir o objeto uma vez que este já foi pronunciado (isto é, em casos de retomada), como em (10). O espanhol, por outro lado, apresenta tendências inversas, já que tende a omitir o pronome da posição de sujeito (salvo em casos de contraste) e a expressar o objeto retomado através do uso de pronomes clíticos, como em (11).

Nesta dissertação, nos centramos no sistema pronominal de 3ª pessoa do espanhol. Recuperando o que foi apresentado no parágrafo anterior, o espanhol é uma língua que, segundo estudos – GONZÁLEZ (1994), GROPPI (1997), FERNÁNDEZ SORIANO (1999), SEBOLD (2005) –, apresenta uma tendência de que, em contexto de retomada de um referente, o objeto se realize através do clítico, como nos exemplos²⁹ a seguir.

- (12) a. ... entonces para agarrar el canguro y acariciar**lo**... (C9 I.87)
b. ...voy levantando cilindros de torno...**los** voy cortando y armo la figura... (C12 I.80)
c. ...para sacar de esos moldes unas series de piezas iguales que el artesano **las** trabaja después a su manera... (C. 12I.80)

Descrições gramaticais prescritivas, como, por exemplo, Gili Gaya (2000), tendem a tratar apenas o uso dos clíticos como estratégia disponível para a realização do objeto em contexto de retomada. Entretanto, descrições realizadas a partir de estudos com dados, como as mencionadas anteriormente, mostram que o preenchimento do objeto pelo clítico em contexto de referência anafórica na língua espanhola é uma tendência, não uma regra. Isto é, há variedades do espanhol em que outras estratégias podem coexistir com a retomada pelo clítico e podem até ser mais recorrentes que o uso desses elementos. De acordo com Palacios (2005)³⁰, a omissão do clítico em espanhol pode acontecer com muitas restrições, no entanto, em algumas variedades (cf. Palacios, 2005), essas restrições foram eliminadas e casos de objeto nulo podem ser frequentes.

²⁸ No estudo de González (1994), não se especifica uma variedade particular do espanhol.

²⁹ Exemplos retirados de Groppi (1997:66-67).

³⁰ Embora Palacios (2005) siga outro quadro teórico, suas descrições são baseadas em dados significativos e trazem interessantes descrições sobre a simplificação do sistema pronominal nas variedades do espanhol.

À parte dos casos em que o sistema pronominal é simplificado a ponto de o objeto ser nulo nos contextos de retomada, de acordo com Silva-Corvalán (2001)³¹, coexistem, no espanhol, dois sistemas pronominais de 3ª pessoa: o sistema casual e o sistema referencial. Os sistemas casual e referencial funcionam de maneira distinta, pois mostram resultados linguísticos diferentes no que diz respeito à seleção pronominal. A seleção do clítico que vai retomar o complemento verbal é feita de acordo com parâmetros diferentes, um é guiado pelo Caso do complemento e o outro por propriedades do seu referente. Nos parágrafos a seguir, explicamos, com mais detalhes, em que consiste cada sistema, começando pelo sistema casual.

O sistema casual, também conhecido como sistema etimológico, recebe esse nome porque implica no uso de formas herdadas do sistema casual latino. De acordo com Fernández Ordóñez (1999), o paradigma pronominal de 3ª pessoa do espanhol é o único que ainda apresenta uma conservação do sistema de casos latinos. Os clíticos do espanhol provêm das formas acusativas e dativa de pronomes demonstrativos do latim: *lo, la, lo* descendem das formas acusativas ILLUM, ILLAM, ILLUD e *le* deriva da forma dativa ILLI.

Desse modo, o parâmetro para seleção de um clítico em detrimento de outro se dá segundo a função sintática em questão. Em casos de objeto direto, o clítico utilizado poderá ser *lo(s)* ou *la(s)*, dependendo do gênero e número do referente. Já em casos de objeto indireto, o clítico selecionado será *le(s)*, podendo variar apenas o número. Esclarecemos que, embora no uso de tais formas entrem em jogo gênero e número do referente, essas propriedades não são o critério para a seleção do clítico, como acontece no caso do sistema referencial, que é apresentado em seguida. Na seleção de clíticos pelo sistema casual, gênero e número representam apenas uma questão de concordância entre o clítico e o referente.

Fernández Ordóñez (1999) ainda recorre às nomenclaturas *sistema distinguidor* e *sistema confundidor*³². O primeiro seria correspondente ao sistema casual, posto que distingue Caso, enquanto que o sistema confundidor seria o que a autora e Silva-Corvalán (2001) chamam de sistema

³¹ Assim como Palacios (2005), Silva-Corvalán (2001) segue um quadro teórico diferente do que assumimos para este estudo, mas as descrições feitas pela autora são bastante interessantes para um estudo que diz respeito ao sistema pronominal da língua espanhola.

³² Embora não seja relevante para esta dissertação, esclarecemos que Fernández Ordóñez (1999) ainda toca na nomenclatura *sistema estándar*. Essa nomenclatura faz referência ao sistema que, de certa forma, renuncia às particularidades de cada variedade em detrimento de um sistema de uso postulado e defendido pela *Real Academia Española* como espanhol padrão.

referencial. O sistema referencial consiste no uso dos clíticos de 3ª pessoa baseado nas propriedades inerentes do referente, abstendo-se da função sintática do sintagma. Em outras palavras, o sistema referencial, como um sistema confundidor e não distinguidor, não atende distinções de Caso, mas sim propriedades do referente, que seriam, mais especificamente, gênero e animacidade. Como aponta Fernández Ordóñez (1999), os usos pronominais desse sistema receberam, tradicionalmente, os nomes de *leísmo*, *laísmo* e *loísmo*. Segundo a autora, que segue uma abordagem mais tradicional, tais fenômenos seriam desvios dos usos pronominais.

Apresentamos, a seguir, exemplos do uso de clíticos conforme os dois sistemas pronominais.

Sistema casual:³³

- (13) a. **Lo/la** conocí ayer (a él/ella).
b. **Lo** puse en el estante (el libro).
c. **Le** dijeron que fuera el martes (a ella).

Sistema referencial leísta:³⁴

- (14) a. ¿Conoces a Juan? Sí, **le** conozco hace tiempo.
b. ¿Sabes dónde está mi libro? No, no **le** he visto por aquí.
c. Esta tarde voy a recoger a los niños del colegio y **les** llevaré al parque.
d. Fui a buscar los discos que querías y **les** encontré en la tienda de abajo.
e. A María hace tiempo que no **le** veo.
f. Aquí no hay monjas. En la guerra **les** mataron a todas.

Sistema referencial laísta:³⁵

- (15) a. Cuando vi a Pepa, **la** di su regalo.
b. Coges la sartén, **la** das la vuelta y ya tienes lista la tortilla.
c. A las niñas de hoy ya no **las** gusta coser.
d. A esas rosas hay que cortar**las** los tallos secos.

³³ Exemplos retirados de Silva-Corvalán (2001:178).

³⁴ Exemplos retirados de Fernández Ordóñez (1999:1319).

³⁵ Exemplos retirados de Fernández Ordóñez (1999:1320).

Sistema referencial loísta:³⁶

- (16) a. Cuando recojo a los niños del colegio, **los** llevo la merienda.
b. Cuando vi que el ladrón me iba a asaltar, **lo** pegué un empujón y salí corriendo.
c. Cuando el arroz está cocido, **lo** echas la sal.
d. Yo no **lo** doy ninguna importancia a eso.

Nas sentenças apresentadas em (13), a seleção do clítico seguiu o Caso acusativo ou dativo do complemento, sendo (13a) e (13b) exemplos de objeto direto (Caso acusativo) e (13c) exemplo de objeto indireto (Caso dativo). Nos demais exemplos, observamos que os clíticos não são selecionados de acordo com o Caso do complemento verbal em questão, mas sim conforme o sistema referencial.

Como já mencionado anteriormente, o sistema referencial, diferentemente do sistema casual, não tem Caso como parâmetro de seleção pronominal. Para o sistema referencial, o que se torna relevante para a seleção de um clítico e não de outro são as propriedades de gênero e animacidade do referente. De acordo com essas propriedades, há três fenômenos diferentes dentro do que seria o sistema referencial, como está exemplificado nas sentenças apresentadas em (14), (15) e (16). A seguir, descrevemos melhor o que seriam o *leísmo*, o *laísmo* e o *loísmo*.

O *leísmo* é entendido como o uso da forma *le* para um objeto direto. Ainda de acordo com Fernández Ordóñez (1999), estudos sobre diferentes tipos de *leísmo* apontam que cada um deles apresenta uma diferente frequência de uso. Pensando em uma ordem que vai do mais ao menos frequente, o primeiro caso e, conseqüentemente, mais comum seria o uso da forma *le* para um objeto direto singular masculino e animado, como no exemplo (14a). Com uma difusão mais reduzida, estaria o *leísmo* apresentado no exemplo (14b), em que um objeto direto singular masculino inanimado é retomado por *le*. Menos comum ainda seria o uso de *le* para objeto direto plural, sendo, nesse caso, as ocorrências com objeto animado – exemplo (14c) – um pouco mais comuns que as com objeto inanimado – exemplo (14d). Por fim, o caso mais raro de *leísmo*, segundo a autora, seria o caso de uso da forma *le* para retomada de objeto direto feminino, independentemente de ser singular ou plural, como é possível observar em (14e) e (14f).

O *laísmo* seria o emprego da forma *la* no lugar de *le* para o objeto indireto com referente feminino fundamentalmente animado, como em (15a) e (15c), embora também seja possível a ocorrência desse uso em casos de referente inanimado, como nos exemplos (15b) e (15d). Em

³⁶ Exemplos retirados de Fernández Ordóñez (1999:1320).

comparação ao *leísmo* com objetos animados, Fernández Ordóñez (1999) aponta que o *laísmo* é um fenômeno de frequência menor, sendo a sua incidência maior nos casos de singular que nos de plural. Apesar disso, o menos comum dos usos pronominais do sistema referencial é, segundo a autora, o *loísmo*. Nesse fenômeno, o pronome *lo* é utilizado no lugar de *le* para objeto indireto com referente masculino ou neutro, como observamos nos exemplos apresentados em (16).

Segundo Fernández Ordóñez (1999), o sistema pronominal casual está disponível para a língua espanhola de uma maneira geral, enquanto que algumas variedades passaram e ainda passam por um processo de reorganização do seu sistema pronominal para um sistema pronominal referencial. Um exemplo é o espanhol falado no Paraguai, que, de acordo com Palacios (2005), possui um sistema pronominal que passa por uma simplificação ao apresentar, como tendência, o uso da forma *le* para qualquer objeto.

No que diz respeito ao espanhol do Uruguai, considerando, mais especificamente, dados de Montevideu utilizados para análise no estudo de Groppi (1997), é possível observar que o sistema pronominal em vigor é o sistema casual. No entanto, para a análise desta dissertação, não descartamos casos em que o pronome *le* possa vir a ser utilizado, pois, como aponta Fernández Soriano (1999), a ocorrência ou não da duplicação não está relacionada com a forma do clítico, mas sim com o tipo de objeto envolvido. Sendo assim, como o escopo proposto para este estudo é a duplicação de clítico de objeto direto, nos dedicamos à seleção de dados em que a posição de objeto direto esteja em jogo, independentemente do clítico utilizado para ocupá-la.

2.2. UM PANORAMA DOS TIPOS DE DUPLICAÇÃO DE CLÍTICO NO ESPANHOL

O fenômeno da duplicação de clítico ocorre quando estão presentes, em uma mesma oração, um clítico e um sintagma como objeto correferentes, como nos seguintes exemplos³⁷.

³⁷ Exemplos retirados de Jaeggli (1981:12-14).

Esclarecemos que, embora não estejamos de acordo com a abordagem representacional da duplicação de clítico defendida por Jaeggli (1981), seus dados são interessantes e suas considerações relevantes para uma revisão de literatura sobre o fenômeno no espanhol.

- (17) a. **Lo** vi **a él**. (objeto direto pronominal)
 b. (*) **Lo** vimos **a Guille**.³⁸ (objeto direto pleno)
 c. **Le** entregué la carta **a él**. (objeto indireto pronominal)
 d. Miguelito **le** regaló un caramelo **a Mafalda**. (objeto indireto pleno)

Nos exemplos apresentados em (17), vemos casos diferentes de duplicação. Há casos que envolvem objeto direto, objeto indireto, objeto pronominal e objeto pleno (não-pronominal). No entanto, em todas as orações, sempre há um clítico e um sintagma como objeto correferentes.

Há estudos, como o de Fernández Soriano (1999), que estabelecem diferenças entre o que seria uma duplicação de fato e uma deslocação do sintagma. A autora, a partir dos exemplos³⁹ recuperados a seguir, discute sobre o que seria um caso de duplicação propriamente dita.

- (18) a. {**A él/A Juan**} **lo** han visto.
 b. **El chico** que no sabías cuándo **lo** habías visto.
 c. **Me** lo han dicho **a mí**.
 d. **Le** dijeron **a Juan** que viniera.

Em todos os exemplos apresentados por Fernández Soriano (1999), há um clítico e um sintagma correferentes. Entretanto, para a autora, os únicos casos de duplicação propriamente dita seriam os presentes nos exemplos (18c) e (18d)⁴⁰.

A duplicação aconteceria nos casos em que o clítico coocorre na mesma oração com um sintagma em posição canônica de objeto, ou seja, em posição pós-verbal. Sendo assim, de acordo com Fernández Soriano (1999), os exemplos (18a) e (18b) não seriam casos de duplicação. O exemplo (18a) seria, segundo alguns estudos, o que Cinque (1990) chama de *Clitic Left Dislocation* (CLLD), que ocorre mesmo em línguas que em que não há duplicação de clítico, como o italiano. Já no exemplo (18b), conforme aponta a autora, o sintagma que aparece à esquerda (“El chico”) seria o próprio referente do clítico “lo”, que está na oração de relativo.

³⁸ Como já mencionado no capítulo anterior, sentenças como (17b) podem ser tidas como gramaticais ou não de acordo com a variedade do espanhol que esteja sendo considerada.

³⁹ Exemplos retirados de Fernández Soriano (1999:1246).

⁴⁰ Os exemplos de Jaeggli (1981) em (17), nos quais todas as sentenças apresentam o sintagma envolvido na duplicação em posição canônica de objeto, condizem com a distinção descrita por Fernández Soriano (1999).

Ressaltamos, no entanto, que nem todos os estudos que tratam da duplicação de clítico entendem o fenômeno dessa maneira. De acordo com Groppi (2001), por exemplo, a duplicação é um fenômeno que se caracteriza pela presença, dentro de uma mesma oração, de um clítico e um sintagma correferentes mesmo que o sintagma tido como objeto não ocupe a posição canônica.

- (19) a. **La vi a María.**
b. **La vi a ella** ayer, en la fiesta.
c. **A María la** vi ayer, en la fiesta.

Em (19), recuperamos exemplos⁴¹ apresentados por Groppi (2001) e observamos, mais especificamente em (19c), que a autora aponta como uma das possibilidades de duplicação casos em que o sintagma é deslocado para a esquerda, aparecendo antes do próprio clítico. Esse caso corresponderia ao exemplo (18a) de Fernández Soriano (1999).

Depois de apresentar essas considerações no que diz respeito ao que seria o fenômeno da duplicação de clítico, tratamos, a seguir, dos diferentes casos de duplicação no espanhol. Como mencionado no capítulo anterior, as construções de duplicação de clítico fazem parte do sistema de algumas línguas. No que diz respeito ao espanhol, mais especificamente, como aponta Fernández Soriano (1999):

en un sentido no meramente estadístico sino basado en el análisis sintáctico, las construcciones de doblado son claramente mayoritarias: se dan siempre que el objeto sea pronominal y, dentro de los no pronominales, sólo tienen restricciones con objetos directos. (FERNÁNDEZ SORIANO, 1999:1250-1251)

Considerando que, como aponta Fernández Soriano (1999), as construções de duplicação seriam majoritárias no espanhol, visto que ocorrem sempre com objeto pronominal e, dentro dos plenos, apenas apresentam restrições no que se refere ao objeto direto, muitos estudos se dedicaram a diferenciar o que chamamos aqui de tipos de duplicação. Dessa forma, nesta seção, apresentamos um panorama sobre esses diferentes tipos de duplicação e o que descrevem os estudos sobre seu uso e produtividade. Retomamos estudos de diferentes autores, como, por exemplo, Jaeggli (1981), Suñer (1988) e Fernández Soriano (1999), e organizamos essa revisão de literatura de acordo com os tipos de objeto envolvido na duplicação: pronominal, pleno, direto ou indireto.

Começamos com a classificação de objeto em pronominal e pleno, pois os estudos apontam que, quando o objeto é pronominal, sempre há duplicação. Isto é, a duplicação em casos de sintagma

⁴¹ Exemplos retirados de Groppi (2001:230).

pronominal é tida como obrigatória, independentemente se o objeto é direto ou indireto, como é possível observar nos exemplos⁴² apresentados em (20).

- (20) a. **Le** entregué la carta **a él**. (*Entregué la carta a él.)
b. **Lo** vi **a él**. (*Vi a él.)
c. **Le** di el regalo **a él**. (*Di el regalo a él.)
d. **Me** ha visto **a mí**. (*Ha visto a mí.)
e. **Nos** llamó **a nosotros**. (*Llamó a nosotros.)

Tendo em vista, então, o que propõem os estudos – Jaeggli (1981), Suñer (1988) e Fernández Soriano (1999) –, tanto nos casos de objeto indireto pronominal (20a, c), quanto nos casos de objeto direto pronominal (20b, d, e), a duplicação é obrigatória, caso contrário a sentença é tida como agramatical.

No que se refere aos objetos plenos, por outro lado, os estudos – Jaeggli (1981), Suñer (1988) e Fernández Soriano (1999) – apontam que é necessário diferenciar os casos de objeto direto dos casos de objeto indireto para chegar a considerações sobre o seu uso. Dessa forma, ao contrário do que acontece quando o objeto é pronominal, na duplicação com objeto pleno, o Caso do objeto ganha relevância para entender sua produtividade. A seguir, recuperamos dois exemplos⁴³ apresentados por Fernández Soriano (1999).

- (21) a. **Le** di el regalo **a Juan**.
b. ??**Lo** vi **a Juan**.

Segundo Fernández Soriano (1999), “*los objetos indirectos* se reduplican con libertad en todos los dialectos del español; *los objetos directos* son extraños, en la variedad estándar⁴⁴, si coaparecen con un clítico” (FERNÁNDEZ SORIANO, 1999:1248-1249). Desse modo, a duplicação presente em (21a) seria produtiva no espanhol de uma maneira geral, enquanto que a duplicação representada em (21b) poderia gerar dúvidas na variedade que a autora chama de *estándar*.

No que tange aos objetos indiretos plenos, Fernández Soriano (1999) afirma que, embora a preferência seja pela duplicação, há casos em que a duplicação é obrigatória e outros em que não.

⁴² Exemplos (20 a, b) retirados de Jaeggli (1981:13-14) e exemplos (20c-e) retirados de Fernández Soriano (1999:1248).

⁴³ Exemplos retirados de Fernández Soriano (1999:1249).

⁴⁴ Ressaltamos que não compartilhamos da premissa de que há um espanhol *estándar*. Entendemos que utilizar esse tipo de nomenclatura pode implicar na ideia errônea de que uma variedade possa ser superior a outra.

Segundo a autora, a ocorrência do fenômeno, nesse caso, estaria diretamente relacionada ao papel temático que é atribuído ao objeto.

- (22) a. **(Le)** dijeron **a Juan** que viniera.
b. **(Le)** dieron el premio **al escritor**.
c. ***(Le)** gusta el cine **a Juan**.
d. ***(Le)** preparó un brevaje **al enfermo**.
e. ***(Le)** hice los deberes **a la niña**.
f. ***(Le)** cortaron las uñas **al niño**.
g. ***(Le)** duele la pierna **a Pedro**.

Considerando os exemplos⁴⁵ expostos em (22), Fernández Soriano (1999) aponta que as sentenças em (22c-g), quando o objeto não recebe o papel temático geralmente atribuído, que é o de destinatário, são casos em que a presença do clítico é obrigatória.

De acordo com a autora, o exemplo (22c) seria um caso de papel temático experienciador, enquanto que os exemplos (22d-e) seriam casos de papel temático beneficiário. No que se refere aos exemplos (22 f-g), afirma que “a los dos papeles anteriores se superpone el de poseedor inalienable” (FERNÁNDEZ SORIANO, 1999:1250).

Já os exemplos (22a) e (22b), quando o papel temático atribuído é o de destinatário, seriam as únicas sentenças das que foram apresentadas que são licenciadas sem a duplicação. Entretanto, observando as sentenças em (22c-g), sabemos que esses exemplos também aceitariam a ausência da duplicação no sentido de que a sentença pode ser formada apenas pelo clítico em um contexto de referência anafórica, por exemplo. A duplicação de clítico envolve o par clítico e sintagma, sendo assim, a obrigatoriedade da presença do clítico não é capaz de garantir a ocorrência da duplicação.

Jaeggli (1981) também relaciona a ocorrência da duplicação com objeto indireto pleno ao papel temático do sintagma envolvido na construção em questão.

- (23) a. Miguelito **le** regaló un caramelo **a Mafalda**.
b. Miguelito **les** regaló caramelos **a unos chicos del barrio**.
c. A las doce en punto, la dirección entregó las notas **a los estudiantes**.

⁴⁵ Exemplos retirados de Fernández Soriano (1999:1250).

- (24) a. **Le duele la cabeza a Mafalda.**
b. **Le rompí la pata a la mesa.**
c. ***Duele la cabeza a Mafalda.**
d. ***Rompí la pata a la mesa.**

Segundo Jaeggli (1981), quando o sintagma tem papel temático alvo, a duplicação é opcional, como é possível observar nos exemplos⁴⁶ em (23). Nas três sentenças apresentadas, os sintagmas envolvidos na duplicação são, conforme o autor, casos de papel temático alvo, o que explicaria a opcionalidade da duplicação, já que, nos exemplos em (23a-b), há o uso do clítico e do sintagma, enquanto que em (23c) há apenas o sintagma. Por outro lado, de acordo com o autor, há casos em que a duplicação com objeto indireto pleno é obrigatória. Tais casos de obrigatoriedade envolveriam um sintagma tematicamente interpretado como o que o autor chama de *possessives* (casos de *inalienable possession*), como nos exemplos⁴⁷ apresentados em (24), que corresponderiam aos exemplos (22 f-g) de Fernández Soriano (1999).

No que tange à relação entre papéis temáticos do objeto indireto e a duplicação, esclarecemos que essa proposta não é consensual entre os estudos. Suñer (1988), por exemplo, a partir da análise dos seus dados, não estabelece relação alguma entre o papel temático que tem o objeto indireto e a ocorrência ou não da duplicação. Talvez seja interessante que esse ponto seja revisitado por pesquisas futuras da área que se dediquem especialmente à duplicação com objeto indireto pleno. Nesta dissertação, nosso objetivo é trabalhar com a duplicação de clítico de objeto direto, sendo assim, não nos aprofundamos nesse tópico.

Retomando a comparação feita por Fernández Soriano (1999) entre os exemplos em (21), tratamos agora da duplicação com objeto direto pleno, que é o foco desta dissertação. Conforme apontam estudos como o de Jaeggli (1981), esse caso de duplicação envolve uma situação mais complexa.

De acordo com Fernández Soriano (1999), os casos de duplicação com objeto direto pleno são *extraños* na variedade denominada *estándar*. Segundo a autora, ocorrências como a de (21b) seriam possíveis apenas no espanhol falado na zona do Rio da Prata, que seria, então, a área geolectal que compreende a variedade do espanhol que permite a duplicação com objeto direto pleno – tida pela

⁴⁶ Exemplos retirados de Jaeggli (1981:12).

⁴⁷ Exemplos retirados de Jaeggli (1981:13).

autora como variedade não *estándar*. O mesmo afirma Jaeggli (1981) sobre o exemplo (17b), que pode ser gramatical no espanhol falado na região rio-pratense, mas não no espanhol *standard*⁴⁸. De acordo com o autor, que já seguia por esse caminho no estudo publicado em 1981,

In Standard Spanish, Standard French, and Standard Italian there is complementary distribution between clitics and non-pronominal lexical NP direct object; (...) In other dialects of Spanish, however, it is possible to double a direct object. For example, in the dialect spoken in the River Plate area of South America (Argentina, Paraguay, Uruguay, including some areas of Chile), animate specific direct objects may (and preferable are) clitic doubled. (JAEGGLI, 1981:13-14).⁴⁹

Suñer (1988), de certa forma, também já estabelecia uma diferença ao dizer que “dialectally, DO CL-D is widespread in Porteño and in a few other dialects” (SUÑER, 1988:396)⁵⁰.

Embora nem todos os estudos – como o de Suñer (1988) – atribuam às outras variedades do espanhol um caráter de *standard* como fazem Jaeggli (1981) e Fernández Soriano (1999), é consensual, de uma maneira geral, que a duplicação que envolve objeto direto pleno é uma característica do espanhol falado na região rio-pratense. Entretanto, esclarecemos que, quando afirmamos que há um consenso “de uma maneira geral”, queremos dizer que muitos estudos apontam nessa direção, mas há alguns que trazem resultados diferentes. Silva-Corvalán (2001) afirma, mesmo que de maneira breve, que recolheu dados de duplicação com objeto direto pleno em Madri e que há registros dessas estruturas também no espanhol basco (cf. Urrutia, 1995) e no espanhol quitenho (cf. Yépez, 1986).

Como, nesta dissertação, nos dedicamos a estudar a duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa com sintagma pleno pós-verbal, apresentamos, em seguida, uma seção que se centra em uma revisão de literatura voltada, mais especificamente, para esse tipo de duplicação.

⁴⁸ Assim como já mencionado anteriormente sobre a nomenclatura utilizada por Fernández Soriano (1999), ressaltamos que não compartilhamos da premissa de que há um espanhol *standard*. Entendemos que utilizar esse tipo de nomenclatura pode implicar na ideia errônea de que uma variedade é superior a outra, sendo justamente o espanhol falado na região rio-pratense “outra” variedade existente, que não corresponderia ao esperado, isto é, ao *standard*.

⁴⁹ Tradução nossa: No espanhol padrão, no francês padrão e no italiano padrão, há distribuição complementar entre clíticos e NPs plenos (não pronominais) de objeto direto; (...) Em outros dialetos do espanhol, no entanto, é possível duplicar um objeto direto. Por exemplo, no espanhol falado na área do Rio da Prata, na América do Sul (Argentina, Paraguai, Uruguai, incluindo algumas áreas do Chile), objetos diretos animados e específicos podem e preferivelmente estão envolvidos na duplicação de clítico.

⁵⁰ Tradução nossa: Dialetoalmente, a duplicação de clítico de objeto direto é difundida em *Porteño* e em alguns outros dialetos.

2.3. A DUPLICAÇÃO DE CLÍTICO DE OBJETO DIRETO DE 3ª PESSOA COM SINTAGMA PLENO PÓS-VERBAL

Tendo em vista que, de acordo com o tipo de objeto envolvido na duplicação, o fenômeno pode ter uma produtividade diferente, nesta dissertação, fizemos um recorte a fim de equiparar e nivelar ao máximo os dados para análise. Nosso escopo, como apontado anteriormente, são os casos de duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa com sintagma pleno pós-verbal, que é um tipo de duplicação tido, na literatura, como opcional e até restrito. A seguir, damos uma atenção maior a esse caso de duplicação.

Como foi apresentado na seção anterior, a duplicação que envolve objeto direto e sintagma pleno pós-verbal é, segundo estudos como os de Jaeggli (1981), Suñer (1988) e Fernández Soriano (1999), um tipo de duplicação que não é produzido no espanhol de uma maneira geral, mas sim no espanhol falado na região rio-pratense. Além disso, mesmo no espanhol rio-pratense, tal construção possui um caráter opcional. Desse modo, muitos estudos que definiram esse tipo de duplicação como objeto de estudo se dedicaram a compreender que fatores estariam em jogo na sua opcionalidade. Isto é, a pergunta que muitos estudos se propuseram a responder foi: o que faz com que haja duplicação em casos de objeto direto e sintagma pleno posposto ao verbo?

Entre os estudos que apresentam considerações relevantes nesse sentido, estão os já mencionados Rivas (1977), Jaeggli (1981), Suñer (1988) e Groppi (2001). Entretanto, suas descrições apontam para diferentes conclusões no que diz respeito à ocorrência da duplicação de clítico de objeto direto com sintagma pleno pós-verbal. A seguir, fazemos uma revisão de literatura a fim de apresentar o que tais estudos preveem como fatores condicionadores da duplicação de clítico em questão.

Começamos por Rivas (1977), um estudo que, embora não se centre no fenômeno da duplicação, apresenta considerações importantes sobre o tipo de duplicação que estudamos. De acordo com o autor, a duplicação de clítico de objeto direto com sintagma pleno pós-verbal, no espanhol rio-pratense, ocorre apenas quando o sintagma é [+animado] e, conseqüentemente, acompanhado pela preposição “a”. Observamos essas condições nos exemplos⁵¹ já apresentados no capítulo anterior, mas recuperados a seguir.

⁵¹ Exemplos retirados de Rivas (1977:33).

- (25) a. Conozco **esta poesía**.
b. ***La** conozco **esta poesía**.
c. *Conozco **a María**.
d. **La** conozco **a María**.

Em (25), pela diferença no julgamento de gramaticalidade das sentenças (25b) e (25d), vemos que a duplicação estudada só seria gramatical em casos de sintagma [+animado] acompanhado pela preposição, visto que “poesía” é [-animado] e “María” é [+animado].

Outro estudo importante já mencionado anteriormente é o de Jaeggli (1981). Segundo o autor, a duplicação em questão ocorre, no espanhol rio-pratense, preferencialmente com objetos [+animados] e [+específicos]. Além disso, como já foi tratado no capítulo anterior, o autor aponta que uma condição necessária para a ocorrência desse tipo de estrutura é que o sintagma posposto ao verbo seja encabeçado por um atribuidor de Caso, mais especificamente, a preposição “a”.

- (26) a. ***La** vimos **la casa de Mafalda**.
b. (*) **Lo** vimos **a Guille**.

Através dos exemplos⁵² recuperados em (26), Jaeggli (1981) argumenta que uma sentença como a apresentada em (26a) é agramatical pela falta da preposição “a”, além do fato de o sintagma ser [-animado], o que é apontado como um contexto não favorecedor da duplicação. Por outro lado, a sentença (26b) seria agramatical no que o autor chama de *standard Spanish*, mas gramatical no espanhol falado na região rio-pratense quando o sintagma é encabeçado pela preposição “a” e, preferencialmente, [+animado] e [+específico]. Ainda sobre os exemplos em (26), recuperando o que o autor afirma sobre uma relação entre os objetos [+animados] e [+específicos] e a duplicação, observamos que em (26a), sentença em que a duplicação seria agramatical, o sintagma é [-animado], como previsto, mas [+específico], de acordo com a nossa leitura. Pode parecer que seja contraditório o uso desse exemplo, no entanto, esclarecemos que o autor coloca como condição principal para a ocorrência da duplicação a presença da preposição e utiliza os exemplos em questão para evidenciar que a duplicação com sintagma não encabeçado pela preposição não poderia ser gramatical em nenhuma região. A animacidade e a especificidade são apresentadas como contextos favorecedores, mas não são apontadas como condições, de fato, pelo autor.

⁵² Exemplos retirados de Jaeggli (1981:19).

Em contrapartida ao que propõem Rivas (1977) e Jaeggli (1981), Suñer (1988) afirma que a preposição “a” não é necessária para que haja duplicação de clítico de objeto direto com sintagma pleno pós-verbal. Segundo a autora, tal preposição não seria simplesmente um atribuidor de Caso, como defende Jaeggli (1981), mas sim uma marca de animacidade. Essa relação entre a preposição “a” e o traço de animacidade é conhecida, na literatura, como *Differential Object Marking* (DOM). Segundo von Heusinger e Kaiser (2005), a nomenclatura DOM é cunhada por Bossong (1985) para dar conta da marcação do objeto direto com a preposição “a” sob certas condições em línguas em que o objeto direto, ao contrário do objeto indireto, não tem que ser obrigatoriamente acompanhado pela preposição. Na literatura, como apontam os autores, podem ser considerados, pelo menos, três parâmetros para entender o DOM: animacidade, categorias referenciais e topicalidade. Muitas descrições voltadas para o espanhol relacionam o DOM ao traço de animacidade (em alguns casos, também ao traço [+humano]), como podemos ver em Rivas (1977) e Suñer (1988). Ressaltamos ainda no que diz respeito à relação entre a preposição “a” e a animacidade que, por mais que tanto Rivas (1977) quanto Suñer (1988) considerem a preposição “a” presente nos casos de duplicação de clítico uma marca de animacidade, os dois autores, como já apontado, divergem no que diz respeito às condições que estariam previstas para a ocorrência da duplicação em questão.

No que se refere aos traços do sintagma envolvido na construção de duplicação, Suñer (1988) aponta que a duplicação com objeto [-animado] seria menos comum que com objeto [+animado], embora ambos sejam possíveis em uma estrutura de duplicação, como é possível observar nos exemplos⁵³ a seguir.

(27) a. **La oían a la niña.**

b. Yo **lo** voy a comprar **el diario** justo antes de subir.

Além disso, segundo Suñer (1988), o único traço relevante para esse tipo de duplicação seria o traço de especificidade⁵⁴, de maneira que os objetos diretos [-específicos] nunca poderiam estar envolvidos em uma estrutura de duplicação. Já o traço de definitude, embora muitos casos de duplicação analisados pela autora sejam de sintagma [+definido], não teria relevância alguma na ocorrência da duplicação de clítico de objeto direto com sintagma pleno pós-verbal.

⁵³ Exemplos retirados de Suñer (1988:396-400).

⁵⁴ Esclarecemos que, conforme Suñer (1988) menciona brevemente, a noção de especificidade, no seu estudo, é utilizada no sentido de que o referente de um sintagma [+específico] pode ser identificado em um contexto linguístico.

- (28) a. Diariamente, **la** escuchaba **a una mujer que cantaba tangos**.
b. ***Lo** alabarán **al niño que termine primero**.

Com os exemplos⁵⁵ apresentados em (28), Suñer (1988) ilustra que, por um lado, o traço de definitude não tem relevância para a ocorrência ou não da duplicação em questão, enquanto que, por outro, o traço de especificidade é relevante a ponto de que não possa haver duplicação em uma sentença em que o sintagma é interpretado como [-específico]. De acordo com a autora, em (28a), o sintagma é [-definido] e [+específico] e, em (28b), o sintagma é [+definido] e [-específico]. Desse modo, o fato de o primeiro caso ser de um sintagma [+específico] explica por que a duplicação é gramatical e o fato de o sintagma na segunda sentença ser, conforme a concepção de especificidade adotada pela autora, [-específico] explica por que a duplicação, nesse caso, é agramatical.

O estudo de Suñer (1988) é retomado por Leonetti (2007), que discute a sua proposta de que o traço de especificidade é o único relevante na duplicação de clítico de objeto direto no espanhol rio-pratense. Segundo o autor, o traço que teria mais relevância no fenômeno em questão seria a definitude, tendo em vista que o clítico, como um determinante definido, impõe suas propriedades referenciais ao sintagma envolvido na duplicação.

Ainda nessa referência que Leonetti (2007) faz a Suñer (1988), o autor aponta que os efeitos da especificidade podem ser detectados apenas quando há uma combinação entre clíticos e sintagmas [-definidos]. Inicialmente, pensava-se que essa combinação tornaria a sentença com duplicação agramatical, mas o autor ressalta que essa combinação é possível. Nesses casos, o sintagma [-definido] deve receber uma interpretação [+específica]. O autor defende que os efeitos da especificidade são uma consequência da característica [+definida] do clítico. Isto é, em casos de sintagma [-definido], a especificidade seria engatilhada pelo traço [+definido] do próprio clítico. Para além disso, ressaltamos que o autor considera que há uma tendência de que elementos [+definidos] sejam [+específicos] e de que elementos [-definidos] sejam [-específicos]. Fazemos referência a essa tendência em seguida, na seção 2.4., mais especificamente em 2.4.3., ao tratar do traço de especificidade segundo o mesmo autor.

Por fim, retomamos o estudo de Groppi (2001). Ao tratar da opcionalidade da duplicação no espanhol, a autora aponta que, no espanhol rio-pratense, podem ser encontradas ocorrências de duplicação de clítico de objeto direto com sintagma pleno pós-verbal [+animado], [-animado],

⁵⁵ Exemplos retirados de Suñer (1988:396).

acompanhado da preposição *a* e sem preposição *a*, como nos seguintes exemplos⁵⁶ retomados pela autora.

- (29) a. S. tenía para... esperaba para mediados de abril... entonces yo aproveché... me fui a Paris... (...) y cuando volví estuve una semana antes de que tuviera familia y una semana después que **la** tuvo **la nena**... (C12 I.73)
- b. ...**lo** vamos a empujar **al ómnibus**.
- c. ...**lo** quiero mucho **a este arbolito** porque me lo regaló mi mamá.
- d. Yo **la** tenía prevista **esta muerte** (ejemplo de SUÑER, 1988, p.399)

Groppi (2001) não se propõe a apresentar nenhuma condição para a duplicação em questão. Em contrapartida a isso, a autora apresenta dados que rompem com descrições anteriores, mostrando, por exemplo, evidências de que há duplicação de clítico de objeto direto com sintagma pleno pós-verbal que não é encabeçado pela preposição “a”. Inclusive, seus dados não confirmam a relação que outros autores apontam entre a preposição e o traço de animacidade. Em (29a), por exemplo, “la nena” é [+animado] e não possui a preposição “a”, e, em (29b), “al ómnibus” é [-animado] e é encabeçado pela preposição.

Ainda no que diz respeito à duplicação estudada, recuperamos outro ponto de discussão. Correa (2003) se dedica ao estudo da duplicação de clítico no espanhol de Buenos Aires e, ao lidar com dados da duplicação em questão, chega ao que seria uma cisão da categoria de clíticos.

A cisão apresentada no estudo de Correa (2003) divide os clíticos presentes na duplicação de clítico de objeto direto com sintagma pleno pós-verbal em anafóricos e dêiticos. Essa proposta de divisão leva em consideração o status informacional do sintagma pleno envolvido na duplicação, que, segundo o autor, pode ser velho ou novo. Em outras palavras, haveria dois casos de duplicação de clítico de objeto direto com sintagma pleno pós-verbal. Em um deles, o referente é uma informação velha, sendo esse o caso de clítico anafórico. O outro caso ao qual se refere o autor é aquele em que o referente é uma informação nova, sendo o clítico envolvido na duplicação um clítico dêitico. Apresentamos, a seguir, dois exemplos⁵⁷ que o autor utiliza para contrastar esses dois tipos de clítico.

⁵⁶ Exemplos retirados de Groppi (2001:232).

⁵⁷ Exemplos retirados de Correa (2003:130-131).

(30) Yo **la** vi a Mercedes Sosa la primera vez que cantó.

(31) Eso es lo que **la** espantó a mi hija.

As sentenças apresentadas em (30) e (31) são retiradas do *corpus El Español Hablado en la Ciudad de Buenos Aires: Elementos para su Estudio* (Barrenechea, 1982) e, embora não apresentemos o fragmento completo⁵⁸ em que estão inseridas tais sentenças, retomamos a discussão de Correa (2003).

Segundo o autor, embora as duas sentenças sejam estruturalmente semelhantes, tendo um clítico e um sintagma pleno correferentes, se diferenciam de acordo com o status informacional do referente. O exemplo (30), por um lado, seria um caso de uma duplicação com clítico anafórico, porque o sintagma “Mercedes Sosa” já havia sido mencionado anteriormente. Desse modo, nesse exemplo, o clítico “la” seria interpretado como objeto da sentença. Por outro lado, no exemplo (31), o clítico é um clítico dêitico, porque o sintagma “a mi hija” se refere a uma informação nova. Assim sendo, o clítico “la” desse exemplo não receberia a mesma interpretação do clítico do exemplo (30), tendo em vista que o sintagma, por se referir a uma informação nova, seria o item indispensável na sentença e, conseqüentemente, ocuparia a posição de argumento interno do verbo. Em outras palavras, como aponta o autor, no exemplo (31), a omissão do sintagma e manutenção apenas do clítico torna a sentença agramatical, enquanto que, no exemplo (30), o sintagma poderia ser omitido sem que a sentença fosse comprometida.

Como mencionado em uma nota de rodapé, o estudo de Correa (2003) está voltado para o tratamento de ocorrências de duplicação em que o clítico é interpretado como dêitico. Entretanto, o autor trata, mesmo que brevemente, do clítico anafórico e apresenta uma explicação para esse fenômeno. O autor aponta que as ocorrências de duplicação com clítico anafórico, ou seja, com sintagma cuja referência é uma informação velha seriam casos em que o falante recorre ao sintagma pleno em virtude de a retomada do objeto apenas pelo clítico não ser suficiente.

Os estudos recuperados nesta seção parecem não levar em consideração o status informacional do objeto. Inclusive, quando tais autores apresentam exemplos de duplicação de clítico apresentam apenas a sentença em que há a duplicação e destacam o sintagma que aparece em posição pós-verbal.

⁵⁸ Correa (2003) trata dos casos de duplicação em que o clítico é considerado dêitico. Desse modo, o autor não apresenta os fragmentos de ocorrências de duplicação como a do exemplo (30), já que diz respeito a um clítico anafórico. Como só tivemos acesso, então, aos fragmentos em que o clítico se refere a uma informação nova, preferimos não recuperá-los, já que não haveria os de clítico anafórico para realizar uma comparação.

Entretanto, nesta dissertação, com o objetivo de equiparar ainda mais a natureza dos dados a serem analisados, definimos como nosso escopo as ocorrências de duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa com sintagma pós-verbal em contexto anafórico.

Após definir nosso escopo e apresentar uma revisão dos estudos desenvolvidos sobre a duplicação de clítico, foi possível observar o que já apontávamos anteriormente, no final do capítulo 1. Os estudos – Rivas (1977), Jaeggli (1981), Suñer (1988) e Groppi (2001) – não são consensuais na descrição da duplicação de clítico estudada. Tais estudos, com exceção de Groppi (2001), chegam, inclusive, a apresentar generalizações categóricas. Tendo isso em vista, decidimos nos dedicar a uma descrição das ocorrências de duplicação para verificar de que contextos estamos tratando ao falar de duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa com sintagma pleno pós-verbal. Consideramos que um estudo direcionado à questão representacional da duplicação de clítico, apresentada no capítulo 1, é muito pertinente e relevante. No entanto, em razão da revisão de literatura apresentada nesta seção, nos propusemos a estudar, neste momento, a realização do fenômeno, para que, em pesquisas futuras, possa ser discutida a sua representação com o auxílio da descrição apresentada neste estudo. Esclarecido esse ponto, na seção seguinte, nos dedicamos aos traços de animacidade, definitude e especificidade, que foram os fatores considerados na análise dos dados.

2.4. OS TRAÇOS DE ANIMACIDADE, DEFINITUDE E ESPECIFICIDADE

Na seção anterior, recuperamos alguns estudos importantes da literatura referente ao fenômeno da duplicação de clítico de objeto direto no espanhol. Ao fazê-lo, observamos que as descrições apresentadas por esses estudos divergem no que diz respeito aos contextos de ocorrência da duplicação de clítico de objeto direto com sintagma pleno pós-verbal. Tais contextos de ocorrência correspondem, mais especificamente, a características do sintagma envolvido na duplicação, entre as quais estão os traços de animacidade, definitude e especificidade. Há, por exemplo, estudo que considera o traço de animacidade decisivo para a duplicação em questão, há também estudo em que se atribui um papel relevante ao traço de especificidade e se coloca o traço de definitude como irrelevante, entre outros.

Tendo em vista a revisão de literatura realizada na seção 2.3., definimos, então, que os traços de animacidade, definitude e especificidade seriam os fatores considerados na análise dos dados desta dissertação. Entretanto, esclarecemos que, diferentemente dos estudos apresentados, nosso foco está

na análise do referente e não do sintagma envolvido na construção de duplicação. Como é possível observar na seção 4.2., também analisamos, mesmo que indiretamente, o sintagma, mas nos centramos na análise do referente com a finalidade de verificar outros caminhos para a descrição da duplicação estudada. Considerando os traços mencionados, nesta seção, tratamos, primeiramente, da noção de traço com base no quadro teórico gerativista e, em seguida, nos dedicamos a apresentar cada um dos traços considerados na análise: 2.4.1. *Animacidade*; 2.4.2. *Definitude*; e 2.4.3. *Especificidade*.

Desde que foi formulada, a Teoria Gerativa passou por reformulações até chegar à sua versão mais recente, o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995). No Programa Minimalista, uma língua é formada por dois componentes fundamentais: o léxico e o sistema computacional. O léxico é o componente inicial do processo de formação de sentenças e armazena todos os itens lexicais isolados e as suas informações linguísticas, que são acessadas durante a computação linguística realizada pelo sistema computacional. De acordo com Chomsky (1995), tais informações linguísticas presentes no léxico são idiossincrasias⁵⁹ conhecidas como traços. Sendo assim, cada item presente no léxico é composto por um conjunto de traços.

A noção de traço provém, inicialmente, de estudos da fonologia, no entanto, dentro do quadro teórico da Linguística Gerativa, os traços do léxico podem ser fonológicos, semânticos ou formais. Os traços fonológicos e semânticos são codificados e expressos no próprio item lexical, sendo os fonológicos referentes à sua forma e som, enquanto que os semânticos se referem ao seu conteúdo e significado. Já os traços formais, por serem também conhecidos como traços sintáticos, não se expressam estritamente no item lexical, mas sim em objetos sintáticos complexos estruturados pelo sistema computacional. Esses traços entram em jogo quando o sistema computacional necessita de informações como, por exemplo, as relações sintáticas que um item pode ter em relação a outro, as relações de concordância que se estabelecem entre diferentes itens através de marcas como gênero, número e pessoa (traços-*phi*), e etc. Dessa maneira, os traços formais atuam no que diz respeito a questões morfológicas, morfossintáticas e sintáticas da computação linguística.

Neste estudo, tratamos dos traços de animacidade, definitude e especificidade como traços semânticos com repercussão na sintaxe. Isto é, por mais que partam de propriedades semânticas, tais traços podem ser relevantes na sintaxe no sentido de interferir em determinadas escolhas sintáticas.

⁵⁹ Podemos nos referir aos traços do léxico como idiossincrasias por conta da diversidade linguística que há no mundo. No entanto, o fato de que sejam arbitrariamente selecionados não significa que sua organização não seja sistemática e coerente.

No caso de estudos como o de Campos (1986), por exemplo, a marcação de determinado traço pode levar à seleção de diferentes estratégias no que diz respeito ao contexto de retomada do objeto. Campos (1986) apresenta resultados de um estudo sobre o apagamento do objeto direto indefinido em contexto de retomada no espanhol. O autor aponta que, quando o referente do objeto é indefinido, o clítico que o retoma pode ser apagado, como no seguinte exemplo⁶⁰.

- (32) – ¿Compraste café?
– Sí, compré.

Considerando o exemplo em (32), o autor aponta que “Sí, compré” é um caso de *object drop* e não um exemplo do verbo “comprar” usado intransitivamente.

Tendo em vista, então, que consideramos animacidade, definitude e especificidade traços semânticos que podem ter repercussão na sintaxe, buscamos compreender de que maneira se daria essa repercussão, mais especificamente, na duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa em contexto anafórico com sintagma pleno pós-verbal. A seguir, apresentamos a concepção que adotamos para o entendimento de cada um dos traços, para, posteriormente, utilizá-los como fatores de análise.

2.4.1. ANIMACIDADE

Um dos traços considerados como fator de análise é o de animacidade, visto que é um traço mencionado pela maioria dos estudos recuperados na seção anterior. Em primeiro lugar, Rivas (1977) aponta que apenas objetos [+animados] podem estar envolvidos na duplicação. Já Jaeggli (1981) propõe que a duplicação ocorre preferencialmente com esse tipo de objeto e Suñer (1988) segue, de certa forma, pelo mesmo caminho ao afirmar que a duplicação com objeto [-animado] seria menos comum que os casos com objeto [+animado]. Em contrapartida, Groppi (2001) apresenta dados de duplicação de clítico com sintagma [+animado] e [-animado], sem especificar que uma marcação seja mais frequente que a outra.

O traço de animacidade, segundo Lage (2010), é tradicionalmente tratado como uma propriedade ontológica com base na hierarquia homem > animal > planta > objeto, de maneira que um item lexical é reconhecido como [+animado] ou [-animado] de acordo com tal hierarquia. Desse

⁶⁰ Exemplo retirado de Campos (1986:354).

modo, um item como “criança”, por exemplo, seria interpretado como [+animado], enquanto que “casa” seria um item [-animado].

Além disso, como aponta Lopes (2006), a noção de animacidade é entendida como uma noção intrínseca aos itens lexicais, ao contrário de traços como definitude e especificidade. Isto é, enquanto definitude e especificidade possuem interpretações que se formam de maneira composicional dependendo da sentença, a interpretação da noção de animacidade que uma palavra carrega dependerá dela própria.

- (33) a. O **menino** da quitanda está doente.
b. **Menino** brinca de carrinho.

Nos exemplos⁶¹ apresentados, é possível observar essa diferença entre traços como definitude e especificidade e o traço de animacidade. Tanto em (33a) quanto em (33b), “menino” será um item lexical [+animado]. No entanto, as leituras de definitude e especificidade serão diferentes nas duas sentenças. Em (33a), temos um sintagma [+definido] e [+específico], enquanto que, em (33b), o sintagma é [-definido] e [-específico]. Nas seguintes seções, tratamos dessas duas noções.

O tratamento tradicional dado ao traço de animacidade pela hierarquia homem > animal > planta > objeto gira em torno de suas propriedades semânticas. Entretanto, de acordo com Lage (2010), esse traço não contém apenas esse tipo de propriedades. Segundo a autora, a animacidade também pode ser considerada um traço formal, tendo em vista aspectos sintáticos aos quais tal noção está relacionada em algumas línguas. Recuperando alguns estudos – Osenova (2003), Rappaport (2003), Sedighi (2005), Bobaljik (2008) –, Lage (2010) aponta que os aspectos formais em jogo na manifestação do traço de animacidade podem ser diferentes de acordo com a língua em questão. A animacidade pode estar relacionada à concordância verbal, como no caso do persa e do búlgaro, ou à atribuição de caso morfológico, como acontece, por exemplo, em russo e hindi-urdu. Tendo em vista dados dessas línguas, a noção de animacidade seria, então, correspondente a um traço formal do tipo *phi*, isto é, um traço sintático que atua na concordância.

Enquanto as línguas mencionadas apresentam marcas morfológicas atribuídas de acordo com o traço de animacidade do item lexical, há línguas em que a animacidade não está relacionada a aspectos morfológicos. No espanhol, por exemplo, o traço de animacidade não se manifesta na

⁶¹ Exemplos retirados de Lopes (2006:2).

morfologia, mas, ainda assim, apresenta repercussão na sintaxe através da seleção de diferentes estratégias sintáticas, como foi mencionado anteriormente. Tendo estudos como o de Campos (1986) em vista, entendemos que o traço de animacidade, por mais que seja considerado de acordo com suas propriedades semânticas, pode repercutir de alguma maneira na sintaxe.

2.4.2. DEFINITUDE

Na revisão de literatura feita na seção 2.3., o traço de definitude é mencionado apenas no estudo de Suñer (1988). Embora, segundo a autora, esse traço não seja relevante para a duplicação em questão, decidimos considerá-lo como fator de análise justamente para verificar como esse traço aparece marcado nas ocorrências de duplicação analisadas.

A noção de definitude está intimamente relacionada ao uso de determinantes. No que tange aos determinantes, há certas distinções na sua classificação. De acordo com Leonetti (1999a), uma das duas distinções fundamentais na descrição gramatical da categoria em questão diz respeito à separação entre os elementos que seriam determinantes definidos (fortes) e os que seriam determinantes indefinidos (fracos). Segundo o autor, os determinantes definidos são os artigos definidos, os demonstrativos, os possessivos e os quantificadores universais “todos”, “cada” e “ambos”. Por outro lado, os determinantes indefinidos seriam os numerais e quantificadores como “algún”, “muchos” e “bastantes”.

Em contrapartida, Laca (1999), por exemplo, aponta que a classe dos determinantes compreende os artigos definidos, os pronomes demonstrativos, os possessivos, os quantificadores e também uma série de elementos cuja semântica carrega noções de identidade ou de quantidade, como, por exemplo⁶², “otros”, “diversos”, “diferentes”, “numerosos”, “innumerables”. Seguindo o que levanta Leonetti (1999a), essa concepção corresponderia a uma classe de determinantes no sentido amplo, isto é, uma concepção que considera como determinantes também qualquer tipo de elemento quantificador.

Tendo em vista que o traço de definitude e a categoria de determinantes estão diretamente relacionados, o sentido que o termo “determinantes” assume pode trazer diferentes implicações para uma análise que considere o traço de definitude. Sendo assim, esclarecemos que, nesta dissertação,

⁶² Exemplos retirados de Laca (1999:893).

quando tratamos de determinantes, nos referimos à classe de determinantes definidos, que é a que Leonetti (1999a) se propôs a estudar.

Segundo o autor, do ponto de vista semântico, os determinantes definem a referência de um sintagma, enquanto os quantificadores, mais especificamente, os numerais definem sua quantificação. Levando isso em consideração, a noção de definitude não pode ser confundida com a indicação da quantidade de entidades. Para o autor, definitude é a indicação de que o referente de um sintagma nominal é identificável para o interlocutor no contexto de uso. A diferença entre o comportamento de um determinante e um quantificador numeral pode ser observada nos exemplos⁶³ abaixo.

- (34) a. A veces entra **un** perro en el jardín.
b. A veces entra **tu** perro en el jardín.
c. **dos** perros / **los dos** perros

Os numerais simplesmente carregam uma informação sobre a quantidade de entidades, como em (34a), quando não é necessário identificar um referente determinado para chegar a uma interpretação correta. Em (34b), por outro lado, há um possessivo, isto é, um determinante definido. Nesse caso, “tu perro” é um sintagma [+definido] e faz com que o interlocutor consiga identificar um referente. Já em (34c), Leonetti (1999a) recupera justamente esse contraste entre sintagmas como o de (34a) e (34b). “Dos perros” é um sintagma apenas quantificado numeralmente, sendo assim, apresenta uma informação sobre a quantidade de cachorros, mas não determina referentes identificáveis. Quando é introduzido o determinante “los” ao sintagma, tem-se um sintagma [+definido] e o interlocutor é capaz de identificar seu referente. Tendo essas considerações em vista, o autor conclui que um numeral pode indicar a quantidade de determinada entidade, mas não tornará o sintagma [+definido] no sentido de definitude que o autor trata⁶⁴.

De acordo com Leonetti (1999a, 1999b), o traço de definitude é, então, o que permite restringir e definir a referência dos sintagmas nominais, ou seja, é o que define a relação entre as expressões nominais e as entidades às quais um falante se refere por meio dessas expressões. A relação entre o traço em questão e os determinantes está no fato de que os sintagmas de marcação [+definida] são aqueles acompanhados por um determinante, seja ele um artigo, um demonstrativo, um possessivo

⁶³ Exemplos retirados de Leonetti (1999a:40).

⁶⁴ Quantificadores como “algún”, “muchos” e “bastantes”, por sua vez, não podem nem indicar a quantidade de entidades a que se refere um falante.

ou um quantificador universal, considerando a classe de determinantes definidos, conforme Leonetti (1999a)⁶⁵.

Tendo em vista o que foi apresentado até então, a característica principal de um sintagma [+definido] é “la identificabilidad del referente, es decir, la presuposición de que el receptor puede construir una representación mental adecuada del mismo” (LEONETTI, 1999a:39). Segundo o mesmo autor, se um sintagma é [+definido], seu referente é identificável de forma unívoca, ou seja, a identificação do seu referente se dá sem ambiguidade. Essa condição, que é chamada pelo autor de *condición de unicidad*, é uma constante importante para as expressões definidas, como é possível observar nos seguintes exemplos⁶⁶.

- (35) a. **La hermana de Claudia** está enferma.
b. No le convencía **este cuadro**.

De acordo com Leonetti (1999a), nas duas sentenças apresentadas em (35), a condição de unicidade é cumprida. Em (35a), o traço de definitude de “La hermana de Claudia” conduz a um entendimento de que só há uma pessoa à qual o emissor possa estar se referindo com essa descrição. Do mesmo modo, no exemplo (35b), o uso do demonstrativo, que é um determinante, implica na existência de apenas um quadro ao qual é feita a referência. Isto é, embora haja diversos quadros no mundo, apenas um quadro é relevante para a situação comunicativa em questão. Para que o referente de uma expressão seja identificável univocamente, o interlocutor pode acessar informações contidas no contexto linguístico anterior, na situação de fala ou, inclusive, no seu conhecimento de mundo. Independentemente da origem dessas informações, o que Leonetti (1999a) ressalta é que o interlocutor recupera o referente do sintagma [+definido] da forma mais simples possível.

Nos exemplos anteriores, vemos como se aplica a condição de univocidade. No entanto, esclarecemos, que, como aponta Leonetti (1999a), nem sempre a identificação do referente da expressão definida de maneira unívoca será relevante para o processo interpretativo, como nos exemplos⁶⁷ abaixo.

⁶⁵ Ressaltamos que, no caso de nomes próprios, pode não haver uso de determinantes, mas, ainda assim, os sintagmas serão [+definidos], visto que tais nomes possuem referência intrínseca.

⁶⁶ Exemplos retirados de Leonetti (1999a:39).

⁶⁷ Exemplos retirados de Leonetti (1999b:793).

(36) a. Cuando llegamos, ella estaba en **la ventana**.

b. La había besado en **la mejilla**.

Nos exemplos apresentados em (36), a univocidade da identificação dos referentes das expressões definidas não é relevante para a sentença. Como afirma Leonetti (1999a:793), esses são dados em que “es relevante la unicidad de ciertos roles en situaciones estereotipadas, más que la unicidad de los objetos aludidos”. Isto é, em (36a), é relevante a situação de estar na janela, não a identificação de uma determinada janela pelo interlocutor. Em (36b), do mesmo modo, o que é relevante é a situação de dar um beijo na bochecha, não a identificação de qual bochecha foi beijada. Em casos como esses, a ambiguidade na identificação do referente não gera problemas na interpretação da sentença.

Outro ponto interessante no que diz respeito ao traço de definitude é a ideia errônea de que uma expressão definida trata de uma informação conhecida. Leonetti (1999a) destaca que alguns gramáticos afirmavam que sintagmas [+definidos] implicam em referentes conhecidos ou familiares do interlocutor. No entanto, o autor aponta que essa não é uma condição necessária para que um sintagma seja [+definido]. Embora uma grande quantidade dos casos de sintagmas [+definidos] tenha um referente conhecido pelo interlocutor, essa condição não é uma regra, como é possível observar nos seguintes exemplos⁶⁸.

(37) a. Se ha hecho pública **la noticia de que el presidente ha dimitido**.

b. Elige **el que más te guste**.

c. Tenga cuidado con **el escalón** al entrar.

Nos exemplos em (37), os sintagmas destacados são [+definidos], mas, como aponta Leonetti (1999a), não tem por que seus referentes serem previamente conhecidos pelo interlocutor para que as sentenças sejam aceitáveis: em (37a), o interlocutor pode não estar ciente da notícia mencionada; em (37b), o objeto em questão ainda não foi escolhido, então não pode ser conhecido; e em (37c), é através dessa sentença que o interlocutor pode estar sendo informado sobre a existência do degrau. Tendo em vista que casos como esses são perfeitamente compatíveis com a presença dos determinantes e, conseqüentemente, com a noção de definitude, Leonetti (1999a) conclui que o traço

⁶⁸ Exemplos retirados de Leonetti (1999a:38).

em questão não implica que o referente da expressão definida seja obrigatoriamente conhecido pelo interlocutor.

2.4.3. ESPECIFICIDADE

Por fim, o último traço que apresentamos como fator para a análise dos dados de duplicação é o de especificidade. Segundo Jaeggli (1981), a duplicação ocorre preferencialmente não só com objetos [+animados], mas também [+específicos]. Além disso, de acordo com Suñer, esse traço seria o único relevante para que ocorra a duplicação, a ponto de que não possa haver duplicação com objeto [-específico].

Para tratar do traço de especificidade, retomamos a descrição de Leonetti (1999b). De acordo com o autor, essa é uma noção complexa que pode assumir diferentes sentidos e, conseqüentemente, pode levar estudos por diferentes caminhos. Na perspectiva do autor, o termo “especificidade” assume um sentido pragmático e, assim, olhamos para o pragmático através de um estudo da sintaxe.

Leonetti (1999b) afirma que um sintagma é [+específico] quando o falante o emprega para se referir a uma entidade em especial, a uma entidade delimitada. No entanto, segundo o autor, o fato de que o falante se refira a uma entidade específica não pode ser confundido com a ideia de que os falantes conheçam a entidade em questão. Assim como acontece com o traço de definitude, o conhecimento de uma entidade pelo falante não é uma condição necessária para que um sintagma seja [+específico].

Como aponta Leonetti (1999b),

en realidad, lo decisivo para una caracterización de la especificidad que aspire a ser válida desde el punto de vista lingüístico no es el conocimiento o la capacidad para identificar objetos (es decir, no es el estado mental interno del hablante), sino la intención del hablante de comunicar y hacer manifiesto que pretende referirse a una entidad determinada. (LEONETTI, 1999b:858)

Tendo isso em vista, consideremos o seguinte exemplo⁶⁹.

(38) **Un amigo tuyo** te está esperando abajo.

⁶⁹ Exemplo retirado de Leonetti (1999b:858).

Em (38), é possível observar um caso no qual, por um lado, o falante parece não conhecer o amigo em questão e o ouvinte, por outro, talvez não possa identificar a entidade à qual o falante se refere. Mesmo com essas leituras, a interpretação do sintagma “un amigo tuyo” será específica, pois é possível depreender que o falante se refere a uma entidade delimitada, específica. Quando o falante não se refere a uma entidade em especial, vamos encontrar um sintagma de traço [-específico].

Pensando no contraste entre expressões específicas e inespecíficas, Leonetti (1999b) afirma que

(...) un SN será específico (o tendrá referencia específica) cuando el hablante, al emplearlo, dé a entender que se refiere a un objeto o individuo determinado. (...) Hablaremos de SSNN ‘inespecíficos’ cuando el hablante no pretenda referirse a una entidad determinada, bien porque no sea relevante, bien porque el SN sea afectado por un contexto modal o intensional, bien porque el conjunto sobre el que se cuantifica no esté previamente establecido en el discurso. (LEONETTI, 1999b:860)

Segundo Leonetti (1999b), os casos mais evidentes de expressão inespecífica são os de referente hipotético, possível, não individualizado e até inexistente no momento de fala, como no exemplo⁷⁰ apresentado abaixo.

(39) Ocurrirá **una desgracia**.

Em (39), o uso do tempo futuro faz com que se interprete “una desgracia” como uma desgraça possível, ainda inexistente no momento em que a sentença é proferida. Desse modo, a leitura dessa expressão só pode ser inespecífica, já que o falante não poderia se referir a uma entidade específica que apenas se configura como algo possível e ainda não existe.

Um ponto interessante que Leonetti (1999b) toca em sua descrição diz respeito à relação entre os traços de definitude e especificidade, comentada brevemente na seção anterior. De acordo com o autor, os determinantes introduzem um referente identificável e acessível, o que favorece uma interpretação específica do sintagma em questão. Sendo assim, o autor afirma que uma leitura específica tende a ser a interpretação mais natural para as expressões definidas, enquanto que as expressões indefinidas costumam receber uma leitura inespecífica. Entretanto, o autor esclarece que a noção de especificidade pode ser atribuída a um elemento, seja ele [+definido] ou [-definido]. Isto é, embora haja uma tendência a que elementos [+definidos] sejam [+específicos] e que elementos

⁷⁰ Exemplo retirado de Leonetti (1999b:860).

[-definidos] sejam [-específicos], os traços de definitude e especificidade são independentes um do outro, como no caso da sentença em (38), por exemplo. A seguir apresentamos mais dois exemplos⁷¹ a fim de tratar dessa relação entre os dois traços em questão.

- (40) a. Ana también quería ver **{la/una}** película.
b. Ana dice que quiere ver **{la/una}** película que elijamos nosotros.

Através dos exemplos apresentados, é possível observar como a marcação de um traço pode interferir na marcação do outro, mas também como os dois traços podem ter marcações independentes. Na sentença (40a), o traço de definitude guia o traço de especificidade, de modo que, se temos “la película”, a leitura do sintagma será [+específica] e, se temos “una película”, sua interpretação será [-específica]. Por outro lado, em (40b), a presença do determinante não é suficiente para fazer com que o sintagma seja [+específico]. De acordo com Leonetti (1999b), a presença da oração relativa no subjuntivo “que elijamos nosotros” é o que exige uma leitura [+específica] do sintagma, seja no caso de “la película” ou de “una película”.

No que tange aos sintagmas definidos, o autor afirma que tais expressões receberão leitura inespecífica quando utilizadas para aludir a referentes hipotéticos ou futuros, não identificáveis e talvez até inexistentes no momento da enunciação. Essas interpretações são condicionadas pela inserção de um sintagma definido em um contexto intensional, como nos exemplos expostos em (41).

- (41) a. **El mejor examen** tendrá matrícula.
b. Buscamos **al equipo que sea capaz de superar esta prueba**.
c. Al director le gustaría examinar **las solicitudes que se reciban**.

Nas sentenças em (41), os elementos intensionais em jogo são, respectivamente, o tempo futuro, o verbo “buscar” e o condicional. Segundo o autor, tais elementos fazem com que os sintagmas em questão tenham uma leitura inespecífica, mesmo que a tendência, de certa forma, seja que as expressões definidas sejam lidas como expressões específicas.

Para tratar os dados desta dissertação, foram definidos três fatores de análise: os traços de animacidade, definitude e especificidade. Nesta seção, recuperamos estudos como os de Leonetti (1999a, 1999b), Lopes (2006) e Lage (2010) e, assim, apresentamos os traços em questão conforme a concepção que adotamos para cada um deles. Tendo esclarecido o que levamos em consideração ao

⁷¹ Exemplos retirados de Leonetti (1999b:861).

analisar cada um dos traços, no capítulo seguinte, tratamos de questões referentes à metodologia do estudo e, posteriormente, apresentamos a análise dos dados.

3. METODOLOGIA

Este capítulo é dedicado a considerações sobre a metodologia utilizada neste estudo. Recorremos a uma análise de *corpus* e, tendo isso em vista, nas seções a seguir, tratamos do *corpus* e das entrevistas utilizadas, assim como de alguns pontos relevantes desde o processo de seleção das entrevistas até o processo de análise dos dados. O capítulo está organizado da seguinte maneira: 3.1. *Corpus PRESEEA e entrevistas utilizadas*; e 3.2. *Processo de seleção e análise dos dados*.

3.1. CORPUS PRESEEA E ENTREVISTAS UTILIZADAS

Com o objetivo de descrever o fenômeno da duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa em contexto anafórico com sintagma pleno pós-verbal, optamos por uma análise de *corpus* como metodologia para o estudo. O *corpus* utilizado é o criado pelo *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América* (PRESEEA), que conta com diversas equipes de pesquisa sociolinguística comprometidas com uma mesma metodologia para formar um banco de materiais que possam ser aplicados com fins educativos e acadêmicos. Embora o projeto conte com equipes sociolinguísticas e, conseqüentemente, considere fatores sociolinguísticos na organização das entrevistas, de acordo com Moreno Fernández (2006), “PRESEEA aspira a que sus materiales de lengua hablada permitan realizar estudios desde perspectivas muy diferentes, interesando a especialistas de distintos campos” (MORENO FERNÁNDEZ, 2006:1). Dessa forma, mesmo que os pesquisadores do projeto sejam de um quadro teórico diferente do que guia este estudo, a escolha por esse *corpus* é bastante pertinente, pois se deve à autenticidade dos dados e também à disponibilidade de uma ampla amostra online de entrevistas de diversas cidades onde se fala espanhol.

Os materiais que fazem parte do *corpus* PRESEEA são coletados por meio de conversações semidirigidas e gravadas em situação de entrevista. As entrevistas, que possuem em média a duração de 45 minutos, são guiadas por módulos temáticos, como, por exemplo, cumprimentos, tempo, lugar onde vive, família, amizades, costumes e anedotas, o que permite a compilação de diferentes tipos de discurso. Tais entrevistas do *corpus* oral são analisadas e transcritas pelas equipes do PRESEEA. Suas transcrições estão disponíveis online⁷² para que qualquer pesquisador possa acessá-las. Há também a possibilidade de acessar os áudios de algumas entrevistas, mas apenas estão disponíveis

⁷² Página eletrônica do PRESEEA: preseea.linguas.net

dez minutos iniciais aproximadamente⁷³. O acesso pode ser feito de acordo com a cidade do falante e também conforme outros fatores sociolinguísticos, como mencionado a seguir.

Os informantes do *corpus* são, por conta da cidade de nascimento ou de residência (em caso de muitos anos de residente), membros reconhecidos da sua comunidade de fala, sendo essas comunidades associadas a núcleos urbanos concretos. O perfil dos informantes das entrevistas pode ser descrito com base em três variáveis: sexo/gênero, idade (dividida em três grupos: 1. 20 a 34 anos; 2. 35 a 54 anos; e 3. 55 anos em diante) e nível de instrução/escolaridade (também dividido em três grupos: 1. baixo / *enseñanza primaria*; 2. médio / *primarios y secundarios completos*; e 3. alto / *estudios universitarios o de enseñanza superior*).

Para este estudo, foi analisado um total de 18 entrevistas orais transcritas com falantes da cidade de Montevideu⁷⁴ realizadas entre 2008 e 2011. Esse número de entrevistas corresponde ao total de entrevistas disponibilizadas pelo PRESEEA para a cidade de Montevideu. Cada uma dessas entrevistas selecionadas possui entre 37min 43s e 51min 43s de duração, totalizando 12h 45min de dados para análise.

A seguir, apresentamos uma tabela com a distribuição dos informantes das 18 entrevistas de acordo com os fatores mencionados: sexo, faixa etária e nível de escolaridade.

⁷³ Embora os áudios das entrevistas não estejam integralmente disponíveis, as transcrições apresentam marcações (como <*simultâneo*>, <*alargamiento*>, <*palabra_cortada*>, entre outras) que permitem uma leitura, de certa forma, aproximada da produção oral do discurso.

⁷⁴ A escolha pela variedade do espanhol de Montevideu para este estudo não se deve apenas à disponibilidade de um *corpus* com entrevistas de falantes dessa cidade. Primeiramente, Montevideu é uma cidade que se localiza na região rio-pratense, região na qual a duplicação estudada é produzida, conforme apontam os estudos mencionados na seção 2.3. Em segundo lugar, os estudos que tratam, de alguma maneira, da duplicação em questão costumam apresentar dados de informantes da Argentina para suas descrições. Dessa forma, para esta dissertação, decidimos descrever o fenômeno no espanhol rio-pratense, mas através de dados de outro país que se encontra nessa região, o Uruguai.

SEXO	
FEMININO	9/18 informantes
MASCULINO	9/18 informantes
FAIXA ETÁRIA	
GRUPO 1 (20 – 34 anos)	6/18 informantes
GRUPO 2 (35 – 54 anos)	6/18 informantes
GRUPO 3 (55 anos em diante)	6/18 informantes
NÍVEL DE ESCOLARIDADE	
BAIXO	5/18 informantes
MÉDIO	6/18 informantes
ALTO	7/18 informantes

Tabela 1. Distribuição dos informantes de acordo com sexo, faixa etária e nível de escolaridade.

Ressaltamos que, neste estudo, não são levados em consideração fatores sociolinguísticos na seleção das entrevistas e tampouco na análise dos dados.

3.2. PROCESSO DE SELEÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O trabalho metodológico para esta dissertação partiu da seleção das entrevistas, passou pela seleção dos dados e, em seguida, chegou à análise, de fato, de tais dados. Como mencionado na seção anterior, neste estudo, selecionamos 18 entrevistas transcritas do PRESEEA da cidade de Montevideú, que foi a quantidade de entrevistas disponibilizadas pelo projeto. Entretanto, como explicamos melhor no capítulo seguinte, foi realizada uma análise inicial de cinco entrevistas, tendo em vista nosso objeto inicial de contrastar casos de duplicação e não duplicação de clítico. Com a redefinição do nosso objetivo a partir do que encontramos na análise inicial das cinco entrevistas, decidimos ampliar a amostra de dados e chegamos às 18 entrevistas mencionadas na seção anterior.

No que diz respeito à seleção dos dados, utilizamos o *software WordSmith Tools* (versão 7.0). Esse é um programa que oferece ferramentas computacionais para a análise de dados linguísticos e permite rodar dados em amostras extensas, através de uma análise lexical. Primeiramente, quando rodamos cinco entrevistas, foi utilizada a ferramenta *Concord* para encontrar as ocorrências de “lo(s)”, “la(s)” e “le(s)”. Com os dados rodados, verificamos, manualmente, quais dados correspondiam, de fato, a casos de contexto anafórico, já que, muitas vezes, “lo” e “la” são utilizados

como artigos, por exemplo, ou até mesmo como clítico, mas em contexto dêitico. O clítico “le”, embora não corresponda ao objeto direto conforme o sistema casual pronominal do espanhol, foi utilizado na busca de dados também para o caso de que houvesse ocorrências de *leísmo*. O mesmo procedimento foi realizado posteriormente com as 18 entrevistas. A diferença é que, nesse segundo momento, descartamos os casos de contexto anafórico só com a presença do clítico, porque nos voltamos para a análise apenas dos dados em que há duplicação do mesmo.

A seguir, apresentamos duas figuras que correspondem ao *print screen* da tela em dois momentos do processo de rotação e seleção dos dados no *WordSmith Tools*.

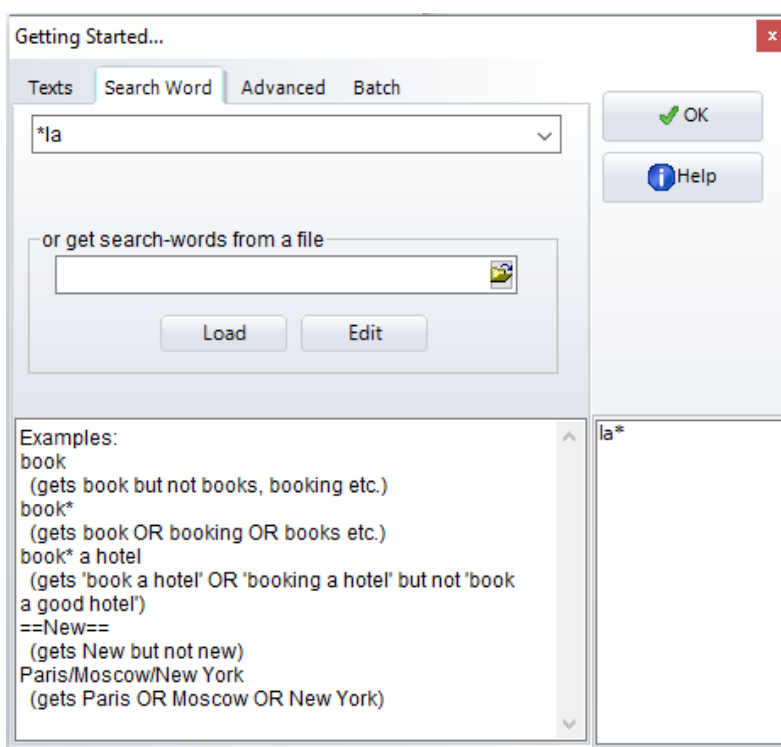


Figura 4. Seleção de palavra para busca no *software WordSmith Tools*.

File Edit View Compute Settings Windows Help	
N	Concordance
1	I.: yo se lo hago con leche / como no la ve la fruta E.: claro I.: le meto una pera / una banana /
2	pero // ahora está en Lagomar y no la ve a la madre y él no ve al hermano tampoco I.: claro /
3	borrar / si está grabado no hay E.: ¿y la encontraste la tabla? I.: no / si no tenía número de
4	I.: era era con una lata E.: sí I.: vos la abríais la lata / le sacabas la la tapa E.: ¿una lata de
5	yo la voy a tutear // E.: muy bien I.: no la voy a tratar de vos a una persona mayor / o sea / lo
6	arreglados E.: uhum I.: porque ¿para qué la quiero yo ahora la plata? E.: ¡y bueno! I.: ¡para mí no

Figura 5. Disposição em que as ocorrências encontradas são apresentadas no *software WordSmith Tools*.

Na figura 4, é possível observar como fizemos a seleção do clítico que deveria ser buscado, tendo em vista que consideramos apenas clíticos de 3ª pessoa. Já na figura 5, apresentamos como o *software* dispôs as ocorrências encontradas de acordo com a busca solicitada.

Para a análise dos dados selecionados, foi controlada a natureza do referente do objeto de acordo com os três traços apresentados no capítulo anterior: animacidade, definitude e especificidade. Os estudos mencionados na seção 2.3., ao tratarem dos contextos de ocorrência da duplicação em questão, apresentam apenas considerações a respeito da natureza do sintagma que coocorre com o clítico. Entretanto, neste estudo, como já esclarecido anteriormente, tratamos da duplicação de clítico em contexto anafórico. Por se tratar de um contexto anafórico, decidimos focar na análise do referente do objeto. Contudo, na análise principal (seção 4.2.), comparamos, mesmo que brevemente, a análise do referente com uma análise do sintagma.

Ao observarmos os sintagmas que coocorrem com os clíticos, pudemos também tecer algumas considerações sobre a presença ou não da preposição “a”, que é uma questão abordada pelos estudos revisados anteriormente. Não incluímos tal questão como um dos fatores de análise, porque seria algo a ser analisado no que tange ao sintagma envolvido na duplicação e não ao referente. De qualquer forma, com a comparação entre a análise do referente e do sintagma, é possível chegar a conclusões sobre a presença ou não da preposição. Além disso, nesta dissertação, consideramos que pode haver uma relação entre a presença da preposição “a” e a animacidade do referente e, conseqüentemente, do sintagma da construção de duplicação. Essa relação com o traço de animacidade também nos permite olhar para a preposição.

Além da análise que já se previa para este estudo, ou seja, além da análise do referente segundo a marcação dos traços de animacidade, definitude e especificidade, também trabalhamos em uma análise, ainda que breve, do status informacional do objeto envolvido na duplicação. Essa análise não fazia parte do projeto proposto para esta dissertação, mas, ao olharmos para o referente das construções de duplicação e, mais especificamente, os casos de contexto anafórico, verificamos que poderia ser interessante discutir algumas diferenças que os dados analisados apresentavam no diz respeito ao status informacional do objeto.

Considerando as informações apresentadas, neste capítulo, a respeito das questões metodológicas que fazem parte deste estudo, iniciamos, no capítulo seguinte, a apresentação da análise dos dados e seus resultados.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos a partir da análise do *corpus* do PRESEEA da cidade de Montevideu. Organizamos este capítulo em três seções: 4.1. *Análise do contexto de ocorrência da duplicação e da não duplicação*; 4.2. *As ocorrências de duplicação e a análise do referente*; e 4.3. *Status informacional do referente: um continuum entre contexto anafórico e contexto dêitico*.

4.1. ANÁLISE DOS CONTEXTOS DE OCORRÊNCIA DA DUPLICAÇÃO E DA NÃO DUPLICAÇÃO

Na literatura, estudos voltados para o fenômeno da duplicação, como Jaeggli (1981) e Suñer (1988), se propuseram a entender o que faz com que uma construção de duplicação seja produzida. Tendo isso em vista, fizemos, inicialmente, uma análise de dados voltada para o contraste entre ocorrências de duplicação e ocorrências de não duplicação a fim de observar se seria relevante buscar algum fator que, de fato, condicionasse uma construção e não a outra.

Em primeiro lugar, considerando o contexto anafórico de objeto direto de 3ª pessoa, comparamos a quantidade de ocorrências de duplicação de clítico com sintagma pleno pós-verbal e a quantidade de ocorrências de retomada pelo clítico sem duplicação. Considerando que, nesta dissertação, nos centramos no objeto direto em contexto anafórico, a seleção dos dados se deu de acordo com as ocorrências em que havia apenas retomada pelo clítico e as ocorrências em que havia duplicação. Posteriormente, com esses dados contabilizados, analisamos seus referentes de acordo com os três fatores propostos: os traços de animacidade, definitude e especificidade.

Essa constitui uma análise inicial, em que foram rodados, no *software WordSmith Tools*, dados de cinco entrevistas do PRESEEA de Montevideu. O total de dados, independentemente da construção de duplicação ou não, foi de 105 ocorrências de objeto em contexto anafórico. Nessas ocorrências, foram encontrados seis casos de duplicação de clítico com sintagma pleno em posição pós-verbal e 99 casos de retomada de referente apenas pelo clítico de objeto direto de 3ª pessoa. A seguir, apresentamos um gráfico para ilustrar a quantidade de ocorrências de duplicação e de não duplicação nesses dados de objeto direto de 3ª pessoa em contexto anafórico.

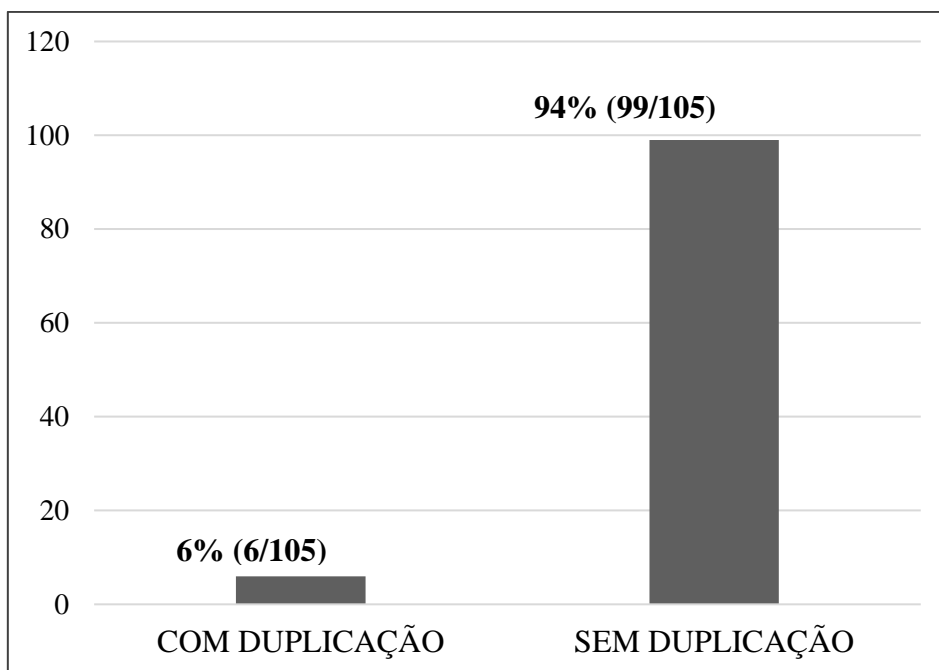


Gráfico 1. Ocorrências com duplicação e ocorrências sem duplicação em cinco entrevistas.

Como é possível observar acima, 6% dos dados são de duplicação, enquanto que 94% dos dados são de não duplicação, de retomada apenas pelo clítico. No capítulo 2, retomamos a afirmação de Fernández Soriano (1999) de que, em um sentido estatístico, as construções de duplicação, de uma maneira geral, são majoritárias no espanhol, tendo em vista que há casos obrigatórios e casos que não apresentam restrições. Entretanto, no que se refere, mais especificamente, à duplicação que estudamos, os números são bastante reduzidos. Primeiramente, a duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa com sintagma pleno pós-verbal já é, de fato, restrita pela sua opcionalidade, conforme apontam os estudos. Em segundo lugar, definimos como nosso objeto de estudo apenas os casos de contexto anafórico, com o intuito de equiparar e nivelar ao máximo a natureza dos dados. Por fim, ainda há a questão do gênero utilizado como *corpus*, isto é, o contexto de entrevista pode não ter favorecido a produção de dados de duplicação.

Como já foi mencionado anteriormente, nosso objetivo com essa análise inicial era verificar se haveria algum traço que condicionasse um tipo de estrutura em detrimento da outra. Desse modo, considerando que, entre os 105 dados, há 99 ocorrências de contexto anafórico apenas com retomada pelo clítico e seis de contexto anafórico em que coocorrem um clítico e um sintagma, nos voltamos para a análise dos traços de animacidade, definitude e especificidade do referente. Em seguida,

apresentamos, primeiramente, um gráfico e uma tabela para tratar da análise dos casos de não duplicação.

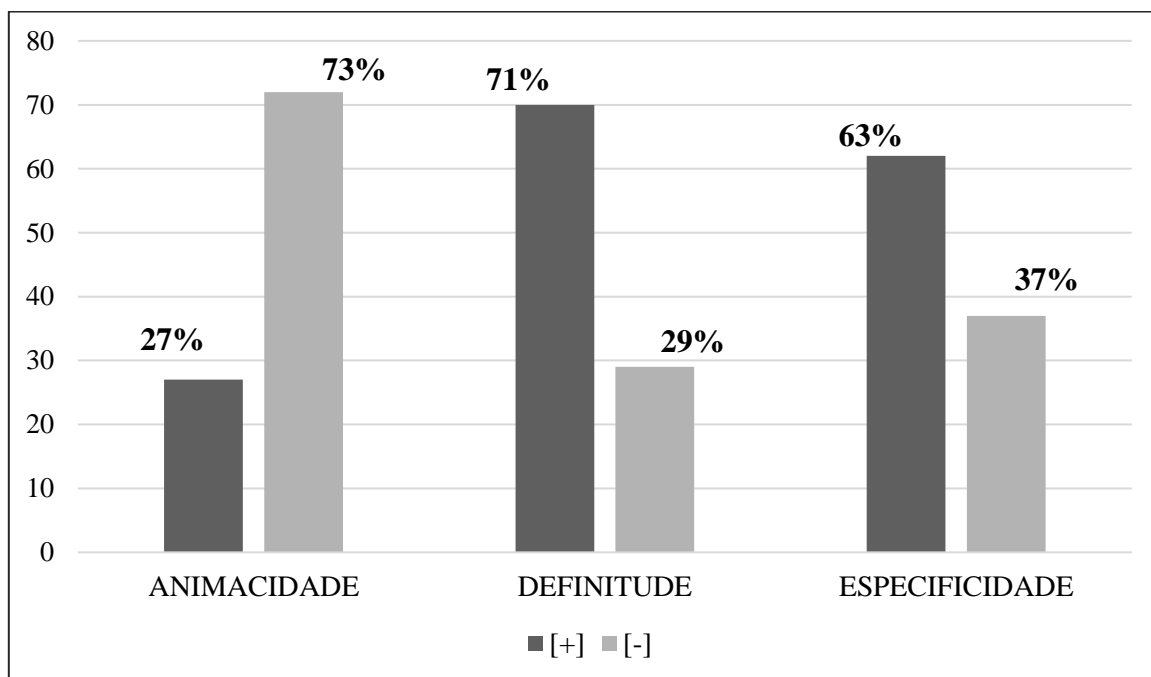


Gráfico 2. Análise dos traços do referente nas ocorrências de retomada apenas pelo clítico.

Através do gráfico apresentado, podemos perceber visualmente uma tendência aos referentes [-animados], [+definidos] e [+específicos], mesmo que também tenhamos encontrado dados de marcação [+animada], [-definida] e [-específica].

TOTAL DE OCORRÊNCIAS	ANIMACIDADE		DEFINITUDE		ESPECIFICIDADE	
	[+]	[-]	[+]	[-]	[+]	[-]
99 oc. (100%)	27 oc. (27%)	72 oc. (73%)	70 oc. (71%)	29 oc. (29%)	62 oc. (63%)	37 oc. (37%)

Tabela 2. Análise dos traços do referente nas ocorrências de retomada apenas pelo clítico.

No que diz respeito, mais especificamente, aos números de ocorrências e suas porcentagens, observamos, na tabela 2, que, entre os 99 dados de retomada por clítico (sem sintagma correferente), 27 ocorrências (27%) são de referente [+animado] e 72 ocorrências (73%) são de referente [-animado].

(42) Referente [+animado]

E.: ¿y sos de salir con tus amigos a por la rambla?

I.: sí poco / pasa que no no / soy muy muy especial con el tema de los amigos

E.: ¿ah sí? / ¿por qué?

I.: y porque / no / a veces / me parece que no / no con no se confía mucho y ta / entonces prefiero / tener amistades de de de que // por ejemplo yo tengo **un amigo que estuvo conmigo desde chico** / nos criamos / juntos

E.: sí

I.: entonces / ta / **lo** llamo y él me llama / y salimos y / voy para la casa y // está bueno / salir y eso / despejarse un poco

(43) Referente [-animado]

E: bueno / eeh sabés que de acá tengo que ir hasta **el estadio** / ¿por dónde me sirve agarrar?

I: eeh tenés que salir por // a esta hora / te conviene salir por Avenida Italia para no ir por la Rambla

E: uhm

I: que está llena de pozos y /es más oscura / eeh / salís por Avenida Italia / y agarrás acá en / llegas a la esquina la primera a la / a la izquierda / y ahí llegás a Avenida Italia y / y bueno Avenida Italia / derecho / hasta Ricaldoni y ahí ya **lo** vas a ver

Nos fragmentos em (42) e (43), apresentamos dois exemplos de retomada por clítico, sendo um deles um caso de referente [+animado] e o outro um caso de referente [-animado]. Considerando a hierarquia homem > animal > planta > objeto já mencionada no capítulo 2, temos que o referente do exemplo (42), “un amigo que estuvo conmigo desde chico”, é [+animado], enquanto que “el estadio”, referente em (43), é [-animado].

Quanto aos traços de definitude e especificidade, os valores apontam para uma recorrência maior da marcação [+] dos traços, ao contrário dos resultados obtidos para a análise da animacidade do referente. Em relação ao traço de definitude, verificamos que 70 ocorrências (71%) possuem referente [+definido], enquanto que 29 ocorrências (29%) possuem referente [-definido].

(44) Referente [+definido]

E: bien / hoy mencionabas el tema de la inseguridad / eh mm // ¿vos / sentís / eeh / digamos que la situación ha empeorado / has estado alguna vez en alguna situación / eeh / digamos de inseguridad donde te hayan robado // has participado / has visto?

I: mmm visto / no / me han robado la camioneta sí de acá de la puerta de mi casa no he visto ni sentido nada / pero bueno me la han robado / fui partícipe pasivo o

E: claro

I: eeh / no llegué nunca a ver digo un acto

E: uhm

I: con mis propios ojos // pero sí / indudablemente ha cambiado la situación / sí ha cambiado

(45) Referente [-definido]

I.: yo fui a ese barrio era / ahí en es en esa cuadra era lo último del barrio era todo campo / había tambo / había vacas caballos / imaginate

E.: ah ¡no te puedo creer!

I.: calles de / las calles que ahora las principales que estaban en aquellos tiempos / eran pocas las que estaban asfaltadas más bien lo que tenían era pedregullo / las otras eran barro / imaginate un día cuando llovía / eran tierra

E.: sí

I.: tenías canilla / a dos cuadras hay una canilla de esas públicas

E.: ¿de esas amarillas?

I.: exactamente / bueno

E.: sí

I.: y este / venían eh / el aguatero / llenaba la canilla y vendía agua a la gente al que no quería ir a buscarla te la traían / viste en esos carros a caballo

E.: ¡no te puedo creer!

Tendo em vista que a noção de definitude está intimamente relacionada à presença de um determinante junto ao sintagma, nos exemplos (44) e (45), podemos observar, respectivamente, um caso de retomada por clítico em que o referente é [+definido] e outro em que o referente é [-definido]. O referente “la camioneta”, em (44), é tido como [+definido], por conta da presença de um artigo definido. Já no exemplo (45), “agua” é um sintagma [-definido], pela falta de um determinante que encabece o sintagma.

Por último, no que diz respeito ao traço de especificidade, 62 ocorrências (63%) são de referente [+específico] e 37 ocorrências (37%) são de referente [-específico].

(46) Referente [+específico]

I.: sí sí sí / ni qué hablar / esto / Punta Yeguas este / es una playa grande y muy limpita y la gente va / va a acampar / llevan carpas / lamentablemente

E.: claro / sí Pajas Blancas todo o sea

I.: ahí está

E.: esa zona es espectacular

I.: viste que está muy buena / claro lo que pasa que la que la une / la Burdeos / capaz que la habrás este

E.: no

I.: por Burdeos es por la que va el ómnibus que va hacia Santa Catalina

(47) Referente [-específico]

E.: ¿no? bien / bien / eeh mm / contame // eem // se acerca ahora ya casi fin de año // ¿son tienen alguna tradición? / por ejemplo en cuanto a la fiestas / ¿cómo pasan? / ¿qué comen? / ¿hay algo en particular? / en general las familias se caracterizan por bueno tener su propia rutina

I.: sí

E.: para la Navidad / para / Fin de Año

I.: sí la rutina en l / en la casa con / nosotros vamos a pasar / con la familia de mi señora unas fiestas / y / y otra con con la familia de mis padres / y // en l / cuando es con la familia de mis padres digo es / la tradición es el / bueno en la noche / se hace alguna comida / fría / eeh siempre es mas bien preparada / o eso y lo que sí es / un clásico es que al otro día / al mediodía / o sea si es el veinticinco o el primero al mediodía / eeh // que se come un cordero / porque bueno lo traigo del campo / se hace un cordero / digo se hace todo el el / lo que sí es seguro que ese domingo / podrá haber otras cosas / pero digo el / ese día hay // hay cordero para comer en ahí y bueno se trae de allá

Nos exemplos (46) e (47), vemos casos de retomada por clítico com referente [+específico] e [-específico]. Em (46), o referente “esa zona” é [+específico], porque se refere a uma entidade em especial, ou seja, o falante não está tratando de qualquer “zona”, mas sim de uma “zona” específica. Por outro lado, em (47), o referente do clítico é “un cordero”, que possui uma leitura [-específica] pelo fato de o falante não se referir a nenhum cordeiro especialmente.

Considerando os resultados apresentados até então, concluímos que, pelos dados obtidos nas cinco entrevistas, a tendência é de que os casos de retomada apenas pelo clítico sejam aqueles em que o referente do objeto é [-animado], [+definido] e [+específico].

A seguir, nos centramos nas ocorrências de duplicação encontradas nas cinco entrevistas consideradas nessa análise inicial. Dessa maneira, assim como fizemos para tratar dos dados de retomada apenas pelo clítico, apresentamos, em seguida, um gráfico e uma tabela para a análise dos casos de duplicação.

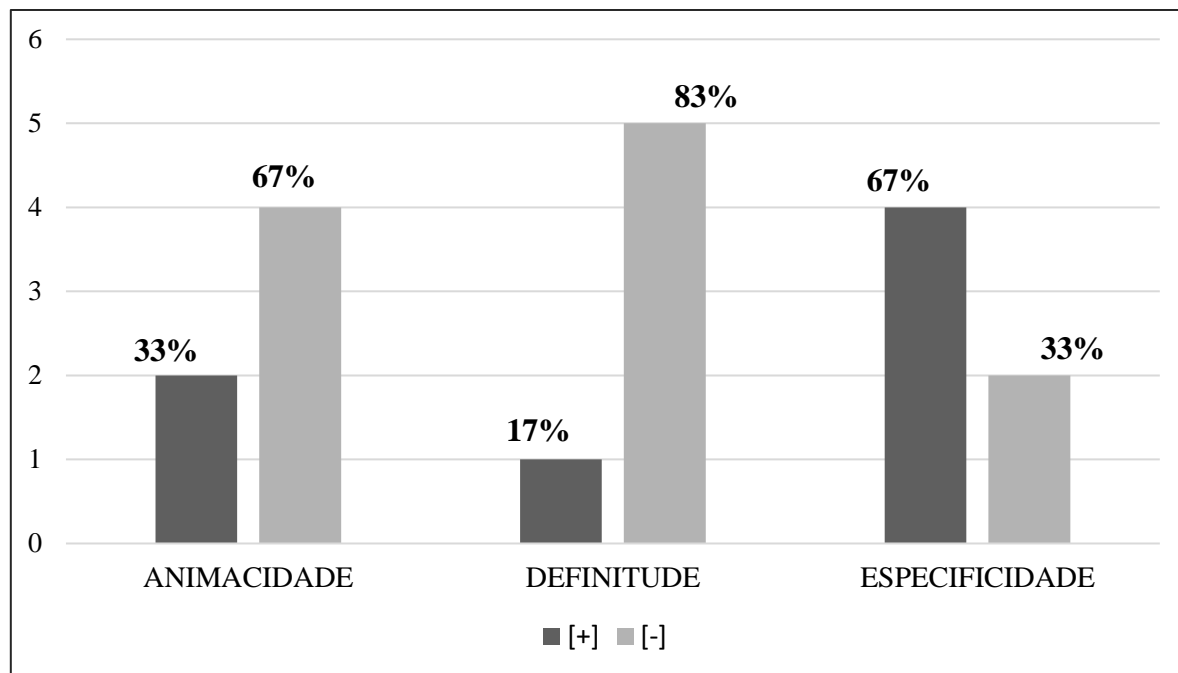


Gráfico 3. Análise dos traços do referente nas ocorrências de duplicação.

Com o gráfico, verificamos já visualmente que, entre os seis dados de duplicação, há casos de referente [+/-animado], [+/-definido] e [+/-específico], assim como nos dados de não duplicação. No entanto, observamos que a marcação [-] seria a mais recorrente no traço de definitude, enquanto que no caso do traço de especificidade a mais recorrente continuaria sendo a marcação [+]. O traço de animacidade também se mantém como na análise dos dados de não duplicação, ou seja, a recorrência maior continua sendo a de marcação [-].

TOTAL DE OCORRÊNCIAS	ANIMACIDADE		DEFINITUDE		ESPECIFICIDADE	
	[+]	[-]	[+]	[-]	[+]	[-]
6 oc. (100%)	2 oc. (33%)	4 oc. (67%)	1 oc. (17%)	5 oc. (83%)	4 oc. (67%)	2 oc. (33%)

Tabela 3. Análise dos traços do referente nas ocorrências de duplicação.

Tratando, mais especificamente, de números e porcentagens, na tabela apresentada, é possível observar que, no que tange ao traço de animacidade, há duas ocorrências (33%) de referente [+animado] e quatro (67%) de referente [-animado].

(48) Referente [+animado]

E.: claro

I.: ya / en Uruguay el promedio si no me equivoco / es cuatro médicos cada persona

E.: ¿sí?

I.: Uruguay es una bestialidad / ¿no? / y bueno entonces no / digo / ya incluso así como es la carrera / se reciben tantos / si hay esta proporción

E.: ¿**cuatro médicos** por persona? / no tenía ni idea de eso

I.: sí sí sí / claro pero / y sí / claro /no **los ves los médicos** / porque no hay pacientes para contratar / no hay mercado

(49) Referente [-animado]

I.: mirá / tengo una anécdota con eso / yo a yo te / ¿cómo es? / a mí me prestaron una tabla una vez y la tabla esa quedó en casa / se la quise devolver y me dijo no quedátela no se qué / me la quedé / y al mes de eso me la robaron y esa tabla había estado había / mi primo también es shaper / también hace tablas / paréntesis y / él no le / él no le pone números a las tablas y para probar / vos tenés la serie / sabés que esa tabla es tuya // el número tal es de D

E.: ah claro

I.: es como una especie de comprobante que es tuya también esa tabla / ¿no?

E.: como si fuera el motor del auto / el número

I.: claro

E.: que justifica

I.: lo mismo / exactamente lo mismo / entonces / algo sirve / si vos tenés que identificar

E.: claro

I.: **una tabla cuando te la robaron** / decís

E.: porque eso lo dejan tipo sellado / con una marca

I.: claro / eso queda por adentro del del laminado /

E.: claro

I.: o sea que no no / no hay / no hay posibilidad de borrarla

E.: claro

I.: salvo pintando por arriba / pero pintando por arriba es como cuando pintás un motor también

E.: claro

I.: lo podés borrar / si está grabado no hay

E.: ¿y **la encontraste la tabla**?

I.: no / si no tenía número de serie

E.: ah / esa no tenía número / claro

I.: no / nunca la encontré

Nos fragmentos apresentados, exemplificamos casos de duplicação de clítico com referente [+animado] e [-animado]. O referente presente no exemplo (48) trata-se de um referente [+animado], por se referir a médicos. Por outro lado, em (49), o referente em questão é “una tabla cuando te la robaron”. Ao tratar de uma prancha de surf, o falante está se referindo a uma entidade [-animada].

Em relação ao traço de definitude, observamos que apenas uma das seis ocorrências de duplicação encontradas (17%) possui referente [+definido]. As outras cinco ocorrências (83%) são de referente [-definido].

(50) Referente [+definido]

I.: ya no no / la delincuencia es algo / no salís de noche por lo general y si salís / salís en auto / entonces / no puedo hablar // dicen que hay drogadictos / que hay una zona / que es la zona donde existe **este club de básquetbol que hubo un gran lío** / te acordás acá en

E.: ¿en Miramar?

I.: eh / no / en la cancha de Aguada hubo un lío que / este mataron a / a un chico / o a dos

E.: ah sí / fue el / el año pasado fue eso / sí

I.: el año pasado / dicen que **lo suspendieron a este club de básquetbol que se llama Veinticinco de Agosto**

E.: sí

I.: dicen que esa zona es de porro / de droga y de delincuencia / pero no te puedo / afirmar / es un

E.: sí

I.: sólo un / un boca a boca

(51) Referente [-definido]

I.: bueno mirá eh tengo dos anécdotas si querés pero no este una que donde corrí peligro / fue eh // manejando una camioneta en la rambla / que agarré un // grasa o alcohol no sé qué era que se desvió la camioneta y choqué contra otro auto y me di contra / el **un paredón que este la ANCAP** ahí que estaba / que ahora lo **lo rompí el paredón de la ANCAP** quedó muchos años enfrente a la CONAPROLE / bueno ese fue ahí pero por suerte pare parecía que era muy grave pero / las lesiones fueron relativamente leves

E.: ¿ibas solo?

I.: no / iba con otro amigo

E.: ¿y tu amigo?

I.: no / no sufrió ningún daño / ningún daño / ningún daño

Em (50) e (51), vemos dois exemplos que apresentam, respectivamente, referente [+definido] e [-definido]. No fragmento em (50), o referente da duplicação é “este club de básquetbol que hubo un gran lío”. Esse referente é entendido como um referente [+definido] por conta de ser um sintagma encabeçado por um determinante, que, nesse caso, é o pronome demonstrativo. Já no exemplo apresentado em (51), o referente é “un paredón que este la ANCAP ahí que estaba”, ou seja, o falante se refere a um paredão que estava na ANCAP, uma empresa estatal do Uruguai com sede em Montevideú. Tendo em vista a classificação de Leonetti (1999a) que consideramos nesta dissertação, o artigo “un” não é um determinante definido, o que configura o referente em questão como um referente [-definido]. Como é possível observar no fragmento em (51), antes do uso de “un”, o falante

utiliza o artigo “el”, que, como um artigo definido, atribuiria uma leitura definida ao referente. Entretanto, como o artigo mais próximo ao núcleo do sintagma é “un”, entendemos que esse é o artigo que encabeça o sintagma, sendo esse referente entendido como [-definido].

Quanto ao traço de especificidade, verificamos que quatro das seis ocorrências de duplicação (67%) são de referente [+específico], enquanto que duas ocorrências (33%) possuem referente [-específico].

(52) Referente [+específico]

I.: o sea / el vos lo dejo para muy entre casa // es más / uso el usted / con mi hijo / cuando / estoy enojada //

E.: sí / claro // bueno / a ver / si **una persona mayor que tú** / que sea hombre o mujer no importa / a quien a quien le preguntás algo en la calle por ejemplo una dirección o algo así

I.: usted

E.: usted

I.: sí

E.: usted ¿y a tu médico / por ejemplo? si es que lo conocés de mucho

I.: no / de tú / lo conozco de hace muchos años

E.: ¿tú?

I.: sí

E.: si fuera un médico que ves por primera vez?

I.: usted

E.: ¿y los vecinos / con los que no tenés suficiente / tienes tenés voy a usar usar voseante el verbo / así / con los que no tenés mucho contacto / vecinos con los que no tenés mucho contacto?

I.: y lo que pasa

E.: a ver pensá una situación donde

I.: sí // no porque si alguna vez tuve un contacto / eeh / ese primer contacto eh indudablemente fue de usted // si la persona no me dice absolutamente nada lo más probable es que yo siga tratándola de usted a menos que me diga no tú a mí tuteame / entonces / ya mi trato cambia / por más que yo a esa persona la vea una vez por año / si / me hizo esa aclaración yo la voy a tutear //

E.: muy bien

I.: no **la voy a tratar de vos a una persona mayor** / o sea / lo más

(53) Referente [-específico]

I.: tenía ganas de ir a pescar

E.: de empezar / o ¿o ya pescás?

I.: no había pescado antes

E.: sí

I.: pero ahora tengo ganas de volver a a empezar a pescar

E.: sí está bueno / sí / mi hermano siempre pescó / con con reel pero bueno eso yo eso no sé como es / pero con calderín está está bárbaro

I.: yo tiraba con la casera

E.: ¿qué es eso?

I.: era era con **una lata**

E.: sí

I.: vos **la abrías la lata** / le sacabas la la tapa

E.: ¿una lata de qué de arvejas? / ponele una latita

I.: no no una lata grande de de / de durazno en almíbar una cosa así

E.: ah ta

Em (52) e (53), observamos duas ocorrências de duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa com sintagma pleno pós-verbal. O exemplo apresentado em (52) corresponde a um caso em que o referente é interpretado como [+específico], tendo em vista que o falante, de certa forma, especifica a entidade à qual se refere ao caracterizá-la como um pessoa mais velha que ele. No entanto, em (53), a duplicação possui um referente [-específico], pois, ao tratar de “una lata”, o falante não está especificando, pelo menos nesse momento, a que tipo de lata está se referindo.

Considerando os dados de duplicação obtidos nas cinco entrevistas, verificamos que a duplicação de clítico de objeto direto em contexto anafórico com sintagma pleno pós-verbal apresentaria uma tendência a referentes [-animados], [-definidos] e [+específicos]. Ao comparar os resultados apresentados para os dados de retomada por clítico e para os de duplicação, observamos que não há um traço que, de fato, condicione o contraste entre os dois tipos de construção. Isto é, não há nenhum tipo de referente que esteja presente apenas nos dados de retomada pelo clítico ou apenas nos de duplicação. O único traço que apresenta um comportamento diferente na comparação entre os dados em questão é o traço de definitude, mas isso não o viabiliza como um fator condicionador. Entendemos que a baixa ocorrência de referente [+definido] nos casos de duplicação possa ser explicada pela pouca quantidade de dados de duplicação. A tendência ao referente [-definido] foi observada apenas nas cinco entrevistas da análise inicial. Como vemos nos resultados apresentados

na seção seguinte para um número maior de dados, mesmo com uma diferença pequena entre a quantidade de referente [+definido] e [-definido], a marcação [+definida] é bastante recorrente e aparece em 53% dos dados, seguindo, de certa forma, a mesma tendência dos casos de não duplicação analisados nesta seção.

Desse modo, com essa análise inicial, verificamos que um estudo voltado simplesmente para o contraste entre construções de duplicação e de não duplicação através de uma análise dos traços de animacidade, definitude e especificidade não se mostrou relevante. Sendo assim, mais do que apresentar conclusões categóricas sobre o que condiciona a ocorrência da duplicação de clítico no espanhol, com esta dissertação, nosso objetivo é realizar um estudo mais descritivo dos contextos de realização da duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa no espanhol de Montevideu. Nesse sentido, na seção seguinte, apresentamos uma análise realizada apenas com dados de duplicação, obtidos em uma amostra ampliada de entrevistas.

4.2. AS OCORRÊNCIAS DE DUPLICAÇÃO E A ANÁLISE DO REFERENTE

Com a análise inicial dos dados de cinco entrevistas do *corpus* PRESEEA, chegamos à conclusão de que a comparação entre ocorrências de duplicação e ocorrências de retomada apenas pelo clítico não seria um caminho produtivo no estudo da duplicação, visto que não encontramos nenhum fator, entre os traços analisados, que, de fato, condicionasse a ocorrência de uma estrutura e não da outra. Desse modo, reorganizamos nosso estudo no sentido de descrever os dados de duplicação de clítico para verificar em que contextos, ou seja, com que tipos de referentes, esse fenômeno ocorre. Assim, apresentamos uma descrição dos dados de duplicação de clítico que tem como parâmetro de análise os traços de animacidade, definitude e especificidade do referente do objeto.

Tendo em vista que, nas cinco entrevistas até então analisadas, encontramos apenas seis ocorrências de duplicação – 6% de 105 dados –, ampliamos a amostra de dados para análise. Analisamos todas as entrevistas com falantes de Montevideu disponibilizadas pelo PRESEEA, ampliando, assim, a nossa amostra para 18 entrevistas. Dessa forma, conseguimos mais ocorrências para uma análise e discussão acerca da duplicação. No entanto, esclarecemos que nosso estudo não trata de uma questão meramente quantitativa. A preocupação com uma quantidade maior de dados

está relacionada à possibilidade de descrever diferentes ocorrências de duplicação de clítico e, conseqüentemente, diferentes contextos em que esse tipo de estrutura possa acontecer.

As 18 entrevistas, assim como as cinco iniciais, foram rodadas no *software WordSmith Tools*. O total de dados de contexto anafórico foi de 830 ocorrências, sendo 22 ocorrências de duplicação. Apresentamos, a seguir, um gráfico da quantidade de ocorrências de duplicação em contexto anafórico em relação aos dados de retomada do objeto apenas pelo clítico. Ressaltamos que não recorremos a esse gráfico para comparar tais dados, mas apenas para ilustrar a quantidade de ocorrências de duplicação dentro dos dados de contexto anafórico.

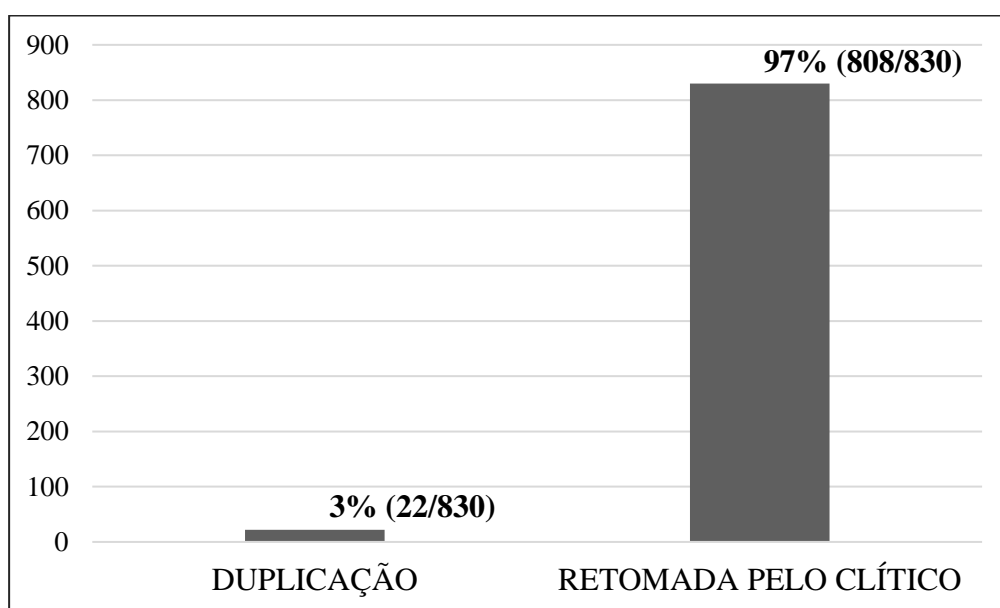


Gráfico 4. Ocorrências com duplicação e ocorrências sem duplicação em 18 entrevistas.

Assim como na análise inicial, observamos que a duplicação de clítico de objeto direto com sintagma pleno pós-verbal também apresentou uma quantidade de ocorrências reduzida nas 18 entrevistas. Como mencionado anteriormente, essa quantidade de dados de duplicação pode ser reduzida por conta da própria opcionalidade da duplicação em questão ou, inclusive, por conta do contexto de entrevista em que os dados foram produzidos.

Ao verificar as 22 ocorrências de duplicação, chegamos à conclusão de que alguns tipos de dados deveriam ser descartados da análise do referente de acordo com os traços de animacidade, definitude e especificidade. Isto é, embora tenhamos encontrado 22 ocorrências de duplicação nas 18

entrevistas, apenas consideramos para a análise propriamente dita 17 desses dados. Apresentamos, a seguir, os cinco dados descartados e explicamos por quais motivos foram desconsiderados.

Dos cinco dados de duplicação que não foram considerados na análise dos traços do referente, dois são casos de duplicação com referente oracional, como podemos observar nos seguintes fragmentos.

(54)

E: ¿y qué estación preferís? / ¿te gusta el verano?

I: me gusta pero prefiero eh / yo prefiero el frío / si fueran mis vacaciones / ideales sería / ver nieve / pisar nieve / tocar nieve // eh entonces en el / en el invierno digo / no sufro el frío // entonces por lo tanto prefiero el // las vacaciones en en invierno digo / no son las que se dan porque el el costo de **hacerlo eso** es muy alto dig / pero / pero bueno si uno pudiera / elegir // elegiría el / el invierno sobre todo

(55)

I.: yo creo que el año pasado para esta fecha ya teníamos fríos intensos

E.: totalmente mayo generalmente hace mucho frío

I.: claro que este fue un mayo muy venéreo ¿no?

E.: por suerte

I.: por suerte ah sí porque esos fríos y ahora que no se puede prender estufa este toda la historia del problema energético

E.: sin energía sin agua

I.: sin nada

E.: ¡qué terrible!

I.: ¡no! / ¡qué espantoso!

E.: bueno eso también es manifestación de no sólo de problemas de mala administración

I.: no no no

E.: sino / reales naturales / ¿no?

I.: reales sí / no sé hasta dónde no previsible

E.: claro

I.: a pesar de eso / se da porque en fin / eso de repente se pudo prever

E.: seguramente

I.: pero / seguramente que sí / pero bueno

E.: pero mostraron imágenes de partes del río Uruguay que se pueden cruzar a pie

I.: ah pero a mí me contó Lilia la señora de Adolfo que ella estuvo en Salto la otra semana

E.: ahá

I.: y dice que nunca había visto el río así

E.: ¿ah sí?

I.: ¡ah! dice pero no te imaginás dice es algo impresionante / dice horrible horrible dice yo / pocas veces dice prácticamente nunca lo **lo vi tan tan horrible aquello** que realmente es este / y lo peor que claro que están también mal nuestros vecinos que no nos pueden dar energía ni nada es decir porque estamos

Nos dados apresentados em (54) e (55), vemos que o referente do objeto envolvido na duplicação é uma oração, o que impossibilitaria a análise do referente de acordo com os traços de animacidade, definitude e especificidade como no caso de referentes nominais ou preposicionais. Em (54), o sintagma presente na duplicação é um pronome demonstrativo neutro e o referente seria a ação de tirar férias em um lugar de inverno. Já em (55), o sintagma “aquello” se refere ao fato de que o rio Uruguai ficou completamente congelado no inverno. Embora seja possível analisar os traços dos sintagmas “eso” e “aquello”, neste estudo, como tratamos da duplicação em contexto anafórico, nos

dedicamos principalmente aos traços do referente do objeto, não do sintagma em posição pós-verbal. Desse modo, tais dados não são considerados por terem referentes oracionais.

No caso do exemplo (55), parece que ainda há outra questão em jogo, que seria a mesma razão pela qual os outros três dados, apresentados a seguir, também não são considerados na análise. Tais ocorrências fazem parte de citações indiretas, ou seja, de retomadas de discursos referidos por terceiros.

(56)

I.: el otro pobrecito yo lo vi que tenía cuatro meses nada más y ni yo viajé ni ellos pudieron volver / ahora voy a ver si este año lo voy a ver este

E.: te toca empezar el inten intensivo con éste

I.: el intensivo con éste que tiene cumplido dos años recientemente / los cumplió el once de este mes

E.: ah

I.: pero claro para él yo la vez pasada era muy le encanta hablar por teléfono pero claro no se le entiende nada de lo que habla / porque en la casa le hablan español va a un jardín que le hablan inglés y francés

E.: mhm

I.: entonces él es un entrevero infernal no obstante lo cual agarra el teléfono y bla bla bla bla bla entonces yo le decía pero F a ver escuchá a la abuela M la abuela M te quiere hacer una pregunta ¿vos **la querés mucho a la abuela M**? / yes

E.: ¡qué divino!

I.: y yo le digo a mi hijo che me dijo yes y sí dice porque él te entiende mamá lo que pasa es que el manotea al lenguaje que tiene a ahí más cerca para contestar ¿no?

(57)

E.: claro / y S va ¿a qué escuela? / ¿a la Estado de Israel?

I.: a la Estado de Israel / entró en segundo

E.: a la Estado de Israel / entró en segundo / ¿S estuvo con M?

I.: estuvo con M E.: estuvo con M

I.: sí y ahora está con una maestra que se llama A

E.: mirá

I.: creo que era de la tarde esa maestra porque yo no la vi nunca de mañana / para mí era una maestra de la tarde

E.: de la tarde

I.: sí / J va a quinto ya

E.: a quinto ya

I.: a quinto ya

E.: y le sigue yendo lindo

I.: lindo // ayer me decía la maestra que tuvo el año pasado ay / **cuídelo a J** que no ande en la calle ni nada dice porque // vale la pena **salvarlo a J** / vale la pena / porque con las juntas / cuidarlo de las juntas

Tanto o dado apresentado no exemplo (55) quanto os dados em (56) e (57) são casos de duplicação com objeto direto e sintagma pleno pós-verbal. Entretanto, decidimos desconsiderar tais dados da análise, porque os três seriam casos de retomada de discursos referidos por terceiros, como mencionado anteriormente. Isto é, são estruturas de duplicação que fazem parte de uma fala, de certa forma, reproduzida. Não sabemos até que ponto tais sentenças são reproduzidas exatamente como foram produzidas ou se há interferência do falante que as cita no uso da duplicação, por exemplo. Diante dessa incerteza, não consideramos esses casos na análise dos dados.

Sendo assim, dos 830 dados de contexto anafórico, foram analisadas 17 ocorrências de duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa em contexto anafórico com sintagma pleno pós-verbal. A seguir, apresentamos um quadro de análise dos traços de animacidade, definitude e especificidade do referente de cada uma dessas ocorrências de duplicação.

OCORRÊNCIA	ANIMACIDADE	DEFINITUDE	ESPECIFICIDADE
Referente: “N” 1. A veces yo <u>lo</u> rezongaba <u>a N</u> .	[+animado]	[+definido]	[+específico]
Referente: “él” 2. Vos <u>lo</u> ayudás <u>a Johnatan</u> con los deberes.	[+animado]	[+definido]	[+específico]
Referente: “este club de básquetbol que hubo un gran lío” 3. <u>Lo</u> suspendieron <u>a este club de básquetbol que se llama Veinticinco de Agosto</u> .	[-animado]	[+definido]	[+específico]
Referente: “un paredón que este la ANCAP ahí que estaba” 4. <u>Lo</u> rompí <u>el paredón de la ANCAP</u> .	[-animado]	[-definido]	[+específico]
Referente: “al doctor” 5. ¿Cómo <u>lo</u> tratás <u>al doctor</u> ?	[+animado]	[+definido]	[-específico]
Referente: “la fruta” 6. No <u>la</u> ve <u>la fruta</u> .	[-animado]	[+definido]	[-específico]
Referente: “la madre” 7. No <u>la</u> ve <u>a la madre</u> .	[+animado]	[+definido]	[+específico]
Referente: “una tabla cuando te la robaron” 8. ¿Y <u>la</u> encontraste <u>la tabla</u> ?	[-animado]	[-definido]	[+específico]
Referente: “una lata” 9. Vos <u>la</u> abrías <u>la lata</u> .	[-animado]	[-definido]	[-específico]
Referente: “una persona mayor que tú” 10. No <u>la</u> voy a tratar de vos <u>a una persona mayor</u> .	[+animado]	[-definido]	[+específico]
Referente: “bastante plata” 11. ¿Para qué <u>la</u> quiero yo ahora <u>la plata</u> ?	[-animado]	[-definido]	[-específico]
Referente: “esos niños” 12. <u>Los</u> agarra uno de repente <u>a esos muchachos</u> .	[+animado]	[+definido]	[+específico]
Referente: “cuatro médicos” 13. No <u>los</u> ves <u>los médicos</u> .	[+animado]	[-definido]	[-específico]
Referente: “mi tía y mi primo este que murió” 14. <u>Los</u> traje a vivir conmigo <u>a mi tía y a mi primo</u> .	[+animado]	[+definido]	[+específico]
Referente: “estas chiquilinas” 15. ¿Quién <u>las</u> agarra <u>a esas niñas</u> ?	[+animado]	[+definido]	[+específico]
Referente: “una rejas gordas así” 16. <u>Las</u> arrancaron <u>las rejas</u> .	[-animado]	[-definido]	[+específico]
Referente: “otras amigas que también juegan el domingo en otro campeonato de handball” 17. <u>Las</u> vamos a ver <u>a las otras amigas</u> .	[+animado]	[-definido]	[+específico]

Quadro 2. Análise dos traços do referente das ocorrências de duplicação de clítico.

No quadro 2, estão as 17 ocorrências de duplicação de clítico e a marcação dos traços de animacidade, definitude e especificidade do seu referente. Podemos observar que há casos de referente [+/-animado], [+/-definido] e [+/-específico]. Apresentamos, em seguida, uma tabela para cada traço analisado, assim como exemplos de cada tipo de referente. O primeiro traço do qual tratamos, seguindo a sequência já empregada anteriormente, é o de animacidade.

ANIMACIDADE		
	n° de ocorrências/total	%
[+animado]	10/17	59%
[-animado]	7/17	41%

Tabela 4. Análise do traço de animacidade do referente nas ocorrências de duplicação de clítico.

O traço de animacidade é um traço inerente aos itens lexicais, independentemente da sentença em que são produzidos. Segundo Lage (2010), através da hierarquia homem > animal > planta > objeto, é possível reconhecer um item como [+animado] ou [-animado]. Como é possível observar na tabela 4, entre os 17 referentes analisados, encontramos 10 ocorrências (59%) de referente [+animado] e sete ocorrências (41%) de referente [-animado]. A seguir, estão alguns fragmentos em que são produzidas ocorrências de duplicação com sintagma [+animado] e [-animado].

(58)Referente [+animado]

I.: no / a veces mis hijos son grandes / a veces **N** está mal / hay veces que le llevo carne / le pregunto qué quiere / si precisa una sábana / le llevo una sábana // y tiene treinta años / imaginate / digo / dejar eso tan chiquitito

E.: claro

I.: no sé / yo qué sé / dos por tres

E.: sí / además cómo sos vos que

I.: tuvo todo lo que quiso / tuvo todo lo que quiso / todo / se le dio todo todo todo / pero bueno / ya está / viste / ya está / ya es así

(...)

E.: claro // ¿y vos tenés amigas / Olga?

I.: tengo dos

E.: dos amigas // ¿que son de hace tiempo?

I.: sí // mucho tiempo

E.: mirá // ¿compartiste muchas cosas con ellas?

I.: muchas cosas / de los chicos / más de mi / de los hijos / viste

E.: claro

I.: porque ellas dicen tus hijos son mis hijos

E.: mirá / claro

I.: que / incluso / viste / mis hijos / gracias a Dios viste / toco madera sin pata

E.: sí

I.: que nunca / tuve que ir a una comisaría / nunca emborracharse por ahí // y nunca / nada / viste

E.: sí

I.: entonces / a veces yo **lo rezongaba a N** y él me decía dejalo quieto / qué más querés / si nunca tuviste un problema

E.: claro

I.: porque N es / el hijo de B es muy tomador

E.: claro

I.: él salía mucho con él

E.: claro

I.: entonces cada vez que iba a ir a un baile / yo estaba N no tomes esto / N no tomes lo

E.: claro

I.: ¿sabés lo que me decía el hijo de B? // bueno / ya le dijiste de todo a tu hijo / ahora nos vamos // pero / viste / yo qué sé

E.: sí / te da miedo

(59)Referente [+animado]

I.: ¿no se vio más con la madre? ni nada

E.: se ve / sí / ahora la madre se mudó para / para Lagomar / él cuando la tenía cerca iba mucho / pero ahora se mudó para Lagomar la madre

I.: claro

E.: seguro / solo él no puede ir a Lagomar

I.: claro // ¿y **la madre** no lo viene a buscar / eso no?

E.: ah / no no no // si lo ve por ahí le dice bueno mañana vas un ratito / te paso a buscar y jugás con tu hermano / porque aparte ahora lo separó del hermano // porque cuando estaba ahí el hermano lo traían a jugar

I.: claro

E.: él venía ahí / y él iba allá y jugaba con él allá

I.: claro

E.: está está más raro porque claro / lo separaron también del hermano

I.: claro

(...)

E.: el padre de **J** se quedaba mucho y bueno pero // ahora está en Lagomar y **no la ve a la madre** y él no ve al hermano tampoco

I.: claro // ¿y él pregunta / dice algo?

E.: pregunta / ¿así?

I.: claro / claro // sí porque ellos esas cosas no las entienden // no las entienden / claro / dice ahora / cuando mi madre traiga un día a mi hermanito / jugaré con él

(...)

E.: pero cuando el padre venga / él retoma el fútbol

I.: sí / él / sí / él retoma / hoy vino y porque ya me dijo que hoy iba a ir a la práctica / pero claro hoy

E.: sí / no / se va a suspender / seguramente

I.: porque claro / los padres no van

E.: con lo que ha llovido // y vos **lo ayudás a Johnatan**⁷⁵ con los deberes / todo lo que tiene que hacer

I.: sí / con los deberes sí / solamente A / mi hijo los mira / le mira // pero él nunca tuvo problemas con nada

E.: qué bueno

⁷⁵ Nas entrevistas transcritas pelo PRESEEA, os nomes de pessoa geralmente aparecem através da sua inicial apenas (“J”), mas há casos em que os falantes mencionam o nome por completo (“Johnatan”).

(60) Referente [-animado]

I.: tenía ganas de ir a pescar

E.: de empezar / o ¿o ya pescás?

I.: no había pescado antes

E.: sí

I.: pero ahora tengo ganas de volver a a empezar a pescar

E.: sí está bueno / sí / mi hermano siempre pescó / con con reel pero bueno eso yo eso no sé como es / pero con calderín está está bárbaro

I.: yo tiraba con la casera

E.: ¿qué es eso?

I.: era era con **una lata**

E.: sí

I.: vos **la abrías la lata** / le sacabas la la tapa

E.: ¿una lata de qué de arvejas? / ponele una latita

I.: no no una lata grande de de / de durazno en almíbar una cosa así

E.: ah ta

(61) Referente [-animado]

E.: che S y la seguridad del barrio ¿cómo es? / ¿cómo era y cómo es? / seguridad digo

I.: ta / la seguridad / es como en todo Montevideo / porque yo acá / a cinco cuadras de acá vive mi madre y / roban por todos lados / y allá también roban por todos lados // ahora si cambió de cinco años para acá / no sé / andan mucho / muchas rapiñas andan / en la vuelta / mucha gente ¿viste? / y eso que te digo de los tambores arranca un montón de gente que / que en ese borbollón siempre aparecen cosas que / que o roban un auto o roban

E.: ¿a ustedes les robaron?

I.: a a nosotros en el apartamento no pero a mi hija que vive a dos cuadras sí // la dejaron en la lona

E.: ¿ah sí? ¿vive en un apartamento también?

I.: no / en una casita

E.: una casa

I.: una casita // sí / tiene una reja / si yo les hice **una rejas gordas así** / **las arrancaron las rejas** / claro entraron por los fondos que son casas ahí y trabajaron tranquilos porque / ella se fue a trabajar / y es claro / cuando vino // si son todas casa con fondos y terreno / y son pocas o sea en la cuadra ¿viste?

E.: es como si entraran acá y bajaran ahí

Nos exemplos apresentados em (58) e (59), assim como nas demais ocorrências de duplicação, o referente [+animado] é também [+humano]. Em (58), o referente é “N”, o próprio nome da pessoa a qual se referem o clítico e o sintagma na construção de duplicação. Já em (59), é possível observar duas ocorrências de duplicação. As duas tratam de “Johnatan”, sendo o referente da primeira ocorrência a mãe de Johnatan e o da segunda o próprio Johnatan. Por outro lado, em (60) e (61), observamos dois exemplos de referente [-animado], tendo em vista que dizem respeito a uma lata e a grades de uma casa, respectivamente. As outras ocorrências de duplicação com objeto [-animado] se referem a um clube, uma parede, frutas, uma prancha de surf e dinheiro.

Ainda no que diz respeito ao traço de animacidade, retomamos a discussão acerca da preposição “a” apresentada no capítulo 1. De acordo com estudos como o de Kayne (1975) e Jaeggli (1981), a preposição “a”, como uma partícula atribuidora de Caso, é uma condição obrigatória para a duplicação de clítico. Entretanto, Suñer (1988) e Groppi (2001) apontam que há casos de duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa em que o sintagma pleno posposto ao verbo não é encabeçado pela preposição “a”. Os dados encontrados nas 18 entrevistas conversam com o que afirmam as autoras, já que, como é possível observar no quadro 2, há sete ocorrências de duplicação em que o sintagma não é encabeçado pela preposição (ocorrências 4, 6, 8, 9, 11, 13 e 16). Retomando, ainda, o que foi tratado na seção 1.4., podemos afirmar que abordagens como a hipótese do movimento e da geração na base realmente não dão conta do fenômeno da duplicação de clítico, já que alguns dados analisados nesta dissertação vão em contra da generalização de Kayne e não apresentam sintagma encabeçado pela preposição.

Voltando ao que postula Suñer (1988), dados de duplicação sem sintagma preposicionado são uma evidência de que a preposição “a” que aparece em casos de duplicação não é um elemento atribuidor de Caso. Essa preposição, segundo a autora, seria uma marca de animacidade. Em relação a isso, parece que os dados analisados nesta dissertação apontam para esse mesmo caminho, com exceção de duas ocorrências. Em “No los ves los médicos”, ocorrência apresentada no quadro 2 como de número 13, o referente é [+animado], mas o sintagma não é encabeçado pela preposição “a”. Por outro lado, na ocorrência 3, “Lo suspendieron a este club de básquetbol que se llama Veinticinco de Agosto”, o referente é entendido como [-animado] e o sintagma aparece acompanhado pela preposição “a”.

Enquanto a marcação do traço de animacidade é inerente a cada item lexical, o traço de definitude pode ser marcado de forma diferente de acordo com o sintagma em questão e, no caso do

traço de especificidade, a marcação pode depender até do contexto em que se produz tal sintagma. Em seguida, tratamos da análise do traço de definitude do referente das ocorrências da duplicação estudada.

DEFINITUDE		
	nº de ocorrências/total	%
[+definido]	9/17	53%
[-definido]	8/17	47%

Tabela 5. Análise do traço de definitude do referente nas ocorrências de duplicação de clítico.

O traço de definitude, segundo Leonetti (1999a), está diretamente relacionado à presença de determinantes em um sintagma. Lembramos que, nesta dissertação, ao tratarmos de determinantes, nos referimos aos conhecidos como definidos, que é a classe que compreende os artigos definidos, os pronomes demonstrativos, os possessivos e os quantificadores universais “todos”, “cada” e “ambos”. Na tabela 5, verificamos que, das 17 ocorrências de duplicação de clítico, nove (53%) são de referente [+definido], enquanto que oito (47%) são de referente [-definido]. Apresentamos, em seguida, alguns exemplos de duplicação com referente [+definido] e [-definido].

(62) Referente [+definido]

E.: sí / contame / cuando vos vas **al doctor** / por ejemplo / ¿cómo **lo tratas al doctor**? // le ¿lo tratas de usted?

I.: bueno hay algunos que los trato de usted a otros que los trato de che // como ser si voy a J que es conocido // que que este si voy a F que es de / no quiere que lo que lo traten de usted

E.: claro

I.: lo trato / si voy a otro que de repente no / es la primera vez y es una persona ya mayor o e / entonces la trato de usted

(63) Referente [+definido]

I.: el cielo lo ganaré o no lo ganaré pero viste preciso ahora la ayuda

E.: claro

I.: no cuando esté en el cielo

E.: claro

I.: viste / porque es mucho / es mucho para mí

E.: claro

I.: es mucho

E.: sí / sí / sí te entiendo

I.: mucho

E.: te entiendo

I.: es mucho porque a veces dice J ah / sí / dásela a la madre que pero ¿y?

E.: sí

I.: y si les pasa algo a estas chiquilinas / ¿qué hago yo / Verónica?

E.: claro

I.: imagínate / S va a cumplir siete años / ¿cómo se la vas a dar a?

E.: sí

I.: a un lado que sepa si ella se va o / o hace mandados y no sabe con quién las deja

E.: claro

I.: ¿quién las agarra a esas niñas? // no puedo // por más que tuviera lo que sea sacrificar pero no puedo

E.: claro

(64) Referente [-definido]

I.: tenía ganas de ir a pescar

E.: de empezar / o ¿o ya pescás?

I.: no había pescado antes

E.: sí

I.: pero ahora tengo ganas de volver a a empezar a pescar

E.: sí está bueno / sí / mi hermano siempre pescó / con con reel pero bueno eso yo eso no sé como es / pero con calderín está está bárbaro

I.: yo tiraba con la casera

E.: ¿qué es eso?

I.: era era con una lata

E.: sí

I.: vos la abrías la lata / le sacabas la la tapa

(65) Referente [-definido]

E.: claro

I.: ya / en Uruguay el promedio si no me equivoco / es cuatro médicos cada persona

E.: ¿sí?

I.: Uruguay es una bestialidad / ¿no? / y bueno entonces no / digo / ya incluso así como es la carrera / se reciben tantos / si hay esta proporción

E.: ¿**cuatro médicos** por persona? / no tenía ni idea de eso

I.: sí sí sí / claro pero / y sí / claro / no **los ves los médicos** / porque no hay pacientes para contratar / no hay mercado

Nos exemplos em (62) e (63), observamos ocorrências de duplicação cujo referente é [+definido]. No caso de (62), o referente “al doctor” é [+definido] e encabeçado por um artigo definido, que está presente na contração “al”. O exemplo (63) também apresenta um referente [+definido], que, nesse caso, é encabeçado por um demonstrativo: “estas chiquilinas”. Em contrapartida, os fragmentos em (64) e (65) contêm exemplos de duplicação com referente [-definido]. Em (64), o clítico “la” e o sintagma “la lata” possuem como referente o sintagma “una lata”, que é encabeçado pelo artigo indefinido “una”. Já no exemplo em (65), o referente “cuatro médicos” é [-definido], encabeçado por um quantificador.

Antes de seguirmos para a análise do próximo traço do referente, ainda há um ponto importante a se discutir no que diz respeito ao traço de definitude. Os estudos revisados na seção 2.3., como, por exemplo, Jaeggli (1981) e Suñer (1988), analisam os traços do sintagma que está envolvido na duplicação. Tais estudos recorrem aos traços mencionados para postular o que condiciona a ocorrência da duplicação em questão e, ao fazê-lo, se atêm aos traços do sintagma que coocorre com o clítico. Nesta dissertação, delimitamos como nosso escopo de estudo os casos de duplicação de clítico em contexto anafórico e, assim, realizamos a análise dos traços tendo em vista o referente da duplicação. Comparando, brevemente, os sintagmas que funcionam como referente e os sintagmas que coocorrem com os clíticos, observamos que apenas os resultados da análise de definitude sofrem variações, visto que esse traço está relacionado à presença ou não de um determinante.

OCORRÊNCIA	ANIMACIDADE	DEFINITUDE	ESPECIFICIDADE
Referente: “un paredón que este la ANCAP ahí que estaba” 4. <u>Lo</u> rompí <u>el paredón de la ANCAP</u> .	[-animado]	[+definido]	[+específico]
Referente: “una tabla cuando te la robaron” 8. ¿Y <u>la</u> encontraste <u>la tabla</u> ?	[-animado]	[+definido]	[+específico]
Referente: “una lata” 9. Vos <u>la</u> abrías <u>la lata</u> .	[-animado]	[+definido]	[-específico]
Referente: “bastante plata” 11. ¿Para qué <u>la</u> quiero yo ahora <u>la plata</u> ?	[-animado]	[+definido]	[-específico]
Referente: “cuatro médicos” 13. No <u>los</u> ves <u>los médicos</u> .	[+animado]	[+definido]	[-específico]
Referente: “una rejas gordas así” 16. <u>Las</u> arrancaron <u>las rejas</u> .	[-animado]	[+definido]	[+específico]
Referente: “otras amigas que también juegan el domingo en otro campeonato de handball” 17. <u>Las</u> vamos a ver <u>a las otras amigas</u> .	[+animado]	[+definido]	[+específico]

Quadro 3. Análise dos traços do sintagma presente na construção de duplicação.

No quadro 3, observamos as sete ocorrências nas quais há uma mudança no resultado da análise do traço de definitude ao direcionarmos nossa atenção para o sintagma presente na construção de duplicação. Sem levar em consideração o referente, verificamos que as ocorrências de duplicação apresentadas em 4, 8, 9, 11, 13, 16 e 17 passariam a apresentar o traço [+definido]. Isso se explica pela presença do artigo definido em “el paredón de la ANCAP”, “la tabla”, “la lata”, “la plata”, “los médicos”, “las rejas” e “a las otras amigas”. Considerando, então, a marcação do traço de definitude nos sintagmas envolvidos nas construções de duplicação, encontramos que a maioria dos dados, mais especificamente 16 das 17 ocorrências (94%), seria de sintagma [+definido]. Tais exemplos, independentemente da presença do determinante, continuam com a mesma marcação para o traço de animacidade e especificidade que havia sido atribuída ao referente.

O traço de especificidade, por fim, é um traço que, para ser analisado, requer uma análise composicional da sentença em que está o sintagma. Em alguns casos, o contexto em que está inserida a sentença também é importante para compreender se o referente do objeto é [+específico] ou [-específico]. Segundo Leonetti (1999b), um sintagma será interpretado como [+específico] quando o falante empregá-lo para se referir a uma entidade em especial, ou seja, a uma entidade delimitada.

A seguir, nos dedicamos à análise do traço de especificidade do referente das ocorrências de duplicação de clítico.

ESPECIFICIDADE		
	n° de ocorrências/total	%
[+específico]	12/17	71%
[-específico]	5/17	29%

Tabela 6. Análise do traço de especificidade do referente nas ocorrências de duplicação de clítico.

Na tabela 6, observamos que 12 das 17 ocorrências de duplicação de clítico (71%) possuem referente [+específico] e cinco ocorrências (29%) são de referente [-específico]. Em seguida, apresentamos e comentamos algumas ocorrências de duplicação tendo em vista a marcação do traço de especificidade do referente.

(66) Referente [+específico]

I.: claro claro que sí y es una realidad y los índices de natalidad de cinco niños por debajo de la línea de pobreza de diez que nacen es la mitad de los uruguayos es espantoso eso ¿no? / eso es horrible es una bomba de tiempo / incontrolable aparentemente ¿no?

E.: exacto

I.: porque ¿cómo se arregla eso? yo me lo planteo

E.: no sé / no sé si tiene solución

I.: no sé

E.: lo que eso es a mí me

I.: a mí se me ocurren soluciones tan extravagantes porque yo digo ¿yo qué haría? y yo apuntaría a primaria // ¿no? / es decir toda la plata que haya para educar a primaria / que chille la universidad que chille

E.: que /

I.: secundaria no importa pero hay que ir al rescate de de **los chiquilines**

E.: sí / de lo nuevo

I.: de lo nuevo que es lo único

E.: exacto

I.: que podemos hablar porque lo otro ya está viciado

E.: claro

I.: ¿no? / entonces yo digo bueno arranquemos / eeh con **los más chiquitos** y al mismo tiempo me planteo sí pero tendría que ser un régimen de internado porque son los hogares de esos niños / los que son el horror

E.: claro

I.: ¿no? / entonces ¿qué? tenerlos mañana tarde y noche / con los maestros comunes y corrientes / no / no

E.: hay que formar mejor también a la gente

I.: no hay que formar mejor a la gente ¿no? / y al mismo tiempo yo pienso con más vuelo con más vuelo

E.: está bien

I.: ¿no? / ah sí yo creo que hay que apuntar al espíritu ¿no? / es decir no sólo que aprendan a leer y a escribir no / como para mí la poesía es protoplasmática

E.: está bien

I.: es decir / yo ya sé que en determinadas tal cual lo **los agarra uno de repente a esos muchachos** luego / y aún los que los que llegaron al liceo ya se han salvado bastante

E.: mhm

I.: caerles con la poesía para entregárselas así vamos a estudiar tal poeta / no sirve / ya no están en condiciones de poderlos recibir / yo digo pero la poesía de las cosas la poesía del mundo la poesía de estar vivo nomás / los maestros las tienen que poder transmitir / y a ellos más que a nadie

(67)Referente [+específico]

E.: está bien / y ¿cuándo salís con tus amigas? / por ejemplo ¿los fines de semana? bueno contame ¿qué hacés?

I.: los fines de semana / bueno / trabajo también viernes y sábados

E.: sí / ¿dónde trabajás?

I.: en una pizzería / soy moza

E.: uhm

I.: desde ocho de la noche hasta las dos de la mañana

E.: pa

I.: sí / y bueno y después los fines de semana / los viernes o los sábados / algún día salimos a bailar con mis amigas // y si no los sábados también voy a ver handball que una de mis amigas tienen este / juegan // y entonces las vamos a ver a los partidos que juegan los sábados de tarde // y tengo **otras amigas que también juegan el domingo en otro campeonato de handball**

E.: claro

I.: entonces también las vamos a ver a **las vamos a ver a las otras amigas**

(68)Referente [-específico]

E.: claro / pero son edades porque / todos todos pasan / J por ejemplo antes comía/ mucho más variado / igual ella come verduras porque le gusta / de repente te pide un morrón una zanahoria / ella se lo come / pero antes le / le gustaba más la comida prepara<alargamiento/>da así / ahora es más exquisita / si son fideos no quiere con tuco

I.: ah / sí

E.: si es polenta solo con aceite / viste que antes no / se lo comía con tuco y no hacía problema / ahora / este / igual yo no le hago comida especial / le digo es lo que hay

(...)

E.: ¿y **la fruta** y eso?

I.: come manzana

E.: manzana

I.: manzana verde / banana también

E.: mirá

I.: en licuado come / ¿viste?

E.: en licuado

I.: yo se lo hago con leche / como no **la ve la fruta**

E.: claro

I.: le meto una pera / una banana / manzana

E.: le ponés todo

I.: entonces ahí al licuado le pongo bastante azúcar y se las manda

(69) Referente [-específico]

I.: tenía ganas de ir a pescar

E.: de empezar / o ¿o ya pescás?

I.: no había pescado antes

E.: sí

I.: pero ahora tengo ganas de volver a a empezar a pescar

E.: sí está bueno / sí / mi hermano siempre pescó / con con reel pero bueno eso yo eso no sé como es / pero con calderín está está bárbaro

I.: yo tiraba con la casera

E.: ¿qué es eso?

I.: era era con **una lata**

E.: sí

I.: vos **la abrías la lata** / le sacabas la la tapa

E.: ¿una lata de qué de arvejas? / ponele una latita

I.: no no una lata grande de de / de durazno en almíbar una cosa así

E.: ah ta

Em (66) e (67), podemos observar exemplos de ocorrências de duplicação com referente [+específico]. No fragmento (66), o entrevistador e o entrevistado estão falando da educação das crianças. O referente do objeto mais próximo à duplicação aparece quando o entrevistado está falando de “los más chiquitos”, que, na realidade, é uma especificação de “los chiquilines”, mencionado anteriormente no mesmo fragmento. O uso de “los más chiquitos” evidencia que o falante está delimitando a entidade à qual se refere, o que confere uma leitura [+específica] ao referente. Já em (67), considerando que o referente “otras amigas que también juegan el domingo en otro campeonato de handball” seja tido como [-definido], podemos pensar, em um primeiro momento, que se trata de um sintagma [-específico]. No entanto, o falante também especifica o sintagma ao dar a informação de que está se referindo às outras amigas que jogam em outro campeonato de handball, isto é, não se trata de quaisquer amigas, o que torna o sintagma [+específico].

Por outra parte, em (68) e (69), vemos dois fragmentos em que a duplicação de clítico tem referente [-específico]. A sentença “No la ve la fruta”, em (68), se insere em um momento da entrevista em que o entrevistado fala que seu filho ingere frutas quando toma vitamina. O referente é “la fruta”, mas o falante menciona diferentes frutas (“manzana”, “manzana verde”, “banana”), o que evidencia que, ao tratar de “la fruta”, o falante não se refere a uma fruta em especial. Desse modo,

atribuímos ao referente uma leitura [-específica]. O exemplo (69) tem como referente “una lata” e, mais uma vez, o contexto da entrevista é importante para que possamos analisar a marcação do traço de especificidade. Nesse contexto, o entrevistado conta ao entrevistador sobre que ferramenta utilizava para pescar e, inicialmente, se refere a uma lata sem especificar de que tipo de lata está tratando. Posteriormente, o entrevistado delimita que está se referindo a uma lata de pêssego em calda, especificando o referente. Assim sendo, o referente do objeto ainda é [-específico] no momento da duplicação.

Além disso, tendo em vista que comentávamos anteriormente ocorrências de duplicação de acordo com o traço de definitude do referente, retomamos que, segundo Leonetti (1999b), há uma tendência de que os sintagmas [+definidos] sejam [+específicos] e vice-versa. No entanto, como salienta o autor, essa relação não é uma regra, o que pode ser confirmado através dos exemplos apresentados em (62), (67) e (68). Em (62), o referente “al doctor” é [+definido], mas possui uma leitura [-específica]. O falante não se refere a um médico específico e pergunta como o interlocutor trata um médico de uma maneira geral. Isso se confirma, inclusive, pela resposta do entrevistado, que, por sua vez, é mais específico e afirma ter um tipo de tratamento para alguns médicos e outro tipo para outros. O exemplo (68) segue pelo mesmo caminho, visto que o seu referente seria [+definido] e [-específico]. “La fruta” é utilizado pelo falante para se referir a mais de uma fruta, como já mencionado no parágrafo anterior. Já o exemplo (67) retrata justamente a situação inversa, isto é, o referente “otras amigas que también juegan el domingo en otro campeonato de handball” é [-definido], mas é interpretado como [+específico], porque não diz respeito a amigas quaisquer. O falante, ao utilizar “que también juegan el domingo en otro campeonato de handball”, introduz uma informação que especifica de que outras amigas está tratando.

O principal objetivo desta dissertação, como já mencionado, foi descrever os dados de duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa em contexto anafórico com sintagma pleno pós-verbal. Para realizar essa descrição, definimos como fatores de análise os traços de animacidade, definitude e especificidade do referente do objeto. Em seguida, apresentamos um gráfico que reúne os resultados da marcação dos três traços nas 17 ocorrências analisadas. Embora não pretendamos chegar a conclusões sobre esses fatores como condicionadores das ocorrências de duplicação, podemos, a partir desse gráfico, dissertar acerca de tendências sobre esses traços do referente nos dados de duplicação analisados.

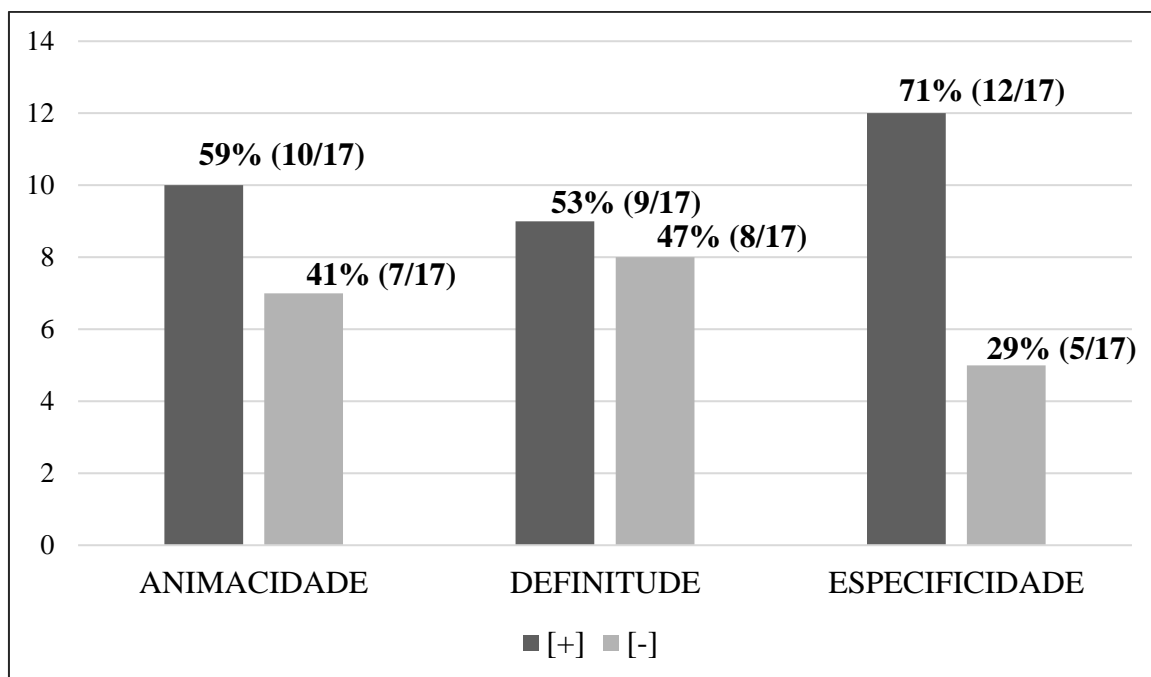


Gráfico 5. Os traços de animacidade, definitude e especificidade do referente na duplicação de clítico.

No gráfico apresentado, podemos observar que a maioria dos dados aponta para uma marcação [+] dos traços, isto é, a maioria das ocorrências é de referente [+animado], [+definido] e [+específico]. Entretanto, verificamos que a porcentagem que cada traço possui para cada marcação é diferente, o que pode indicar que os traços não tenham a mesma relevância. O que mais chama a nossa atenção é o traço de especificidade. Esse traço, de certa forma, se destaca, visto que 71% das ocorrências são de referente [+específico], enquanto 59% dos dados são de referente [+animado] e 53% de referente [+definido]. Considerando a porcentagem mais expressiva de referentes [+específicos] em comparação aos referentes [+animados] e [+definidos], o traço [+específico] do referente parece ser mais relevante para a descrição dos dados de duplicação com objeto direto e sintagma pleno pós-verbal. Os números não tão expressivos da marcação [+] de animacidade e definitude, por outro lado, podem indicar que esses traços não sejam tão relevantes para a descrição desse tipo de duplicação.

Para esta dissertação, levantamos a hipótese de que a duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa em contexto anafórico com sintagma pleno pós-verbal ocorreria, preferencialmente, em contextos de referente [+animado], [+definido] e [+específico]. No que tange aos três traços analisados, observamos que a maioria das ocorrências de duplicação encontradas corresponde à marcação prevista na hipótese, já que, como mencionado acima, 59% dos dados é de referente [+animado], 53% de referente [+definido] e 71% de referente [+específico]. Esses resultados,

considerando o universo das 18 entrevistas analisadas, confirmam a hipótese apresentada. Para além disso, podemos pensar na relevância desses traços para o estudo realizado. Embora, na análise dos três traços, a marcação do referente da maioria das ocorrências seja [+], o traço que parece ser mais relevante para a descrição dos dados da duplicação de clítico estudada é o traço de especificidade. Entretanto, ressaltamos que essas conclusões não são categóricas. Isto é, não podemos afirmar que, nos casos da duplicação em questão, a preferência será sempre por referentes [+específicos]. Essa é apenas uma tendência que observamos a partir da análise de dados que fazem parte da amostra utilizada nesta dissertação. Além disso, pode ser uma tendência observada, inclusive, no estudo de outros tipos de duplicação de clítico.

Em seguida, apresentamos mais uma seção de análise, que, por sua vez, está voltada para um ponto de discussão que não estava previsto inicialmente, mas que suscitou nosso interesse na análise do referente das ocorrências de duplicação. Retomamos o estudo de Correa (2003) apresentado em 2.3. e levantamos uma problematização acerca de o que seriam os contextos anafóricos de produção da duplicação de clítico com objeto direto e sintagma pleno pós-verbal no espanhol.

4.3. STATUS INFORMACIONAL DO REFERENTE: UM *CONTINUUM* ENTRE CONTEXTO ANAFÓRICO E CONTEXTO DÊITICO

Este estudo se dedicou à descrição das ocorrências de duplicação de clítico de acordo com os traços de animacidade, definitude e especificidade do referente. No entanto, com a análise dos dados, chegamos a outro ponto de discussão que pode ser interessante para a descrição da duplicação em questão.

Na seção 2.3 desta dissertação, ao tratarmos da duplicação com objeto direto e sintagma pleno pós-verbal, recuperamos o estudo de Correa (2003). Segundo o autor, nesse tipo de duplicação, é possível observar dois tipos de clítico diferentes de acordo com o status informacional do objeto: clíticos anafóricos e clíticos dêiticos. O clítico é considerado anafórico quando o sintagma envolvido na duplicação recupera uma informação “velha” e dêitico quando se refere a uma informação “nova”. Tendo em vista essa cisão, definimos como nosso escopo os dados de duplicação em contexto anafórico.

Analisando dados de duplicação em contexto anafórico, chegamos à conclusão de que talvez fosse interessante discutir essa questão. O estudo de Correa (2003) se dedica, mais especificamente, aos casos de contexto dêitico, mas apresenta algumas considerações sobre as ocorrências anafóricas. Para explicar tais ocorrências, o autor afirma que o falante recorre a um sintagma pleno correferente ao clítico pelo fato de o clítico apenas não ser suficiente para recuperar o seu referente, talvez por uma questão de ambiguidade ocasionada pela distância entre o referente e o momento de retomada. Entretanto, em nossos dados, não vemos apenas casos de contexto anafórico em que o referente é ambíguo. Há também ocorrências de duplicação em contexto anafórico em que o referente não é ambíguo e está bastante próximo à construção de duplicação. Isto é, as justificativas apresentadas por Correa (2003) não se aplicariam a todos os casos de duplicação de clítico em contexto anafórico.

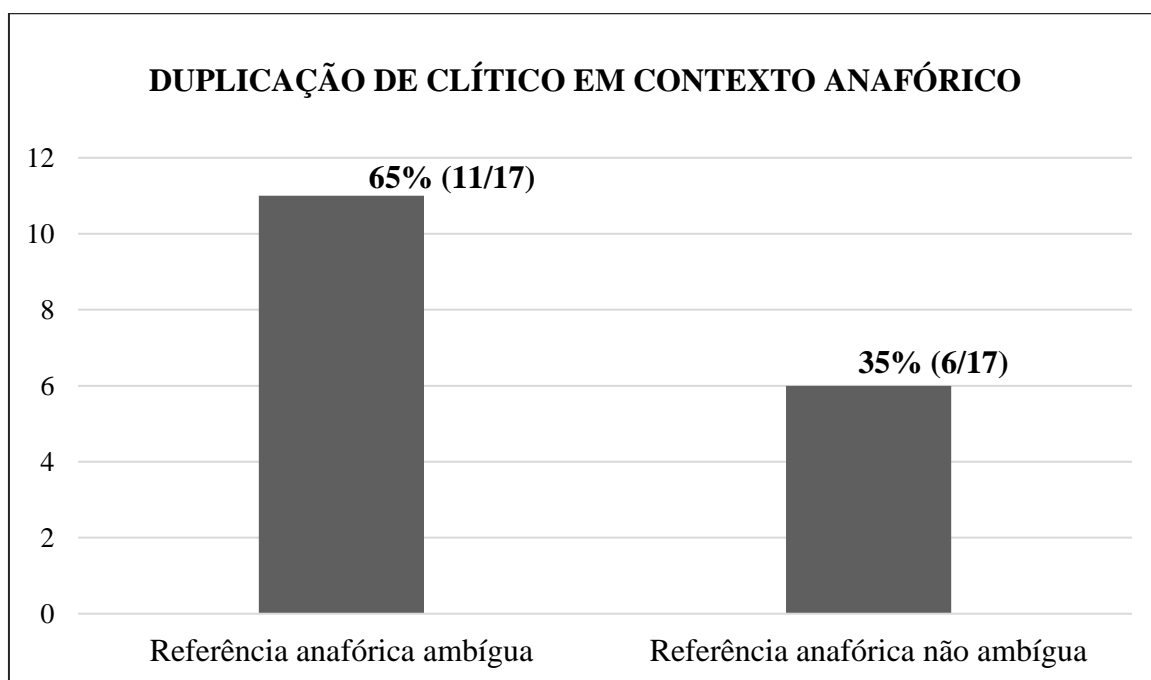


Gráfico 6. Ocorrências de duplicação de clítico em contexto anafórico.

No gráfico anterior, verificamos a quantidade de ocorrências de duplicação de clítico em contexto anafórico de referência ambígua e de referência não ambígua. Esclarecemos que, nesse gráfico, consideramos apenas as 17 ocorrências que foram, de fato, analisadas na seção anterior. Dessas 17 ocorrências, 11 (65%) são de duplicação de clítico em que o referente é ambíguo, por estar afastado do momento de retomada ou por qualquer outra razão. As outras seis ocorrências (35%) são de referente não ambíguo, geralmente bastante próximo da construção de duplicação produzida.

A seguir, recuperamos alguns exemplos dos dados analisados nesta dissertação, começando por ocorrências em que o referente é ambíguo e, assim, pode ter motivado a presença do sintagma pleno junto ao clítico em contexto anafórico.

(70)

I.: ¿no se vio más con la madre? ni nada

E.: se ve / sí / ahora la madre se mudó para / para Lagomar / él cuando la tenía cerca iba mucho / pero ahora se mudó para Lagomar la madre

I.: claro

E.: seguro / solo él no puede ir a Lagomar

I.: claro // ¿y **la madre** no lo viene a buscar / eso no?

E.: ah / no no no // si lo ve por ahí le dice bueno mañana vas un ratito / te paso a buscar y jugarás con tu hermano / porque aparte ahora lo separó del hermano // porque cuando estaba ahí el hermano lo traían a jugar

I.: claro

E.: él venía ahí / y él iba allá y jugaba con él allá

I.: claro

E.: está está más raro porque claro / lo separaron también del hermano

I.: claro

E.: porque como quieras es el hermanito

I.: y sí / claro

E.: entonces

I.: claro

E.: no sé / pobrecito / él también / él pregunta por el hermanito

I.: por supuesto / lo debe extrañar

E.: lo debe extrañar porque él jugaba mucho con el hermanito / porque lo veía ahí y jugaban a la pelota / a veces lo traía

I.: claro

E.: mismo A la de hija de lo traía a jugar y él venía ahí y jugaba con ellos

I.: claro

E.: porque estaba cerquita

I.: claro

E.: viste // se quedaba mucho con mi hijo porque / a veces se quedaba con con C / ¿viste?

I.: claro

E.: el padre de J se quedaba mucho y bueno pero // ahora está en Lagomar y no **la ve a la madre** y él no ve al hermano tampoco

(71)

E.: claro / pero son edades porque / todos todos pasan / J por ejemplo antes comía/ mucho más variado / igual ella come verduras porque le gusta / de repente te pide un morrón una zanahoria / ella se lo come / pero antes le / le gustaba más la comida prepara<alargamiento/>da así / ahora es más exquisita / si son fideos no quiere con tuco

I.: ah / sí

E.: si es polenta solo con aceite / viste que antes no / se lo comía con tuco y no hacía problema / ahora / este / igual yo no le hago comida especial / le digo es lo que hay

(...)

E.: ¿y **la fruta** y eso?

I.: come manzana

E.: manzana

I.: manzana verde / banana también

E.: mirá

I.: en licuado come / ¿viste?

E.: en licuado

I.: yo se lo hago con leche / como no **la ve la fruta**

E.: claro

I.: le meto una pera / una banana / manzana

E.: le ponés todo

I.: entonces ahí al licuado le pongo bastante azúcar y se las manda

(72)

I.: o sea / el vos lo dejo para muy entre casa // es más / uso el usted / con mi hijo / cuando / estoy enojada //

E.: sí / claro // bueno / a ver / si una persona mayor que tú / que sea hombre o mujer no importa / a quien a quien le preguntás algo en la calle por ejemplo una dirección o algo así

I.: usted

E.: usted

I.: sí

E.: usted ¿y a tu médico / por ejemplo? si es que lo conocés de mucho

I.: no / de tú / lo conozco de hace muchos años

E.: ¿tú?

I.: sí

E.: si fuera un médico que ves por primera vez?

I.: usted

E.: ¿y los vecinos / con los que no tenés suficiente / tienes tenés voy a usar usar voseante el verbo / así / con los que no tenés mucho contacto / vecinos con los que no tenés mucho contacto?

I.: y lo que pasa

E.: a ver pensá una situación donde

I.: sí // no porque si alguna vez tuve un contacto / eeh / ese primer contacto eh indudablemente fue de usted // si la persona no me dice absolutamente nada lo más probable es que yo siga tratándola de usted a menos que me diga no tú a mí tuteame / entonces / ya mi trato cambia / por más que yo a esa persona la vea una vez por año / si / me hizo esa aclaración yo la voy a tutear //

E.: muy bien

I.: no la voy a tratar de vos a una persona mayor / o sea / lo más

No exemplo (70), o referente da duplicação é “la madre”, que, por se tratar de um contexto anafórico, já havia sido mencionado anteriormente no diálogo. Contudo, há uma certa distância entre a última vez em que esse referente é mencionado e o contexto em que é retomado, e, além disso, próximo da duplicação, há uma menção a outra entidade que poderia ser recuperada pelo clítico de 3ª pessoa feminino singular “la”. Em (71), o referente “la fruta” não se encontra tão afastado da duplicação presente em “no la ve la fruta”, mas parece que o uso do sintagma pleno se dá para evitar ambiguidade. Depois que o falante menciona “la fruta” pela última vez, faz referência a diferentes frutas, como “manzana”, “manzana verde” e “banana”. O sintagma pleno pode ter se mostrado necessário para que o falante, ao mencionar que faz vitamina para o filho, transmitisse a ideia de que

não se referia a uma fruta em especial, mas às frutas de uma maneira geral. Já na ocorrência apresentada em (72), o referente está afastado do momento de fala e, inclusive, há uma mudança, de certa forma, até brusca no que o indivíduo está falando. Nesse momento da entrevista, o entrevistado responde perguntas sobre que forma de tratamento utiliza para diferentes pessoas. Ao fazer referência a “una persona mayor que tú”, o entrevistador pergunta como é o tratamento geralmente usado para pessoas mais velhas e o entrevistado responde, de forma direta, “usted”. A conversa segue, tocando na questão da forma de tratamento que o entrevistado usa para outros tipos de pessoas, mais especificamente, médicos e vizinhos. Logo depois que termina de falar sobre os vizinhos, o entrevistado volta a falar das pessoas mais velhas com a sentença em que aparece a duplicação: “no la voy a tratar de vos a una persona mayor”. Como, depois de tratar de médicos e vizinhos, o falante recupera o assunto no que diz respeito às pessoas mais velhas, parece fazer-se necessário o uso do sintagma pleno. Inclusive, na sentença anterior, o falante já utilizava o clítico “la”, mas para tratar de uma pessoa que faz parte da vizinhança, o que indica que apenas o clítico “la” não seria suficiente para recuperar o referente pretendido.

As ocorrências apresentadas são casos que conversam com o que aborda Correa (2003). Isto é, são casos de duplicação com objeto direto em contexto anafórico e sintagma pleno pós-verbal em que o referente é ambíguo. No entanto, como já anunciávamos anteriormente, também encontramos ocorrências em que esse não era o caso. A seguir, retomamos alguns exemplos.

(73)

E.: sí / contame / cuando vos vas **al doctor** / por ejemplo / ¿cómo **lo tratas al doctor**? // le ¿lo tratas de usted?

I.: bueno hay algunos que los trato de usted a otros que los trato de che // como ser si voy a J que es conocido // que que este si voy a F que es de / no quiere que lo que lo traten de usted

E.: claro

I.: lo trato / si voy a otro que de repente no / es la primera vez y es una persona ya mayor o e / entonces la trato de usted

(74)

I.: tenía ganas de ir a pescar

E.: de empezar / o ¿o ya pescás?

I.: no había pescado antes

E.: sí

I.: pero ahora tengo ganas de volver a a empezar a pescar

E.: sí está bueno / sí / mi hermano siempre pescó / con con reel pero bueno eso yo eso no sé como es / pero con calderín está está bárbaro

I.: yo tiraba con la casera

E.: ¿qué es eso?

I.: era era con **una lata**

E.: sí

I.: vos **la abrías la lata** / le sacabas la la tapa

E.: ¿una lata de qué de arvejas? / ponele una latita

I.: no no una lata grande de de / de durazno en almíbar una cosa así

E.: ah ta

(75)

E.: claro

I.: ya / en Uruguay el promedio si no me equivoco / es cuatro médicos cada persona

E.: ¿sí?

I.: Uruguay es una bestialidad / ¿no? / y bueno entonces no / digo / ya incluso así como es la carrera / se reciben tantos / si hay esta proporción

E.: ¿**cuatro médicos** por persona? / no tenía ni idea de eso

I.: sí sí sí / claro pero / y sí / claro / no **los ves los médicos** / porque no hay pacientes para contratar / no hay mercado

(76)

E.: ¿a ustedes les robaron?

I.: a a nosotros en el apartamento no pero a mi hija que vive a dos cuadras sí // la dejaron en la lona

E.: ¿ah sí? ¿vive en un apartamento también?

I.: no / en una casita

E.: una casa

I.: una casita // sí / tiene una reja / si yo les hice **una rejas gordas así / las arrancaron las rejas** / claro entraron por los fondos que son casas ahí y trabajaron tranquilos porque / ella se fue a trabajar / y es claro / cuando vino // si son todas casa con fondos y terreno / y son pocas o sea en la cuadra ¿viste?

Nos exemplos apresentados em (73-76), a proximidade entre o referente e a construção de duplicação inviabilizam uma referência ambígua. Em (73), o referente “al doctor” se encontra na mesma fala em que o entrevistador faz a pergunta “¿cómo lo tratas al doctor?” ao entrevistado. No exemplo em (74), a proximidade em questão também é bastante grande. O referente “una lata” se encontra na fala anterior à fala em que aparece a duplicação “vos la abrías la lata”. Já em (75), o referente “cuatro médicos” está na fala do interlocutor, mas, ainda assim, a proximidade entre a fala do interlocutor e a do falante impossibilitaria qualquer ambiguidade. Por fim, em (76), assim como em (73), o referente “una rejas gordas así” se encontra também na mesma fala em que é produzida a duplicação.

Nas ocorrências em (73-76), o referente da duplicação de clítico não se encontra afastado dessa construção. Na realidade, o referente se encontra bastante próximo, o que, de certa forma, não é previsto pela explicação que atribui Correa (2003) aos casos de duplicação em contexto anafórico, isto é, quando o referente é uma informação já dada. Como já discutido anteriormente, nesta dissertação, nosso objetivo não é encontrar uma explicação para esses casos de duplicação. Entretanto, é interessante observar que, mesmo dentro da duplicação de clítico em contexto anafórico, não podemos tratar todas as ocorrências como parte de uma categoria única e uniforme.

Embora, nesta dissertação, nosso objeto de estudo não sejam os casos de duplicação em contexto dêitico, apresentamos, a seguir, alguns exemplos desse tipo de ocorrência presente no *corpus*

utilizado⁷⁶.

(77)

E.: uhm ¿sos de ir a conciertos o a toques?

I.: sí / sí / me encanta ir // me encanta mucho

E.: ¿a cuáles has ido últimamente?

I.: fui a ver a Julieta Venegas / ahora en diciembre voy a ver a Serrat / ya tengo la entrada /

E.: ¿viene? I.: sí E.: ¡ay! ¿por qué nunca me entero?

I.: el primero y dos

E.: primero y dos de diciembre

I.: sí / sí

E.: ¡ah! / ¡ahí querría ir!

I.: sí

E.: nunca me entero me tienen que avisar / no sabía / no tenía idea

I.: yo tampoco sabía / me dijo mamá y Cecilia

E.: ¿sacaron entrada todas juntas?

I.: sí

E.: ah ¿por qué no me avisaron?

I.: pero bueno / lo podés sacar porque / vamos a las generales

E.: sí pero ya no vamos a ir juntas / ah ta claro

I.: pobre

E.: ah las generales capaz que si saco me engancho con ustedes porque aquel no

E.: para que me acompañe imaginate / primero / ¿y para qué día sacaron ustedes?

I.: para el dos

E.: para el dos de diciembre

I.: sí

E.: ¿y hay entradas todavía?

I.: no sé / yo la saqué como hace dos semanas / capaz que las anticipadas ya pasaron / capaz

E.: ah

I.: que hay descuentos y todo eso /

E.: voy a averiguar / ¿dónde se sacan en Abitab?

I.: en Red UTS me parece que en el Red Pagos

E.: Red Pagos / ¡ay nunca me entero yo! / te juro / ¿qué **lo pasaron en la tele el reclame?**

I.: yo no lo / yo no lo vi en ningún lado

E.: si lo pasan en la tele no lo voy a ver porque no veo tele

I.: yo tampoco

⁷⁶ Ressaltamos que, na rodagem dos dados para a análise dos traços do referente, não foram considerados casos de duplicação de clítico de objeto direto com sintagma pós-verbal em contexto dêitico. Apenas levamos em consideração esses dados nesta seção, quando discutimos a questão que diz respeito ao status informacional do objeto. Nossa finalidade com isso é apresentar alguns exemplos de contexto dêitico em contraste aos dados de contexto anafórico.

(78)

I.: porque / este / cuando est remataron esa casita ellos se ve que la compraron la compraron / bueno / y la agrandaron ¿viste? / pero todavía no la terminaron

E.: ah porque ¿no están más lo que dejaban el camión?

I.: no esos / a esos se la remataron

E.: ¡aah!

I.: a esos / a esos pobres se la remataron / se ve que / se habían metido en más deudas que que podían pagar y y esta la deben de haber comprado regalada / hicieron todo un chalet ¡semejante chalet de grande!

E.: nunca habían mirado

I.: bueno este / el chalet ese / pero todavía no lo terminaron

E.: uhum

I.: porque están las ventanas pero nada más no están ni con rejas ni con vidrios ni nada / así que no / ya te digo no sé // se ve / el único que se ve más es el perro

E.: ¡el perro!

I.: sí se ve // ese es el perro / pero si no / ni sabés como se llaman ni como nada porque no // esta señora de al lado se mudó fue buenísimos vecinos // pero entonces buen día buenas tardes ¿cómo está? ¿cómo le ? nada más / después este / están los padres de Enrique y eso también E.: claro I.: la la muchacha del quiosco / está esta otra casa nueva que hicieron / no

la conozco a la mujer

E.: ¿la de al lado?

I.: sí / esta de al lado no / la otra

(79)

E.: eeh ¿pero tenés grandes aspiraciones del punto de vista económico?

I.: no

E.: ¿algo que te motiva digamos hoy?

I.: no E.: **vamos terminándola ya la entrevista** / ¿qué te gusta leer / además de química?

I.: poco / poco pero en verano cuando tengo mucho tiempo / novelas de crímenes

Os exemplos (77-89) são ocorrências de duplicação de clítico em contexto dêitico, sendo assim, os sintagmas plenos envolvidos na duplicação são pronunciados pela primeira vez no momento em que os falantes produzem a construção de duplicação. Em (77), “el reclame” introduz a referência a um anúncio de determinado concerto musical. Já em (78), “a la mujer” apresenta uma referência a uma mulher que vive em uma casa nova da vizinhança. Por fim, no exemplo (79), o sintagma “la entrevista”, além de aparecer pela primeira vez nesse momento, é um caso de dêitico espacial, visto

que faz referência à entrevista que estava acontecendo.

Observando ocorrências de duplicação de clítico em contexto anafórico – de referente ambíguo e de referente não ambíguo – e também ocorrências de contexto dêitico, acreditamos que pode ser pertinente pensar na noção de *continuum* para tratar essa classificação que diz respeito ao status informacional do objeto. Considerando esses três tipos de dados que apresentamos, pensamos no que poderia ser um *continuum* entre contexto anafórico e contexto dêitico, como mostra a figura a seguir.

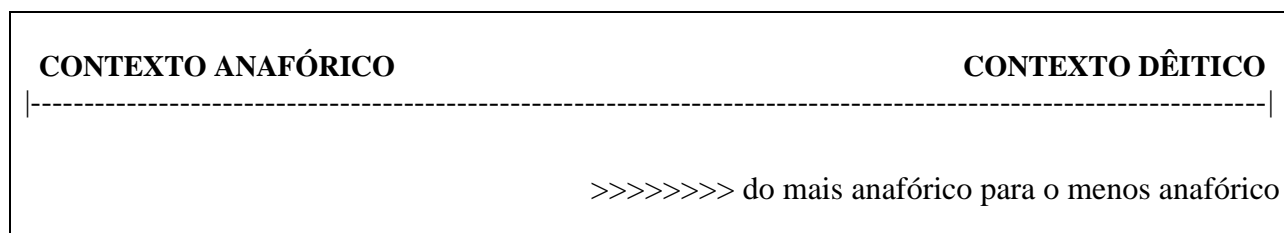


Figura 6. *Continuum* entre contexto anafórico e contexto dêitico.

Conforme é possível observar na figura 6, acreditamos que os contextos anafórico e dêitico são polos de uma escala, visto que há casos de duplicação de clítico analisáveis prototipicamente como anafóricos (exemplos 73-76) ou dêíticos (exemplos 77-79) e outros mais difusos. Pensando no status informacional do referente, os casos prototipicamente anafóricos seriam aqueles em que o clítico por si só poderia recuperar as informações necessárias do referente, enquanto que os prototipicamente dêíticos configurariam o oposto, casos em que o sintagma se faz necessário por se tratar da primeira menção ao referente. Os casos mais difusos, a nosso ver, seriam aqueles aos quais atribuímos a classificação de contexto anafórico, por conta do status informacional velho do referente, mas que, em virtude da distância do referente, por exemplo, possuem referência ambígua e constituem casos em que o clítico por si só não é suficiente para a retomada do referente (exemplos 70-72).

Nesta dissertação, como já foi dito anteriormente, nosso objetivo não era discutir o status informacional do referente, mas, a partir do que observamos na análise dos traços do referente das ocorrências de duplicação de clítico em contexto anafórico, chegamos a essa discussão. Destacamos que a finalidade desta seção é propor uma relativização do que seria contexto anafórico e mostrar que não podemos tratar das ocorrências de duplicação de clítico de objeto direto com sintagma pleno pós-verbal simplesmente em termos de contexto anafórico e contexto dêitico, sem considerar diferentes nuances que podem apresentar os dados. Para chegar a uma proposta, de certa forma, mais substancial

e até para chegar a diferentes nuances que não foram observadas nos dados analisados, ressaltamos que pode ser relevante o desenvolvimento de um estudo mais centrado nessa questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, nos dedicamos ao estudo do fenômeno da duplicação de clítico no espanhol, mais especificamente dos casos de duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa em contexto anafórico com sintagma pleno pós-verbal. Para trabalhar em uma descrição desse fenômeno, definimos, com base em uma revisão de literatura, a análise dos traços de animacidade, definitude e especificidade do seu referente como ponto de partida⁷⁷.

Como foi tratado no capítulo 2, estudos relevantes na literatura que diz respeito ao fenômeno da duplicação de clítico no espanhol se propuseram a entender o que é necessário para que uma construção de duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa com sintagma pleno pós-verbal ocorra. Entretanto, as propostas de tais estudos, como os de Rivas (1977), Jaeggli (1981) e Suñer (1988), não chegam a um consenso. Tendo isso em vista, inicialmente, nosso objetivo com este estudo era verificar o que, de fato, condicionaria a ocorrência da duplicação em detrimento de uma construção em que houvesse apenas a retomada do objeto pelo clítico. Como mencionado acima, definimos como fatores de análise três traços que já haviam sido abordados nos estudos citados: animacidade, definitude e especificidade. No entanto, com uma análise inicial dos traços do referente da duplicação em cinco entrevistas, chegamos à conclusão de que nenhum dos fatores analisados seria condicionador da duplicação de clítico estudada.

Assim sendo, redefinimos nosso objetivo e nos propusemos a descrever os dados de duplicação de clítico sem a intenção de apresentar um fator condicionador para sua realização, mas sim com a finalidade de fazer um levantamento dos seus contextos de ocorrência. Para dar conta desse objetivo, recorreremos a uma análise de *corpus* realizada com 18 entrevistas orais transcritas de falantes de Montevideu disponibilizadas pelo PRESEEA. A partir da revisão de literatura que incluía os estudos acima mencionados, tomamos como hipótese para esta dissertação a de que a duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa em contexto anafórico com sintagma pleno pós-verbal tende a ocorrer em contextos de referente [+animado], [+definido] e [+específico].

No que diz respeito ao traço de animacidade, verificamos que a maioria das ocorrências foi de referente [+animado]. Entretanto, também foram encontradas ocorrências de referente [-animado],

⁷⁷ Destacamos, mais uma vez, que, por mais que tenhamos partido da revisão de literatura para chegar aos traços de animacidade, definitude e especificidade, os estudos revisados não tratam da análise do referente da duplicação, mas sim do sintagma envolvido nessa construção. Recuperamos, para esta dissertação, os traços mencionados pelos estudos, mas centramos nossa análise nos traços do referente.

o que está de acordo com as conclusões de Groppi (2001), que, em resposta aos estudos anteriores, aponta que haveria casos de duplicação com sintagma [+animado] e [-animado]⁷⁸. Ainda no que tange ao traço de animacidade, nesta dissertação, associamos tal traço ao uso da preposição “a” junto ao sintagma de objeto direto. Dessa maneira, embora não tenhamos considerado a presença da preposição como um dos três fatores centrais de análise, pudemos tecer alguns comentários em relação a isso ao analisar a marcação do traço de animacidade. Concluímos, pelos dados analisados, que realmente parece haver uma relação entre a preposição “a” e o traço de animacidade. Por um lado, a maioria dos dados de referente [+animado] correspondia a casos de sintagma encabeçado pela preposição “a”, enquanto que, por outro, a maioria dos dados de referente [-animado] correspondia a casos de sintagma não encabeçado pela preposição.

Além disso, no que se refere à presença da preposição “a” junto ao sintagma envolvido na construção de duplicação, encontramos ocorrências de duplicação em que o sintagma não é encabeçado pela preposição. Dessa maneira, retomando as hipóteses representacionais apresentadas na seção 1.4., podemos descartar as abordagens que dependem da generalização de Kayne. Isto é, como há ocorrências de duplicação em que não há preposição junto ao sintagma, as hipóteses do movimento e da geração na base poderiam ser descartadas. Das abordagens apresentadas, as hipóteses da concordância e do *big DP* são as que parecem dar conta das construções de duplicação de clítico, sendo a hipótese do *big DP*, a nosso ver, a que parece ser mais adequada, por não tratar o clítico com um afixo e considerar o clítico e o sintagma como parte de um mesmo constituinte. Para conclusões mais consistentes a respeito da questão representacional do fenômeno, reforçamos, mais uma vez, a relevância de um estudo que, a partir dos dados de duplicação, discuta a representação sintática do par clítico e sintagma.

Com relação ao traço de definitude, encontramos que a maior parte das ocorrências foi de referente [+definido]. Os estudos revisados na seção 2.3., ao tratarem da duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa com sintagma pleno pós-verbal, não apresentam considerações de acordo com traços do referente, mas sim do sintagma presente na duplicação. Como, nesta dissertação, tratamos, mais especificamente, dos casos de duplicação em contexto anafórico, voltamos nossa análise para os traços do referente. No entanto, depois de realizar essa análise, observamos os

⁷⁸ O traço de animacidade apresenta a mesma marcação para o referente e para o sintagma. Desse modo, mesmo que a nossa análise tenha se centrado no referente do objeto, podemos estabelecer uma relação com o estudo de Groppi (2001), que apresenta considerações sobre o sintagma presente na construção de duplicação.

sintagmas envolvidos na duplicação para ver se haveria alguma mudança na marcação dos traços. O único traço que apresentou resultados diferentes na análise quando olhamos para o referente e quando olhamos para o sintagma foi o traço de definitude, em virtude da presença ou não do determinante. A diferença que encontramos foi que a maioria das ocorrências que tinha referente [-definido] passaria a ter uma marcação [+definida] se considerássemos o sintagma pleno na análise. Isto é, enquanto os referentes dessas ocorrências eram [-definidos], o sintagma, na construção de duplicação, aparecia encabeçado por um determinante que o classificava como [+definido].

Por fim, no que tange ao traço de especificidade, a análise apontou para um referente [+específico] na maioria das ocorrências encontradas. Relacionando os traços de definitude e especificidade, retomamos o que foi mencionado no capítulo 2 ao revisarmos Leonetti (1999b). Segundo o autor, haveria uma tendência à relação entre a marcação dos traços de definitude e de especificidade, isto é, haveria uma tendência de que os sintagmas [+definidos] fossem [+específicos] e vice-versa. Contudo, como aponta o mesmo autor, essa relação é apenas uma tendência, não uma regra, o que pode ser confirmado com a análise dos nossos dados. A maioria das ocorrências, de fato, apresentou uma relação entre a marcação de definitude e especificidade, enquanto que, em algumas ocorrências, a marcação para os traços em questão não foi a mesma.

Observando as marcações de animacidade, definitude e especificidade do referente na maioria das ocorrências analisadas, verificamos que, no universo das 18 entrevistas analisadas, a hipótese de que a duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa em contexto anafórico com sintagma pleno pós-verbal ocorreria, preferencialmente, em contextos de referente [+animado], [+definido] e [+específico] pôde ser confirmada. Apesar do volume pequeno de dados encontrados e da pequena diferença entre a quantidade de ocorrências com referente [+animado]/[+definido] e com referente [-animado]/[-definido], a maioria dos dados foi de referente [+animado], [+definido] e [+específico]. Para além da hipótese, comparando os resultados da análise dos três traços, encontramos que o traço de especificidade seria o mais relevante para a descrição dos contextos de ocorrência da duplicação à qual nos dedicamos. Os traços de animacidade e definitude, por outro lado, se mostraram menos relevantes. Na análise de ambos os traços, a tendência encontrada foi a de que o referente seja [+animado] e [+definido]. Entretanto, as porcentagens que tais traços registraram para a marcação [+] não foram tão expressivas quanto a da marcação [+específica].

Mais uma vez, destacamos que o objetivo deste estudo não foi apresentar conclusões categóricas sobre os contextos em que ocorreria a duplicação de clítico estudada e afirmar quais

seriam os contextos em que esse tipo de duplicação sempre ocorreria. Nosso objetivo foi descrever as ocorrências dessa duplicação de clítico e apresentar as tendências que encontrássemos com a análise das ocorrências encontradas nas entrevistas disponibilizadas pelo PRESEEA de Montevideu.

Para além dos resultados da análise dos traços do referente da duplicação, pudemos também chegar a algumas considerações sobre o status informacional do referente, como foi possível observar na seção 4.3. Para definir o nosso escopo nesta dissertação, recuperamos o estudo de Correa (2003) sobre a duplicação de clítico no espanhol. O autor aponta que, no caso da duplicação em que o objeto é direto e o sintagma pleno se encontra posposto ao verbo, haveria dois tipos de clíticos diferentes de acordo com o status informacional do objeto. Os clíticos anafóricos se refeririam aos casos de informação velha e os clíticos dêiticos se refeririam aos casos de informação nova. Ao tratar brevemente dos casos de clítico anafórico, o autor aponta que esses seriam casos em que o referente é ambíguo (muitas vezes, por estar afastado da duplicação), sendo a retomada apenas pelo clítico insuficiente para recuperar o referente.

Nesta dissertação, nos dedicamos às ocorrências de duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa com sintagma pleno pós-verbal em contexto anafórico. Quando comentamos essas ocorrências no capítulo de análise, verificamos que não haveria apenas um tipo de contexto anafórico. Não apenas encontramos casos em que o referente era uma informação velha e ambígua, mas também casos em que o referente era uma informação já dada, mas não ambígua, por conta da grande proximidade em relação à construção de duplicação. Essa observação nos levou a pensar que há casos de duplicação analisáveis prototipicamente como anafóricos, analisáveis prototipicamente como dêiticos e outros considerados mais difusos. No estudo de Correa (2003), não havia descrição sobre os casos que aqui consideramos como prototipicamente anafóricos, isto é, casos em que não há referência ambígua e o clítico por si só seria capaz de recuperar o referente de maneira satisfatória. As considerações às quais chegamos nos levaram ao que seria um *continuum* entre contexto anafórico e contexto dêitico para os dados da duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa com sintagma pleno pós-verbal. Embora não tenha sido nosso objetivo fazer uma análise sobre o status informacional do referente da duplicação, nossos dados trouxeram esse ponto de discussão. Ressaltamos que um estudo voltado, mais especificamente, para esse assunto pode ser bastante interessante para a literatura do fenômeno em questão.

Como comentado na introdução desta dissertação, não há tantos estudos sobre a duplicação de clítico no espanhol e, muitas vezes, os estudos desenvolvidos sobre esse fenômeno apresentam

conclusões categóricas não consensuais. Acreditamos, assim, que esta dissertação foi relevante, em primeiro lugar, por tratar de um tema que não é tão estudado e oferecer uma possibilidade de descrição do fenômeno através da análise de um *corpus*. Em segundo lugar, pensando na literatura que há para o estudo da duplicação de clítico no espanhol, esta dissertação também traz contribuições no sentido de destacar que generalizações precisam ser revistas, já que reafirma, com a análise de dados apresentada, a desconstrução de paradigmas estabelecidos sobre contextos categóricos de ocorrência da duplicação de clítico de objeto direto de 3ª pessoa com sintagma pleno pós-verbal. Outra contribuição desta dissertação foi a problematização, mesmo que breve, da noção de anafórico atribuída pelo status informacional do referente a ocorrências de duplicação. Essa problematização levou, a nosso ver, à proposta, ainda incipiente, de um *continuum* entre contexto anafórico e contexto dêitico para o estudo da duplicação em questão, que parece ser um ponto interessante a ser abordado mais profundamente em pesquisas futuras.

Nosso intuito foi realizar um estudo de cunho descritivo que permitisse que outros pesquisadores, assim como nós, pudessem compreender melhor o fenômeno abordado através de uma análise de dados que fazem parte de um *corpus*. Desse modo, esperamos que a nossa dissertação possa suscitar o interesse de outros pesquisadores para o estudo da duplicação de clítico no espanhol e, conseqüentemente, servir como referência para tais estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLETTI, A. Extended doubling and the VP periphery. In: *Probus* 17:1-35, 2005.

CAMARA JR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 43.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CAMPOS, H. Indefinite object drop. *Linguistic Inquiry*, v. 17, n. 3, p. 354-359, 1986.

CARDINALETTI A.; M. STARKE. *The Typology of Structural Deficiency. A Case Study of the Three Classes of Pronouns*. In: H. VAN RIEMSDIJK, *Clitics in the Languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter. p. 145-233, 1999.

CARMONA, J.; COSTA, J.; LOBO, M.; SILVA, C. Omissão de clíticos em português europeu: complexidade pós-sintáctica ou verificação de traços? In: *VII ENAL*, Porto Alegre, Out. 2008.

CHOMSKY, N. A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior. *Language*, 35, 1, 26-58, 1959.

_____. *El lenguaje y los problemas del Conocimiento*. / Tradução de Claribel Alegría e D. J. Flakoll. – Universidad Nacional de La Plata, 1988.

_____. *O Programa Minimalista*. / Tradução de E. Raposo – Lisboa: Caminho, 1995.

_____. *Arquitetura da linguagem*. / Tradução de Alexandre Morales e Rafael Ferreira Coelho. Organizadores Nirmalangshu Mukherji, Bibudhendra Narayan Patnaik e Rama Kant Agnihotri. – Bauru, SP: Edusc, 2008.

CINQUE, G. *Types of A' Dependencies*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990.

CORPUS SOCIOLINGÜÍSTICO DE LA CIUDAD DE MONTEVIDEO: PROYECTO PARA EL ESTUDIO SOCIOLINGÜÍSTICO DEL ESPAÑOL DE ESPAÑA Y AMÉRICA (PRESEEA). Disponível em: <http://preseea.linguas.net/Corpus.aspx>

CORREA, P. *Clíticos que duplicam SN's de caso acusativo em espanhol – natureza, funções e representação sintática*. 2003. 188 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2003.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, I. Leísmo, laísmo, loísmo. In: DEMONTE, V. e BOSQUE, I. (Orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999. p. 1317-1397. v. I.

FERNÁNDEZ SORIANO, O. El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. In: BOSQUE, I. e DEMONTE, V. (Orgs.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, 1999. p. 1209-1273. v. I

GILI GAYA, S. *Curso superior de sintaxis española*. 15.ed. Barcelona: Vox, 2000.

GONZÁLEZ, N. T. M. *Cadê o pronome? O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos*. 1994. 451 f. Tese de doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1994.

GROPPI, M. *Pronomes pessoais no português do Brasil e no espanhol do Uruguai*. 1997. 152 f. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1997.

_____. Opcionalidad de la duplicación de clíticos en español. In: Trouche, A. L. e Reis, L. F. (Orgs.). *Hispanismo 2000*. Brasília: Embajada de España, 2001, v. 1, p. 230-239.

JAEGGLI, O. *Topics in Romance Syntax*. Dordrecht: Foris, 1981.

KAYNE, R. *French Syntax: The Transformational Cycle*. Cambridge: MIT Press, 1975.

_____. Romance Clitics, Verb Movement, and PRO. *Linguistic Inquiry* 22: 647–686, 1991.

KOOPMAN, H.; SPORTICHE, D. The position of subjects. *Lingua*, v. 85, p. 211-258, 1991.

LACA, B. Presencia y ausencia de determinante. In: BOSQUE, I. e DEMONTE, V. (Orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999, p. 891-928. v.I.

LAGE, A. C. O traço de animacidade. *Confluência*, Rio de Janeiro, v. 37, p. 215-226, 2010.

LEONETTI, M. *Los determinantes*. Madrid: Arco Libros, 1999a.

_____. El artículo. In: BOSQUE, I. e DEMONTE, V. (Orgs.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, 1999b. p. 787-890. v. I.

_____. Clitics do not encode specificity. In *Proceedings of the Workshop “Definiteness, Specificity and Animacy in Ibero-Romance Languages”*, Georg A. Kaiser and Manuel Leonetti (eds.). Universität Konstanz: Fachbereich Sprachwissenschaft, 2007. p. 111-139. (Arbeitspapier 122)

LOPES, R. E. V. Traços semânticos na aquisição de linguagem. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, nº1, p. 161-178, 2006.

- LÓPEZ ORNAT, S. et al. *La adquisición de la lengua española*. Madrid, Siglo XXI: 1994.
- MIOTO, C. et al. *Novo manual de Sintaxe*. 4.ed. Florianópolis: Insular, 2010.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. Información básica sobre el «Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América – PRESEEA (1996-2010)», *Revista Española de Lingüística*, XXXVI, p. 385-392, 2006.
- NEVINS, A. Multiple agree with clitics: person complementarity vs. omnivorous number. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 29, p. 939-971, 2011.
- PALACIOS, A. Aspectos teóricos y metodológicos del contacto de lenguas: el sistema pronominal del español en áreas de contacto con lenguas amerindias. In: NEUMANN-HOLZSCHUH, I.; NOLL, V.; e ZIMMERMANN, K. (eds.), *El español en América: Aspectos teóricos, particularidades, contactos*, Frankfurt/M, Vervuert, 63-94, 2005.
- POLLOCK, J. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, p. 365-424, 1989.
- RAPOSO, E. P. *Teoria da Gramática: A faculdade da Linguagem*. Caminho: Lisboa, 1992.
- RIVAS, A. M. *A Theory of Clitics*. PhD dissertation, MIT, 1977.
- SEBOLD, M. M. R. Q. *Retomada do objeto no espanhol e no português do Brasil e o aprendizado de espanhol L2 por falantes brasileiros*. 2005. 194 f. Tese de doutorado – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2005.
- SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística y pragmática del español*. Washington D.C: Georgetown, 2001.
- SKINNER, B. F. *Verbal Behavior*. Cambridge, MA: B. F. Skinner Foundation, 1957.
- SUÑER, M. The role of agreement in clitic-doubled constructions. *Natural language & linguistic theory* 6. p. 391-434, 1988.
- URIAGEREKA, J. Aspects of the syntax of clitic placement in Western Romance. *Linguistic Inquiry*, 25:79-123, 1995.
- VON HEUSINGER, K.; KAISER, G. A. The evolution of differential object marking in Spanish. In: K. von Heusinger, G.A. Kaiser & E. Stark (eds.) *Proceedings of the Workshop "Specificity and the Evolution / Emergence of Nominal Determination in Romance"*. Fachbereich Sprachwissenschaft, Universität Konstanz, 2005. p. 33-69. (Arbeitspapier 119)

ANEXOS

Apresentamos, a seguir, os fragmentos das entrevistas analisadas correspondentes às ocorrências de duplicação de clítico encontradas e apresentadas no quadro 2.

(1)

I.: no / a veces mis hijos son grandes / a veces **N** está mal / hay veces que le llevo carne / le pregunto qué quiere / si precisa una sábana / le llevo una sábana // y tiene treinta años / imaginate / digo / dejar eso tan chiquitito

E.: claro

I.: no sé / yo qué sé / dos por tres

E.: sí / además cómo sos vos que

I.: tuvo todo lo que quiso / tuvo todo lo que quiso / todo / se le dio todo todo todo / pero bueno / ya está / viste / ya está / ya es así

(...)

E.: claro // ¿y vos tenés amigas / Olga?

I.: tengo dos

E.: dos amigas // ¿que son de hace tiempo?

I.: sí // mucho tiempo

E.: mirá // ¿compartiste muchas cosas con ellas?

I.: muchas cosas / de los chicos / más de mi / de los hijos / viste

E.: claro

I.: porque ellas dicen tus hijos son mis hijos

E.: mirá / claro

I.: que / incluso / viste / mis hijos / gracias a Dios viste / toco madera sin pata

E.: sí

I.: que nunca / tuve que ir a una comisaría / nunca emborracharse por ahí // y nunca / nada / viste

E.: sí

I.: entonces / a veces yo **lo rezongaba a N** y él me decía dejalo quieto / qué más querés / si nunca tuviste un problema

E.: claro

I.: porque N es / el hijo de B es muy tomador

E.: claro

I.: él salía mucho con él

E.: claro

I.: entonces cada vez que iba a ir a un baile / yo estaba N no tomes esto / N no tomes lo

E.: claro

I.: ¿sabés lo que me decía el hijo de B? // bueno / ya le dijiste de todo a tu hijo / ahora nos vamos // pero / viste / yo qué sé

E.: sí / te da miedo

(2)

E.: el padre de **J** se quedaba mucho y bueno pero // ahora está en Lagomar y **no la ve a la madre** y él no ve al hermano tampoco

I.: claro // ¿y él pregunta / dice algo?

E.: pregunta / ¿así?

I.: claro / claro // sí porque ellos esas cosas no las entienden // no las entienden / claro / dice ahora / cuando mi madre traiga un día a mi hermanito / jugaré con él

E.: claro

I.: porque / algún día lo irá a traer

E.: claro

I.: porque claro / tampoco lo puedo mandar solo para Lagomar

E.: no

I.: ahora el padre se fue a trabajar a Treinta y Tres una semana y él no fue ni al fútbol // no quiso ni ir a la práctica

E.: claro

I.: claro porque solo / porque él iba pero el padre lo iba a buscar

E.: claro

I.: fijate / yo no puedo / porque yo le dije al padre ahora // porque cuando no estaban las chiquilinas yo lo llevaba a la práctica / me quedaba sentada una hora y media ahí en la cancha

E.: claro

I.: y me venía con él // pero ahora tampoco tiene eso / pobrecito

E.: claro

I.: porque no puedo ir a la cancha con las chiquilinas

E.: claro

I.: no me voy a ir con las dos para el club a estar una hora y media con las chiquilinas ahí / que a veces tengo que tomar un ómnibus para venirme / a veces estaba feo o frío / y ahora no puedo

E.: claro

I.: ahora no puedo

E.: pero cuando el padre venga / él retoma el fútbol

I.: sí / él / sí / él retoma / hoy vino y porque ya me dijo que hoy iba a ir a la práctica / pero claro hoy

E.: sí / no / se va a suspender / seguramente

(3)

I.: ya no no / la delincuencia es algo / no salís de noche por lo general y si salís / salís en auto / entonces / no puedo hablar // dicen que hay drogadictos / que hay una zona / que es la zona donde existe **este club de básquetbol que hubo un gran lío** / te acordás acá en

E.: ¿en Miramar?

I.: eh / no / en la cancha de Aguada hubo un lío que / este mataron a / a un chico / o a dos

E.: ah sí / fue el / el año pasado fue eso / sí

I.: el año pasado / dicen que **lo suspendieron a este club de básquetbol que se llama Veinticinco de Agosto**

E.: sí

I.: dicen que esa zona es de porro / de droga y de delincuencia / pero no te puedo / afirmar / es un

E.: sí

I.: sólo un / un boca a boca

(4)

I.: bueno mirá eh tengo dos anécdotas si querés pero no este una que donde corrí peligro / fue eh // manejando una camioneta en la rambla / que agarré un // grasa o alcohol no sé qué era que se desvió la camioneta y choqué contra otro auto y me di contra / el **un paredón que este la ANCAP** ahí que estaba / que ahora lo lo **lo rompí el paredón de la ANCAP** quedó muchos años enfrente a la CONAPROLE / bueno ese fue ahí pero por suerte pare parecía que era muy grave pero / las lesiones fueron relativamente leves

E.: ¿ibas solo?

I.: no / iba con otro amigo

E.: ¿y tu amigo?

I.: no / no sufrió ningún daño / ningún daño / ningún daño

(5)

E.: sí / contame / cuando vos vas **al doctor** / por ejemplo / ¿cómo **lo tratas al doctor?** // le ¿lo tratas de usted?

I.: bueno hay algunos que los trato de usted a otros que los trato de che // como ser si voy a J que es conocido // que que este si voy a F que es de / no quiere que lo que lo traten de usted

E.: claro

I.: lo trato / si voy a otro que de repente no / es la primera vez y es una persona ya mayor o e / entonces la trato de usted

(6)

E.: claro / pero son edades porque / todos todos pasan / J por ejemplo antes comía/ mucho más variado / igual ella come verduras porque le gusta / de repente te pide un morrón una zanahoria / ella se lo come / pero antes le / le gustaba más la comida prepara<alargamiento/>da así / ahora es más exquisita / si son fideos no quiere con tuco

I.: ah / sí

E.: si es polenta solo con aceite / viste que antes no / se lo comía con tuco y no hacía problema / ahora / este / igual yo no le hago comida especial / le digo es lo que hay

(...)

E.: ¿y **la fruta** y eso?

I.: come manzana

E.: manzana

I.: manzana verde / banana también

E.: mirá

I.: en licuado come / ¿viste?

E.: en licuado

I.: yo se lo hago con leche / como no **la ve la fruta**

E.: claro

I.: le meto una pera / una banana / manzana

E.: le ponés todo

I.: entonces ahí al licuado le pongo bastante azúcar y se las manda

(7)

I.: ¿no se vio más con la madre? ni nada

E.: se ve / sí / ahora la madre se mudó para / para Lagomar / él cuando la tenía cerca iba mucho / pero ahora se mudó para Lagomar la madre

I.: claro

E.: seguro / solo él no puede ir a Lagomar

I.: claro // ¿y **la madre** no lo viene a buscar / eso no?

E.: ah / no no no // si lo ve por ahí le dice bueno mañana vas un ratito / te paso a buscar y jugás con tu hermano / porque aparte ahora lo separó del hermano // porque cuando estaba ahí el hermano lo traían a jugar

I.: claro

E.: él venía ahí / y él iba allá y jugaba con él allá

I.: claro

E.: está está más raro porque claro / lo separaron también del hermano

I.: claro

E.: porque como quieras es el hermanito

I.: y sí / claro

E.: entonces

I.: claro

E.: no sé / pobrecito / él también / él pregunta por el hermanito

I.: por supuesto / lo debe extrañar

E.: lo debe extrañar porque él jugaba mucho con el hermanito / porque lo veía ahí y jugaban a la pelota / a veces lo traía

I.: claro

E.: mismo A la de hija de lo traía a jugar y él venía ahí y jugaba con ellos

I.: claro

E.: porque estaba cerquita

I.: claro

E.: viste // se quedaba mucho con mi hijo porque / a veces se quedaba con con C / ¿viste?

I.: claro

E.: el padre de J se quedaba mucho y bueno pero // ahora está en Lagomar y no **la ve a la madre** y él no ve al hermano tampoco

(8)

I.: mirá / tengo una anécdota con eso / yo a yo te / ¿cómo es? / a mí me prestaron una tabla una vez y la tabla esa quedó en casa / se la quise devolver y me dijo no quedátela no se qué / me la quedé / y al mes de eso me la robaron y esa tabla había estado había / mi primo también es shaper / también hace tablas / paréntesis y / él no le / él no le pone números a las tablas y para probar / vos tenés la serie / sabés que esa tabla es tuya // el número tal es de D

E.: ah claro

I.: es como una especie de comprobante que es tuya también esa tabla / ¿no?

E.: como si fuera el motor del auto / el número

I.: claro

E.: que justifica

I.: lo mismo / exactamente lo mismo / entonces / algo sirve / si vos tenés que identificar

E.: claro

I.: **una tabla cuando te la robaron** / decís

E.: porque eso lo dejan tipo sellado / con una marca

I.: claro / eso queda por adentro del del laminado /

E.: claro

I.: o sea que no no / no hay / no hay posibilidad de borrarla

E.: claro

I.: salvo pintando por arriba / pero pintando por arriba es como cuando pintás un motor también

E.: claro

I.: lo podés borrar / si está grabado no hay

E.: ¿y **la encontraste la tabla?**

I.: no / si no tenía número de serie

E.: ah / esa no tenía número / claro

I.: no / nunca la encontré

(9)

I.: tenía ganas de ir a pescar

E.: de empezar / o ¿o ya pescás?

I.: no había pescado antes

E.: sí

I.: pero ahora tengo ganas de volver a a empezar a pescar

E.: sí está bueno / sí / mi hermano siempre pescó / con con reel pero bueno eso yo eso no sé como es / pero con calderín está está bárbaro

I.: yo tiraba con la casera

E.: ¿qué es eso?

I.: era era con **una lata**

E.: sí

I.: vos **la abrías la lata** / le sacabas la la tapa

E.: ¿una lata de qué de arvejas? / ponele una latita

I.: no no una lata grande de de / de durazno en almíbar una cosa así

E.: ah ta

(10)

I.: o sea / el vos lo dejo para muy entre casa // es más / uso el usted / con mi hijo / cuando / estoy enojada //

E.: sí / claro // bueno / a ver / si **una persona mayor que tú** / que sea hombre o mujer no importa / a quien a quien le preguntás algo en la calle por ejemplo una dirección o algo así

I.: usted

E.: usted

I.: sí

E.: usted ¿y a tu médico / por ejemplo? si es que lo conocés de mucho

I.: no / de tú / lo conozco de hace muchos años

E.: ¿tú?

I.: sí

E.: si fuera un médico que ves por primera vez?

I.: usted

E.: ¿y los vecinos / con los que no tenés suficiente / tienes tenés voy a usar usar voseante el verbo / así / con los que no tenés mucho contacto / vecinos con los que no tenés mucho contacto?

I.: y lo que pasa

E.: a ver pensá una situación donde

I.: sí // no porque si alguna vez tuve un contacto / eeh / ese primer contacto eh indudablemente fue de usted // si la persona no me dice absolutamente nada lo más probable es que yo siga tratándola de usted a menos que me diga no tú a mí tuteame / entonces / ya mi trato cambia / por más que yo a esa persona la vea una vez por año / si / me hizo esa aclaración yo la voy a tutear //

E.: muy bien

I.: no **la voy a tratar de vos a una persona mayor** / o sea / lo más

(11)

E.: bueno pero imaginate que sí / que te pudieras

I.: ¡claro! /

E.: sacar

I.: que sacara / con suerte / alguna vez / juego al cinco de oro / alguna vez / pero es muy raro porque no me gusta / este me gusta la lotería / cuando puedo me compro un numerito de lotería eh / sí me gusta / este // bueno si sacara la lotería // y sacara **bastante plata** como para poderlos dejar a todos arreglados

E.: uhum

I.: ¡eso haría! ¡eso haría! / dejaría a todos arreglados

E.: uhum

I.: porque ¿para qué **la quiero yo ahora la plata?**

E.: ¡y bueno!

I.: ¡para mí no la quiero! / ¡ir a pasear no puedo! / porque no tengo con quien ir // y los dos / solos / ahora

E.: bueno / ¡yo te acompaño!

(12)

I.: claro claro que sí y es una realidad y los índices de natalidad de cinco niños por debajo de la línea de pobreza de diez que nacen es la mitad de los uruguayos es espantoso eso ¿no? / eso es horrible es una bomba de tiempo / incontrolable aparentemente ¿no?

E.: exacto

I.: porque ¿cómo se arregla eso? yo me lo planteo

E.: no sé / no sé si tiene solución

I.: no sé

E.: lo que eso es a mí me

I.: a mí se me ocurren soluciones tan extravagantes porque yo digo ¿yo qué haría? y yo apuntaría a primaria // ¿no? / es decir toda la plata que haya para educar a primaria / que chille la universidad que chille

E.: que /

I.: secundaria no importa pero hay que ir al rescate de de **los chiquilines**

E.: sí / de lo nuevo

I.: de lo nuevo que es lo único

E.: exacto

I.: que podemos hablar porque lo otro ya está viciado

E.: claro

I.: ¿no? / entonces yo digo bueno arranquemos / eeh con **los más chiquitos** y al mismo tiempo me planteo sí pero tendría que ser un régimen de internado porque son los hogares de esos niños / los que son el horror

E.: claro

I.: ¿no? / entonces ¿qué? tenerlos mañana tarde y noche / con los maestros comunes y corrientes / no / no

E.: hay que formar mejor también a la gente

I.: no hay que formar mejor a la gente ¿no? / y al mismo tiempo yo pienso con más vuelo con más vuelo

E.: está bien

I.: ¿no? / ah sí yo creo que hay que apuntar al espíritu ¿no? / es decir no sólo que aprendan a leer y a escribir no / como para mí la poesía es protoplasmática

E.: está bien

I.: es decir / yo ya sé que en determinadas tal cual lo **los agarra uno de repente a esos muchachos** luego / y aún los que los que llegaron al liceo ya se han salvado bastante

E.: mhm

I.: caerles con la poesía para entregárselas así vamos a estudiar tal poeta / no sirve / ya no están en condiciones de poderlos recibir / yo digo pero la poesía de las cosas la poesía del mundo la poesía de estar vivo nomás / los maestros las tienen que poder transmitir / y a ellos más que a nadie

(13)

E.: claro

I.: ya / en Uruguay el promedio si no me equivoco / es cuatro médicos cada persona

E.: ¿sí?

I.: Uruguay es una bestialidad / ¿no? / y bueno entonces no / digo / ya incluso así como es la carrera / se reciben tantos / si hay esta proporción

E.: ¿**cuatro médicos** por persona? / no tenía ni idea de eso

I.: sí sí sí / claro pero / y sí / claro /no **los ves los médicos** / porque no hay pacientes para contratar / no hay mercado

(14)

I.: después nos mudamos a Larrañaga que ahora se llama Washington Beltrán y Ramón Anador ahí vivimos unos años / después de ahí / nosotros no nos no nos podíamos sostener porque nuestros parientes pagaban el alquiler y pagaban todo / y se entregó la casa / y mi madre mis dos hermanos / **mi tía y mi primo este que murió** / se fueron a vivir con los parientes ricos / pero afuera a Pirarajá

E.: ¿eso es en Uruguay?

I.: en Uruguay

E.: mirá

I.: en Lavalleja

(...)

I.: estaba para traer a mi mamá y a mi hermano

E.: claro

I.: para que se vinieran a Montevideo / entonces este / bueno al final de muchos / problemas conseguí un apartamento / con un solo dormitorio / living comedor baño y cocina / en

E.: impresionante

I.: en la calle Comodoro Coé

E.: me suena eso / por el Buceo

I.: no acá / acá por donde vivía A

E.: ¡ahhh!

I.: esa plaza que hay ahí por lo de A

E.: ta

I.: bueno y y traje a mamá / y traje a mi hermano // este y mi hermana se quedó un tiempo más afuera / entonces ehh mi jefe de ahí de Kraft y Mesa que era muy bueno / un señor buenísimo / me dijo pero mi hija usted sola no va a poder sostener una familia y un alquiler yo digo pero yo quiero que mi hermano estudie

E.: claro

I.: y él me dijo bueno le vamos a dar un trabajo de medio día

E.: a él

I.: a mi hermano

E.: mhm

I.: para que pueda trabajar y estudiar / entonces hacía / cuatro horas // y entonces yo le dije bueno vos vas a trabajar y la mitad de tu sueldo me lo das a mí / la otra mitad te quedás vos eso lo hizo hasta el sus / llegó a jefe / llegó a ser jefe y todo y se portó muy ¡y bueno! y así fue / después este de ahí de Comodoro Coé ya estábamos / ya trabajaba mi hermana / trabajaba mi hermano / trabajaba yo y trabajaba mi primo / trabajábamos todos / porque al final / como mi primo tampoco este / este que murió / también **los traje a vivir conmigo a mi tía y a mi primo** / imaginate que / era como comedor así hacíamos cama en el suelo / este / un día vino mi hermano con unas botas de madrugada y yo estaba durmiendo en el suelo y me puso la bota sin verme

(15)

I.: el cielo lo ganaré o no lo ganaré pero viste preciso ahora la ayuda

E.: claro

I.: no cuando esté en el cielo

E.: claro

I.: viste / porque es mucho / es mucho para mí

E.: claro

I.: es mucho

E.: sí / sí / sí te entiendo

I.: mucho

E.: te entiendo

I.: es mucho porque a veces dice J ah / sí / dásela a la madre que pero ¿y?

E.: sí

I.: y si les pasa algo a **estas chiquilinas** / ¿qué hago yo / Verónica?

E.: claro

I.: imagínate / S va a cumplir siete años / ¿cómo se la vas a dar a?

E.: sí

I.: a un lado que sepa si ella se va o / o hace mandados y no sabe con quién las deja

E.: claro

I.: ¿quién **las agarra a esas niñas**? // no puedo // por más que tuviera lo que sea sacrificar pero no puedo

E.: claro

(16)

E.: ¿a ustedes les robaron?

I.: a a nosotros en el apartamento no pero a mi hija que vive a dos cuadras sí // la dejaron en la lona

E.: ¿ah sí? ¿vive en un apartamento también?

I.: no / en una casita

E.: una casa

I.: una casita // sí / tiene una reja / si yo les hice **una rejas gordas así** / **las arrancaron las rejas** / claro entraron por los fondos que son casas ahí y trabajaron tranquilos porque / ella se fue a trabajar / y es claro / cuando vino // si son todas casa con fondos y terreno / y son pocas o sea en la cuadra ¿viste?

(17)

E.: está bien / y ¿cuándo salís con tus amigas? / por ejemplo ¿los fines de semana? bueno contame ¿qué hacés?

I.: los fines de semana / bueno / trabajo también viernes y sábados

E.: sí / ¿dónde trabajás?

I.: en una pizzería / soy moza

E.: uhm

I.: desde ocho de la noche hasta las dos de la mañana

E.: pa

I.: sí / y bueno y después los fines de semana / los viernes o los sábados / algún día salimos a bailar con mis amigas // y si no los sábados también voy a ver handball que una de mis amigas tienen este / juegan // y entonces las vamos a ver a los partidos que juegan los sábados de tarde // y tengo **otras amigas que también juegan el domingo en otro campeonato de handball**

E.: claro

I.: entonces también los vamos / **las vamos a ver a las otras amigas**